

COSACNAIFY

DEA

LE

GIOVANNI
BOCCACCIO

NO

Dez novelas selecionadas e anotadas por

MAURÍCIO SANTANA DIAS

com ilustrações de

ALEX CERVENY

SUMÁRIO

- INTRODUÇÃO O mundo que Boccaccio inventou, 9
- Novela de Ciappelletto da Prato, 34
- Novela de Andreuccio da Perugia, 48
- Novela de Masetto da Lamporecchio, 62
- Novela de frei Alberto da Imola, 70
- Novela de Nastagio degli Onesti, 82
- Novela de Federigo degli Alberighi, 90
- Novela de Guido Cavalcanti, 98
- Novela de Peronella, 102
- Novela de Calandrino, 108
- Novela de Natan do Catai, 114

O MUNDO QUE
BOCCACCIO INVENTOU

Maurício Santana Dias

QUANDO GIOVANNI BOCCACCIO COMEÇOU A ESCREVER O *DECAMERON*, A EUROPA tinha acabado de ser devastada pela peste negra de 1348. O quadro geral de *triumfo da morte*, que produziu tanta iconografia na Baixa Idade Média, é o que domina a introdução de sua obra-prima, escrita entre 1349 e 1351 (ou 53) e considerada o marco inaugural da prosa de ficção no Ocidente. Assim, o grande livro das "dez jornadas" ou "cem novelas" nasce de um duplo impulso: fazer o luto dos mortos – durante a peste, Boccaccio perdeu o pai, a madrastra e muitos amigos – e celebrar a vida que prossegue e se regenera.

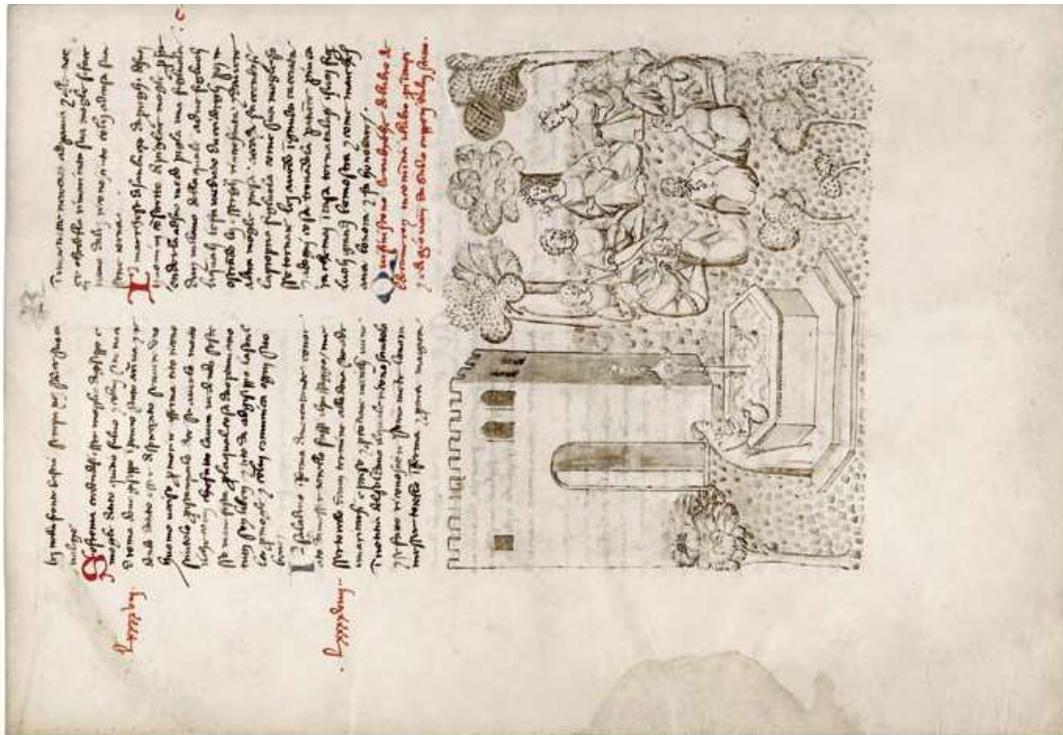
A estrutura do *Decameron* é extremamente complexa e está bem distante das antigas compilações de novelas que lhe antecederam, como o *Novellino*, que recolha anônima de breves contos, ainda muito próximos dos *exempla*, que circulou na Toscana em fins do século XIII. Seu salto em relação àquela literatura é sem dúvida gigantesco, tanto que Erich Auerbach pôde afirmar em um célebre capítulo de *Mimesis*, dedicado à novela de frei Alberto, que de tudo o que "for procurado em tempos anteriores" nada "é comparável a Boccaccio; somente com ele o mundo dos fenômenos sensíveis é inteiramente dominado, ordenado segundo uma consciente convicção artística e apreendido pela linguagem", concluindo que, com Boccaccio, surge "a primeira prosa literária da Europa posterior à Antiguidade"¹:

Após um breve "Proêmio", o *Decameron* se inicia com uma descrição minuciosa do avanço da peste em Florença, cidade das mais atingidas pela epidemia. O autor se detém em seus primeiros sintomas – as erupções na pele dos infectados –, observa as casas de portas trancadas e marcadas por

1 Erich Auerbach, *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental* [1946], Equipe de tradutores da Perspectiva. São Paulo: Perspectiva, 1998, pp. 188-89.

um sinal a indicar que ali havia doentes e, finalmente, expõe os corpos em decomposição espalhados pelas ruas. Hoje se sabe que aquelas descrições tão vívidas foram em boa parte baseadas numa fonte medieval, a *Historia langobardorum*, escrita por Paulo Diacono nos anos 787-89. Do mesmo modo, o título *Decameron* (em grego, "dez jornadas") se inspira no *Hexameron* de Santo Ambrósio, no qual são louvados os seis dias da criação. Mas isso em nada diminui a capacidade criativa de Boccaccio, ao contrário: como bom autor medieval que era, ele reelaborava textos das mais variadas tradições – os clássicos latinos, especialmente Ovídio e Apuleio, os *fabliaux* franceses, os relatos orientais que circulavam no Mediterrâneo, as novelas de cavalaria, a poesia de amor cortês e *stilnovista*, os *cantari* populares, as crônicas dos contemporâneos, Dante etc. etc. – e os transformava em outra coisa. A grande novidade de seu livro está precisamente no modo como ele deu forma a essa outra coisa.

AINDA NA "INTRODUÇÃO" AO LIVRO, O AUTOR PÕE EM CENA AS PERSONAGENS que vão constituir a "moldura" romanesca dentro da qual as cem novelas serão narradas. Sete jovens damas e três cavalheiros se encontram por acaso na igreja de Santa Maria Novella, a mesma que hoje se avista quando se sai da estação ferroviária de Florença. As mulheres estavam ali em busca de abrigo e proteção divina, até que uma delas propõe às amigas uma fuga de Florença para as colinas próximas, ainda preservadas da peste. Todas concordam com a ideia, mas como um grupo de jovens mulheres se deslocaria até lá sem a companhia de cavalheiros que as defendessem em caso de algum ataque? É então que aparecem os três jovens nobres, que prontamente aceitam o convite. Os dez, então, acompanhados de sete criados, partem para uma *villa* senhoril afastada da cidade e ali poderão, em alguma medida, reconstituir o modo de vida que levavam até o caos instaurado pela doença. Em meio ao inferno sombrio de Florença tomada pela peste, abre-se



Grupo dos dez noveladores sentados em círculo e, em primeiro plano, uma criada à beira da fonte. Ilustração de Boccaccio em manuscrito transcrito por Giovanni d'Agnolo Capponi na década de 1360. (Códice Italiano 482, Biblioteca Nacional de Paris).

então uma clareira, o *locus amoenus* que tornará possível o esquecimento da morte por alguns dias.

O final da "Introdução" mostra os hóspedes já instalados em seus aposentos e prontos a passar o tempo em companhia. Mas como o farão? As regras do convívio social que haviam sido desorganizadas pela epidemia começam a se reorganizar entre os dez jovens, que de comum acordo estabelecem uma série de rotinas a serem seguidas por todos, fazendo valer, pelo menos ali, a ordem de uma civilização – civilização típica das aristocracias da Baixa Idade Média – que fora desbaratada pelas forças da natureza. Dentre as normas adotadas, a principal delas – e a que "produzirá" o livro – instituiu que todos, após a sesta da tarde, se reuniriam próximos a uma fonte, sob a sombra das árvores, para contar histórias até a hora da ceia.

ANTES DE TER ESCRITO O *DECAMERON*, BOCCACCIO FOI UM PROLÍFICO AUTOR em língua vulgar. A partir da década de 1330, escreveu poesia lírica, poemas narrativos e épicos, longos ciclos em prosa e um romance psicológico, quase todos numa tentativa de imitar e emular modelos antigos ou medievais. A maioria dessas obras foi escrita ainda em Nápoles, cidade para onde o adolescente Boccaccio se transferiu de Florença em companhia do pai, Boccaccino di Chellino, importante funcionário da família Bardi, que mantinha casas comerciais e bancos na corte napolitana dos Anjou. Pressionado pelo pai a seguir a carreira comercial e, depois, os estudos de direito canônico, Giovanni logo se afastou dessas atividades para seguir sua vocação mais forte, ou seja, a literatura, como ele mesmo declarou em muitos de seus textos.

Em Nápoles, onde passou seus anos de aprendizado entre 1327 e 1340, vivendo intensamente tanto a vida da corte quanto a dos mercados populares – de que é um vivo exemplo a "Novela de Andreuccio da Perugia" –, Boccaccio se dividiu entre as atividades na casa Bardi e a frequentação de um círculo intelectual que incluía filósofos, teólogos, mestres de retórica e

o jurista e poeta Cino da Pistoia (1270–1337), amigo de Dante e o mais jovem dos *stilnovistas*, que muito influenciaria a lírica de Francesco Petrarca (1304–1374). Cino certamente foi decisivo na formação de Boccaccio e no culto que o jovem literato-comerciante passou a devotar a Dante, de quem viria a ser o primeiro biógrafo e comentador.

No entanto, no final de 1340, a casa Bardi entra em falência e Boccaccio retorna a Florença, passando longos períodos na casa natal de Certaldo, cidadezinha a poucos quilômetros da capital da Toscana. É quando escreve aquele que é considerado o primeiro romance psicológico da literatura europeia,² a *Elegia di Madonna Fiammetta*. As dificuldades financeiras o levaram a dedicar-se ao trabalho de copista, ofício que praticamente se extinguiu com o advento da imprensa de Gutenberg, transcrevendo e iluminando grande quantidade de manuscritos antigos e medievais. Aliás, Boccaccio foi o responsável pela descoberta de importantes textos da Antiguidade que estavam esquecidos na abadia de Montecassino, como o *De lingua latina*, de Varrão, a *Pro Cluentio*, de Cícero, e as *Historiae* de Tácito. Pode-se então dizer que Boccaccio foi quem melhor soube condensar, em prosa de língua moderna, os modelos da tradição clássica e medieval com as tendências renovadoras de uma cultura que se tornaria cada vez mais laica.

POR TUDO ISSO, E SOBRETUDO PELA CRIAÇÃO DO *DECAMERON*, BOCCACCIO FOI considerado, ao lado de seu mestre Petrarca, o iniciador do humanismo europeu, tendo aberto caminho à Renascença da passagem dos séculos XV ao XVI. A crítica e a historiografia românticas do século XIX, Jacob Burckhardt e Francesco de Sanctis à frente, logo trataram de enfatizar a *modernidade* de Boccaccio, fazendo de sua obra um divisor de águas entre uma cultura

2 Boccaccio também teria sido o inventor da *ottava rima*, forma que depois seria adotada nos grandes poemas narrativos de Ariosto, Tasso, Camões e tantos outros.

medieval eminentemente religiosa, vista como a "Idade das Trevas", e uma cultura já libertada dos dogmas da Igreja e aberta aos progressos da Razão. De Sanctis, por exemplo, costumava chamar a obra-prima boccacciana de "comédia humana" em nítida contraposição à "divina comédia" de Dante, modelo máximo daquela cultura medieval que estaria sendo superada, num movimento de ruptura sem volta, por Boccaccio.

Hoje sabemos que as coisas não eram assim tão separadas, que a obra boccacciana antecipou, de fato, muito da modernidade laica, mas se manteve firmemente arraigada aos modelos medievais. Tanto é que o mais importante estudioso de sua obra, Vittore Branca, bem à maneira do autor do *Decameron*, apropriou-se da fórmula desanctisiana e lhe adicionou um cor-retivo emprestado ao historiador Johan Huizinga: o *Decameron* seria, então, a "comédia humana do outono da Idade Média" ou, ainda, a grande "epopeia mercantil". A insistência de Branca em um *Boccaccio medievale*, título de seu livro de 1956 reeditado sucessivamente até 1996, não pretendia absolutamente desmerecer ou minimizar as inovações do escritor toscano, mas mostrar como muito do que se imaginava que fosse invenção de Boccaccio era, de fato, uma cuidadosa reelaboração de fontes sobretudo tardo-latinas e clássicas. E é no modo de se apropriar, reescrever e reconfigurar o enorme arquivo do passado que Boccaccio acaba inaugurando uma nova tradição, que terá impacto decisivo em autores como Chaucer, Shakespeare e Cervantes, para não falar dos mais modernos.

VOLTANDO ÀS SETE DAMAS E AOS TRÊS CAVALHEIROS REUNIDOS À SOMBRA DAS árvores, os nomes de quase todos eles derivam de obras anteriores de Boccaccio, numa espécie de autocitação deliberada: Fiammetta (a musa do escritor), Pampinea (a mais velha do grupo, idealizadora da fuga de Florença), Filomena, Emilia, Elissa, Neifile, Lauretta (alusão à musa de Petrarca), Filostrato, Panfilo e Dioneo. Cada um deles tem certo temperamento, uma propensão

a narrativas ora mais melancólicas (as de Filostrato, que em grego seria o "arrasado pelo amor"), ora ingénuas (as de Neifile, a "novata no amor"), ora licenciosas (as de Dioneo, o "luxurioso"). Mas Boccaccio foge aos esquematismos e consegue não transformar seus narradores em meras alegorias de ideias preconcebidas, o que dá mais vida e mobilidade aos relatos.

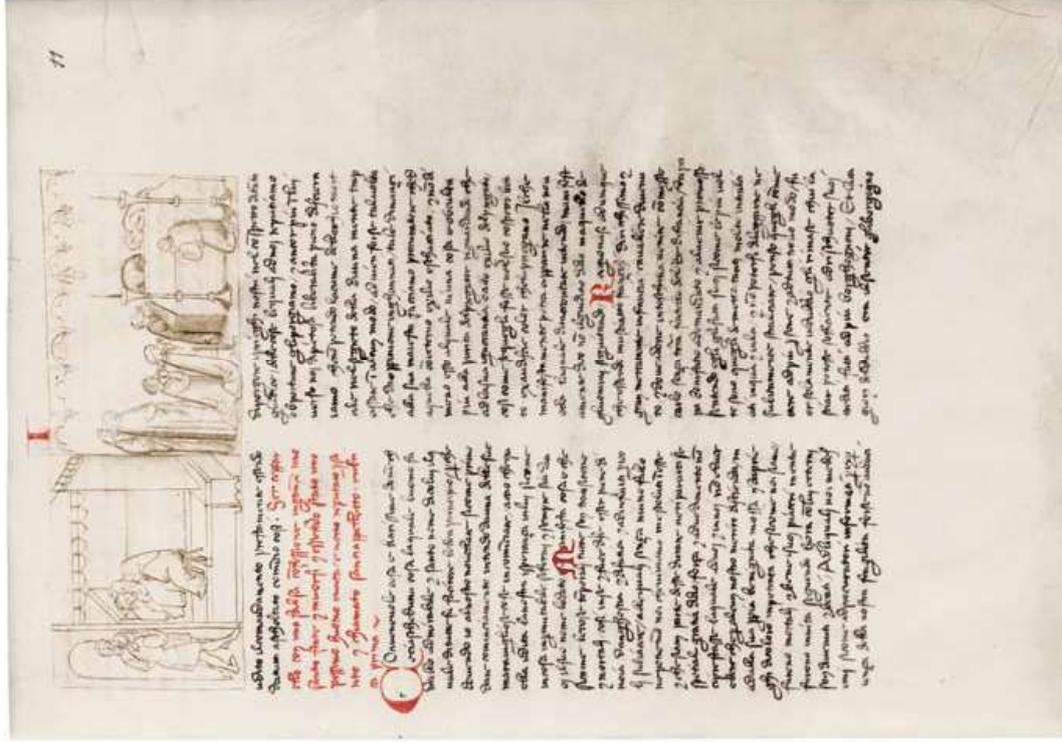
Quem propõe as regras que irão pautar o convívio entre todos os personagens-narradores e os sete servos é Pampinea, eleita a rainha da primeira jornada. Em seguida, a cada dia, o reinado passará em rodízio a todos os integrantes do grupo. A propósito, é importante notar, já desde a liderança de Pampinea, o protagonismo que as mulheres vão exercer tanto na "moldura" romanesca do livro quanto nas narrativas que se sucedem ao longo das dez jornadas. A começar pelo fato de que a voz narrativa será predominantemente feminina (setenta novelas das cem são narradas por mulheres), mas também porque os temas abordados tendem frequentemente a revelar a argúcia das mulheres (ou uma "virtude", se não católica, muitas vezes maquiavélica *avant la lettre*), o que levou Boccaccio a ser acusado de filoginia, imoralidade e incentivador dos vícios humanos. Em resposta a esses ataques, o próprio autor toma a palavra na introdução da quarta jornada e, a título de ilustração de suas teses, narra uma "meia novela" em que a natureza termina por vencer a vontade de um pai que, tendo isolado o filho de todo o convívio social a fim de transformá-lo num homem casto e santo, acaba vendo o rapaz fascinado com a beleza das florentinas.

ESSE APELO DA NATUREZA, DO MUNDO FENOMÊNICO, É INTENSAMENTE PERcebido e elaborado pela prosa realista do *Decameron*. Nesse sentido, se a *Divina Comédia* de Dante obedecia a um percurso obrigatoriamente ascensional, o *Decameron* será uma deriva contínua pela superfície do mundo – e de um mundo que se dilata geograficamente, expandindo-se da Itália para o norte da Europa, do Oriente Médio ao Extremo Oriente. Além disso, os

personagens de Boccaccio – com raras exceções, como a dupla espectral que surge na “Novela de Nastagio degli Onesti”, numa clara evocação do Inferno dantesco – estão todos bem vivos, sua existência está inteira por fazer-se, em aberto. Na *Divina Comédia* de Dante, ao contrário, a vida já se transformou em destino.

No entanto, a deriva pela superfície do mundo não deixa de obedecer a um traçado muito bem calculado pelo autor. Sob o aparente acúmulo das histórias, pautadas apenas pelo tema do dia – com exceção da primeira e da nona jornadas, todas têm um tema preestabelecido pelo rei ou rainha de turno –, vai-se delineando um desenho cheio de simetrias, de pesos e contrapesos, uma trajetória tortuosa que percorre, com seus altos e baixos, os extremos entre a danação e a salvação. Não por acaso a primeira novela do livro, a de Ciappelletto da Prato, trata de um pecador que escarnece de todos os valores cristãos (Branca sustenta que Ciappelletto seria uma alegoria de Judas), e a última, a de Griselda, se detém na imagem da extrema virtude feminina (que seria, segundo Branca, uma alegoria da Virgem). Ainda que não se aceite essa interpretação alegórica, o fato é que todas as cem novelas estão inseridas numa moldura, ou melhor, numa totalidade em que se dará um grande embate entre, de um lado, a virtude e os vícios humanos e, de outro, a fortuna.

POR ISSO AS GRANDES FORÇAS QUE MOVEM O *DECAMERON* DE BOCCACCIO SÃO o amor e o engenho humanos. Diante do imponderável da fortuna, são essas virtudes, ou a ausência delas, que conduzirão o destino dos personagens: é o engenho de Masetto que o tornará um homem feliz e que fará a felicidade amorosa de suas freiras; assim como é o amor de Federigo degli Alberighi que, ao final, o fará conquistar a mulher amada. Nesse sentido, o tema do adultério, tão recorrente nas novelas de Boccaccio, não é visto necessariamente como um pecado em si, podendo se transformar no elogio da astúcia contra a tolice, como no caso de Peronella.



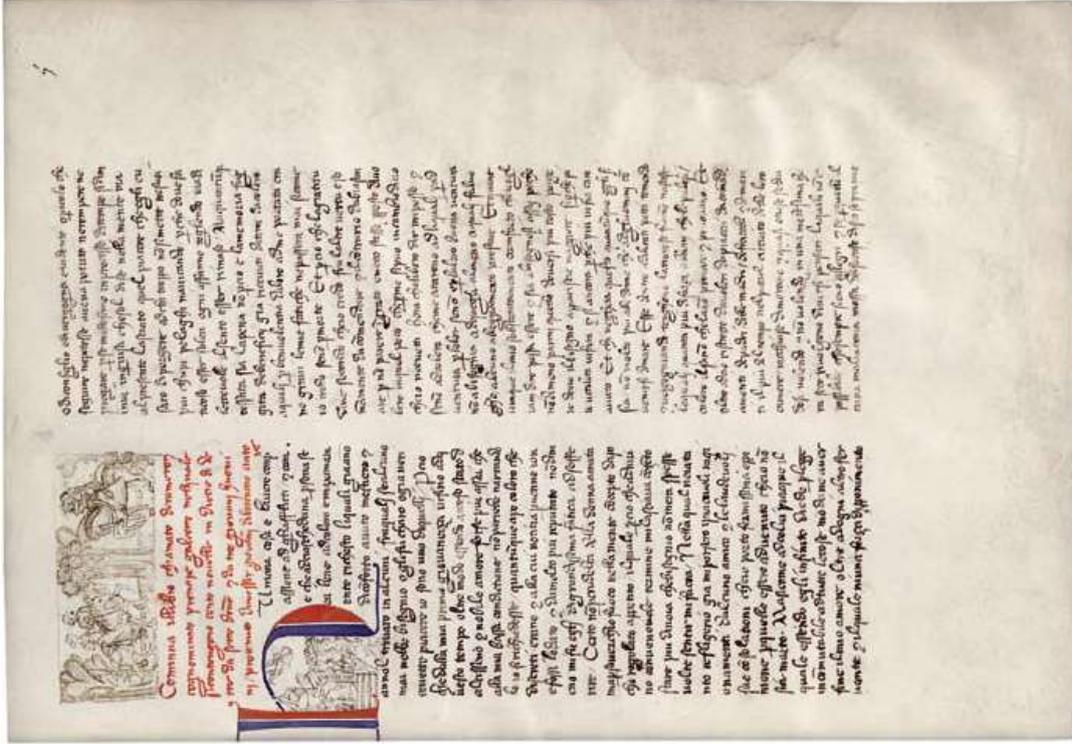
Dois momentos da "Novela de Ciappelletto da Prato", com a confissão e o culto ao de Boccaccio em manuscrito transcrito por Giovanni d'Agnolo Capponi na década de 1360. Códice italiano 482. Biblioteca Nacional de Paris (colorido digitalmente).

Outro tema recorrente nas novelas é a sátira à hipocrisia do clero, um argumento que causou muitos problemas a Boccaccio. Porém o anticlericalismo que aparece em várias novelas, como a de frei Alberto da Imola, não se deve confundir com uma suposta antirreligiosidade do autor, bem ao contrário: ao satirizar frades, freiras e carolas, Boccaccio quase sempre está a rir-se dos pecados mundanos, que são próprios do homem e dificilmente emendáveis.

Ao adotar uma perspectiva realista, que não se esquivava da representação dos vários aspectos da vida social e moral de seu tempo, Boccaccio também inventou uma linguagem literária capaz de expressar aquele mundo, situando-se numa posição intermediária entre o estilo baixo da comédia clássica e popular e o estilo sublime da tragédia ou da literatura moralizante. Segundo Francesco Bruni, com Boccaccio se deu "a invenção da literatura mediana": uma literatura que incorporava os grandes *topoi* da literatura – o amor, a morte, a coragem, a astúcia – ao plano da vida cotidiana, que se voltava a um público eminentemente feminino e, não obstante seus longos períodos sintáticos assimilados de Cícero e outros retóricos latinos, buscava a inteligibilidade do texto por seus leitores e ouvintes.

A ALTA LEGIBILIDADE DO DECAMERON, RESPONSÁVEL PELO ENORME SUCESSO do livro já a partir de 1360, quando começam a proliferar cópias manuscritas e, pouco mais tarde, traduções para outras línguas, se deve basicamente ao seguinte tripé: o uso de uma língua mais próxima da oralidade, sobretudo nas passagens dialogadas; as peripécias em torno do amor mundano, tema central do livro; e a vivacidade das imagens – a visualidade – fixadas nas novelas.

Boccaccio, assim como Dante na poesia, era um mestre absoluto da hipotipose, essa figura de retórica que faz a linguagem verbal se aproximar da expressão visual. De fato certas cenas do *Decameron* parecem saltar aos olhos do leitor pela extraordinária minúcia das descrições, que não deixa nada escapar do quadro que está sendo narrado. Tais imagens – como a visão da



No alto, personagens a cavalo; abaixo, na capitular, o autor lendo seu livro para uma audiência feminina. Ilustração de Boccaccio em manuscrito transcrito por Giovanni d'Agnolo Capponi na década de 1360. Códice Italiano 482, Biblioteca Nacional de Paris.

peste que abre o livro – se fixaram na memória dos leitores e dos ouvintes de Boccaccio, que logo aprenderam de cor várias de suas passagens, reconhecendo-as uns aos outros ao longo de séculos. Hoje essa tradição oral se perdeu, mas ela era ainda muito viva no século XIV e foi em grande parte responsável pela popularidade do *Decameron*. Tanto que, quando o livro foi incluído no *Index* das obras proibidas pela Igreja em 1559, já no embalo da política contrarreformista, quinze anos mais tarde ele voltou a circular, embora numa versão “expurgada”, para atender ao clamor de seus admiradores.

Contudo, em Boccaccio, o pendur à visualidade extrapolava o próprio campo da linguagem verbal e se materializava nas iluminuras que ele deixou em pelo menos dois códices autógrafos: o *Códice Italiano 482* (c. 1360) da Biblioteca Nacional de Paris, com texto transcrito por Giovanni d'Agnolo Capponi e ilustrações a bico de pena de Boccaccio; e o *Códice Hamilton 90* (c. 1370) de Berlim, inteiramente transcrito e ilustrado pelo autor. Ali o intelectual e o homem prático, o erudito e o copista, se fundem numa única figura que, por fim, aproximou duas culturas que costumavam andar rigorosamente separadas: a cultura da linguagem e do pensamento e a cultura manual – as chamadas *arti meccaniche*, que trabalhavam com a matéria concreta. Nas páginas desta edição brasileira pode ser apreciado, pela primeira vez no país, esse trabalho de Boccaccio na visualização de suas novelas.³

DEPOIS DE ESCREVER O *DECAMERON*, SOBRETUDO A PARTIR DOS ANOS 1360, Boccaccio paulatinamente se afastou da “literatura mediana” que dominara seu período de juventude até a maturidade da obra-prima, escrita quando

3 Mais uma vez, Vittore Branca foi responsável por duas edições decisivas nesse aspecto. *Boccaccio visualizzato. Narrare per parole e per immagini fra Medioevo e Rinascimento* (Turim: Einaudi, 1999) e *Decameron: Con le illustrazioni dell'autore e di grandi artisti fra Tre e Quattrocento* (Florença: Le Lettere, 1999).

ele tinha por volta de 35 anos de idade, para dedicar-se a escrever tratados em latim, muito sob influência de Petrarca. Apesar da importância dessa segunda fase do autor, que foi ainda um dos principais responsáveis pelo renascimento dos estudos gregos (língua que nem Dante nem Petrarca conheciam), as duas últimas décadas de sua vida foram marcadas pelo silêncio do escritor de prosa de ficção em favor do trabalho do erudito. A única obra de ficção que ele escreveu nesse período, a novela // *corbaccio*, revela um Boccaccio hostil às mulheres, misógino (o oposto da filoginia que predominava no *Decameron*), às voltas com uma linguagem arrevesada, muito diferente daquele que poucos anos antes escrevera seu livro mais popular e importante. Até hoje se especula sobre quais motivos o teriam levado a essa guinada: a influência de Petrarca, um maior fervor religioso (Boccaccio chega a ordenar-se sacerdote), uma nova concepção da literatura (não mais “mediana”, mas “elevada”). Talvez tudo isso junto, e quem sabe um esgotamento da veia fantástica.

NA SELEÇÃO DAS DEZ NOVELAS DESTA VOLUME, E CONSCIENTE DE TODAS AS lacunas, busquei montar um microcosmo que, pudesse em alguma medida oferecer ao leitor uma visão macroscópica do *Decameron*.

Muitas antologias insistem em compilar as novelas mais eróticas ou escabrosas de Boccaccio, o que acabou alimentando uma percepção redutora do universo boccacciano. É claro que a “comédia do sexo” tem peso considerável no conjunto do livro, mas esse é apenas um de seus aspectos.

Por isso aqui se equilibram temas e registros que vão do mais popularresco, como as novelas de Calandrino, de Peronella e Andreuccio, ao mais aristocrático (as de Natan e de Federigo, por exemplo).

Outro problema que surge em qualquer antologia que se faça é que, frequentemente, as novelas começam fazendo alguma referência à história imediatamente anterior. Diante disso, quase todo antologista opta por excluir

essas alusões e adaptar — mutilando — o texto trezentista. Aqui preferi manter a integridade das dez novelas selecionadas, seja em respeito à letra do autor, seja porque entendi que, não obstante alguma possível estranheza, o leitor por fim encontraria seu caminho.

Procurei ainda selecionar novelas que dessem conta do complexo mosaico de culturas e línguas que era a Itália do *Trecento*, escolhendo novelas napolitanas, venezianas, ravenates, florentinas... porque o *Decameron*, apesar de seu predomínio toscano, também é um grande atlas geográfico da Península Itálica e de seus falares.

Por fim, me deixei levar pelas novelas que receberam análises antológicas de críticos como Auerbach (sobre "frei Alberto"), Italo Calvino (sobre "Guido Cavalcanti") e Benedetto Croce (sobre "Andreuccio da Perugia"). E outra parte, evidentemente, ficou por conta do gosto pessoal e incontornável do antologista.

QUANTO AO TRABALHO DE TRADUÇÃO, TENTEI MANTER NO PORTUGUÊS DO BRASIL os períodos longos e a riqueza lexical do texto boccacciano, acompanhando na medida do possível seus paralelismos sintáticos, suas figuras de retórica, suas repetições e as variações em torno do registro mediano, ora mais baixo, ora mais elevado. Enfim, evitei conceder-me as liberdades que o tradutor francês Jean Bourciez explicitou em sua apresentação para a Garnier, 1952:

Boccaccio escreveu na língua clerical do século XIV, arredondada e cada na imitação de Cícero e de Tito Lívio. Não seria o caso de conservar essa forma, que nos remeteria ao menos à época de Rabelais. Portanto as frases, demasiado longas para nosso gosto, tiveram de ser cortadas e seccionadas [...]. Eis outra liberdade que me concedi. As novelas que serão lidas trazem títulos mais curtos que os sumários, únicos elementos que precediam os textos. Tais títulos são de minha escolha, mas nem sempre de minha invenção, (tradução minha)

Já os títulos que constam do sumário desta edição brasileira pretendem apenas nomear as novelas tal como elas costumam ser conhecidas pela tradição dos leitores de Boccaccio, ou seja, pelo nome de seus protagonistas, sem nenhum tipo de intervenção interpretativa, como "O gênio do cristianismo", escolhido por Bourciez para a "Novela de Cappelletto da Prato".

NOTA BIBLIOGRÁFICA

O texto que serviu de base para este trabalho foi a excelente edição crítica preparada por Vittore Branca em dois volumes: *Decameron*, Turim, Einaudi, 1992. Além desta, consulte as edições de Antonio Enzo Quaglio, também em dois volumes (Milão: Garzanti, 1976), e a de Cesare Segre (Milão: Mursia, 1966, com comentários de Maria Segre Consigli).

Feito o trabalho de tradução, cotejei meu texto com algumas edições estrangeiras, particularmente a de Jean Bourciez (*Le Décaméron*, Paris: Garnier, 1952) e as de George Henry McWilliam (*The Decameron*, Londres: Penguin Classics, 2003) e Guido Waldman (*The Decameron*, Oxford: Oxford University Press, 2008).

Há poucas traduções completas das cem novelas de Boccaccio em língua portuguesa: a de Raul de Polillo, em três volumes (*O Decamerão*, São Paulo: Martins, 1956); a de Torrieri Guimarães, infelizmente uma contrafação de Polillo, lançada sucessivamente por várias editoras;⁴ a de Urbano Tavares Rodrigues, em cinco volumes (*Decameron*, Lisboa: Formar / Bertrand, 1976), que, porém, se baseia mais na tradução francesa de Bourciez e menos no texto boccacciano do século XIV. Quanto às traduções parciais, publica-

4 Sobre esse caso lamentável de plágio tradutório, consulte-se o blog de Denise Bottmann, onde se pode encontrar um cotejo de passagens dos textos de Polillo e de Guimarães, evidenciando a contrafação: <<http://naogostodeplágio.blogspot.com.br/search/label/boccaccio>>.

... deus ...



... deus ...



... deus ...

... deus ...

... deus ...

das em antologias da obra de Boccaccio ou em coletâneas do conto, há uma infinidade de títulos. Cito aqui apenas alguns: as três novelas (I 3, I 5 e III 3) traduzidas por Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (*Mar de histórias*, vol. I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945); a antologia preparada por Jamil Almansur Haddad, de grande circulação, com 28 novelas (*Histórias galantes*. São Paulo: Cultrix, 1959); a seleção traduzida e prefaciada por Pedro Garcez Ghirardi (*Contos do Decameron*. São Paulo: Scribium, 1996). Sobre a presença de Boccaccio nos países de língua portuguesa, há o interessante artigo de Giuseppe Carlo Rossi, "Il Boccaccio nelle letterature in portoghese", incluído no volume *Il Boccaccio nelle culture e letterature nazionali*, organizado por Francesco Mazzoni (Florença: L. S. Olschki, 1978).

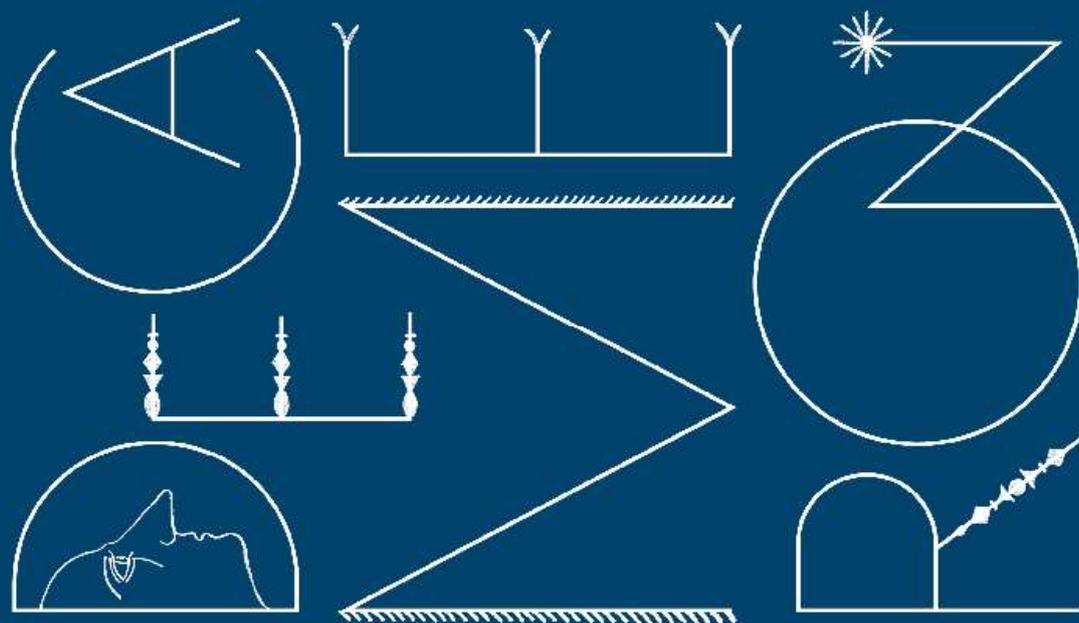
A fortuna crítica sobre a obra de Boccaccio é, como se pode imaginar, gigantesca. Bons repertórios bibliográficos são o de Guido Traversari (*Bibliografia boccacciana: I. Scritti intorno al Boccaccio e alla fortuna delle sue opere*. Città di Castello: Lapi, 1907), o de Enzo Esposito (*Boccacciana: Bibliografia delle edizioni e degli scritti critici, 1939-1974*. Ravenna: Longo, 1976) e os que têm sido periodicamente atualizados na revista *Studi sul Boccaccio*, fundada em 1963 por Vittorio Branca e atualmente publicada pela editora Le Lettere, de Florença.

Já no Brasil a bibliografia específica sobre Boccaccio é relativamente escassa. Além dos vários prefácios e apresentações que acompanham as edições completas ou parciais do *Decameron*, e alguns artigos em revistas especializadas, cabe destacar os importantes estudos de Erich Auerbach, *Sobre a técnica novelística no início do Renascimento francês e italiano* (trad. Tércio Redondo. São Paulo: Cosac Naify, 2013) e o capítulo "Frate Alberto", em *Mimesis* (2ª ed. revista, São Paulo: Perspectiva, 1998). Há ainda uma grande quantidade de referências a Boccaccio no clássico de Ernest Robert Curtius *Literatura europeia e Idade Média latina* (trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Edusp / Hucitec, 1996), embora Curtius, ao contrário de Auerbach, não reconhecesse plenamente o valor de Boccaccio, ofuscado pela grandeza de Dante. Relevantes também são as páginas de Otto Maria Carpeaux sobre

o *Decameron* em sua monumental *História da literatura ocidental* [1959] (2ª ed. revista, Rio de Janeiro: Alhambra, 1978-84). Já o livro de Tzvetan Todorov *A gramática do Decameron* [1963] (trad. Eni Orlandi. São Paulo: Perspectiva, 1982), escrito no auge do estruturalismo, apresentava como proposta central descrever um sistema narrativo que "é uma abstração em relação ao texto real: trataremos mais dos resumos das novelas que das próprias novelas", tendo hoje um interesse apenas histórico; aliás, o próprio Todorov se incumbiu de fazer uma crítica contundente a esse tipo de análise.

No âmbito internacional, alguns estudos são de fundamental importância, como os livros *Boccaccio medievale* [1956] (Milão: Rizzoli, 1996), de Vittore Branca; *Boccaccio. L'invenzione della letteratura mezzana* (Bolonha: Il Mulino, 1990), de Francesco Bruni; *Boccaccio* (Roma: Salerno, 2000), de Lucia Battaglia Ricci; *Scienza e mito nel Boccaccio* (Pádua: Liviana, 1967), de A. E. Quaglio; *Boccaccio* (Bolonha: Il Mulino, 1987), de Luigi Surdich; *Boccaccio's Two Venues* (Nova York: Columbia University Press, 1977), de Robert Hollander; e *Res-tauri boccacceschi* (Roma: Storia e Letteratura, 1947), de Giuseppe Billanovich.

A lista poderia estender-se indefinidamente, mas paro por aqui.





Federigo degli Alberighi ama sem ser amado, gasta sua fortuna em cortesias e ao final só lhe resta um salcão. Recebendo uma visita imprevista da amada e não tendo o que lhe oferecer de almoço, prepara-lhe a ave. Ao saber disso, a mulher muda de ânimo, toma-o por marido e o torna rico.

FILOMENA JÁ HAVIA parado de falar quando a rainha, percebendo que

todos exceto Dioneo — por seu privilégio? — haviam contado suas novelas, disse com o rosto sorridente: — Agora cabe a mim tomar a palavra; e eu, queridas amigas, o farei de bom grado narrando-lhes uma história em parte semelhante à precedente; não só para que saibam quanto sua graciosidade pode agir nos corações gentis, mas também para que compreendam que são vocês mesmas, quando convém, as prodigalizadoras de recompensas, sem deixar que a fortuna seja a eterna guia — a qual, no mais das vezes, por falta de discernimento, prodigaliza imoderadamente. Em nos-



sa cidade, como se sabe, Coppo di Borghese Domenichi foi — e talvez ainda seja nos dias que correm — um homem de grande e reverenda autoridade, merecedor de eterna fama muito mais por suas atitudes e virtude que por nobreza de sangue, e já em idade avançada várias vezes se entreteve com amigos e vizinhos sobre coisas passadas — algo que ele fazia com mais talento, memória e elegância que qualquer outro homem. Entre suas belas histórias, ele costumava contar que em Florença vivera um jovem chamado Federigo, filho de Messer Filippo Alberighi, que era o mais louvado fidalgo da Toscana em matéria de feitos cavaleirescos e de cortesia. Tal como ocorre à maioria dos rapazes da nobreza, ele se apaixonou por uma nobre chamada Monna Giovanna, considerada em seu tempo uma das mais lindas e encantadoras mulheres que havia em Florença; e, a fim de conquistar seu amor, ele se exibiu em justas e torneios, dava festas, presentava e gastava o que tinha sem nenhum controle; mas ela, não menos honesta que bela, não dava nenhuma

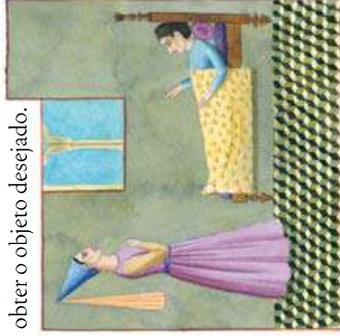
3. Dioneo, um dos dez narradores das novelas do *Decamerón*, é aquele a quem cabe encerrar as jornadas contando uma história. [N. T.]

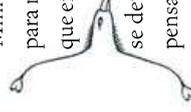


atenção nem a ele, nem a nada que fizesse para cativá-la.  Assim, dependendo muito além do que podia e sem nada conquistar, Federigo logo se viu desprovido de riquezas e empobrecido, sem outro bem senão uma pequena propriedade rural, de cuja renda vivia pauperrimamente; de resto, conservou apenas seu falção, um dos melhores do mundo. Por isso, amando mais do que nunca e não podendo levar na cidade a vida que desejava, retirou-se para Campi, onde ficava seu sítio. E ali, caçando pássaros quando podia e sem recorrer a ninguém, suportava sua pobreza pacientemente.  Até que um dia, estando Federigo reduzido à miséria, o marido de Monna Giovanna adoeceu e, vendo-se à beira da morte, mandou fazer o testamento; como era riquíssimo, deixou a herança ao filho já crescido com a instrução de que, caso este morresse sem deixar herdeiros legítimos, confiava sua fortuna a Monna Giovanna, a quem amara muito, e então morreu.

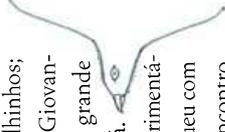
Ficando viúva, pois, e seguindo o costume usado entre nossas mulheres, Monna Giovanna levava

o filho todos os verões para uma de suas propriedades, situada bem próxima à de Federigo. Foi assim que o rapazinho começou a ter intimidade com Federigo e a divertir-se com pássaros e cachorros; e, tendo visto várias vezes o falção de Federigo voar, afeiçãoou-se fortemente a ele e quis tê-lo para si, mas não ousava fazer esse pedido ao amigo, pois sabia que Federigo o adorava. As coisas estavam nesse pé quando o rapazinho adoeceu; a mãe sentiu uma dor imensa e, como amava aquele filho único mais que tudo no mundo, passava todo o dia à sua cabeceira, confortando-o e amiúde lhe perguntando se havia alguma coisa que ele quisesse, pois, a depender do que o menino respondesse, ela faria o possível para obter o objeto desejado.



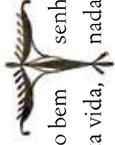
Depois de ouvir inúmeras vezes a oferta da mãe, o rapazinho disse: “Minha mãe, se a senhora conseguir para mim o falção de Federigo, acho que em pouco tempo estarei curado”.  Quando ouviu isso, a mulher se deteve um instante e começou a pensar no que deveria fazer. Ela sabia que Federigo a amara intensamente sem jamais ter tido dela um aceno de olhos sequer, de modo que se pôs a meditar: “Como poderei pedir a ele esse falção, que é, ao que ouvi dizer, o melhor a voar nos céus e, além disso, aquilo que o mantém em vida? E como serei tão insolente a ponto de pretender subtrair o único bem, a única alegria, que restou a esse nobre homem?”. Enredada nesses pensamentos, e tendo a certeza de ser atendida caso fizesse o pedido, não se decidia a responder ao filho e permanecia em silêncio.  Por fim venceu o grande amor que sentia pelo menino e resolveu que, para contentá-lo, não importava o que acontecesse, ela mesma iria buscar aquela prenda, e então disse: “Meu filhinho, anime-se e esforce-se ao máximo para estar bem: eu lhe pro-

meto que a primeira coisa que farei amanhã de manhã é ir buscar o que você me pediu — e esteja certo de que o trarei”. O menino ficou tão contente que, naquele mesmo dia, mostrou alguma melhora.  Na manhã seguinte, ela se fez acompanhar de uma senhora e, a pretexto de um passeio, dirigiu-se à pequena casa de Federigo e pediu para chamá-lo. Como não saíra de casa para caçar nem era tempo para isso, ele se encontrava em sua horta, fazendo uns trabalhosinhos; quando ouviu que Monna Giovanna o chamava à porta, com grande surpresa correu feliz para lá.



Ao vê-lo aproximar-se e cumprimentá-la reverentemente, ela se ergueu com graça senhoral e foi ao seu encontro dizendo “Que a paz esteja com Federigo!”, e prosseguiu: “Vim recompen-sá-lo dos danos que você sofreu por minha causa, amando-me mais do que lhe seria conveniente; e a recompença é tal que pretendo, com esta minha amiga, almoçar hoje em sua companhia, como se fosse de casa”.  Ao que Federigo humildemente respondeu: “Senhora, não me lembro de ter recebido nenhum dano

de sua parte, mas apenas tanto bem que, se tive algum valor nesta vida, ele adveio do seu valor e do amor que lhe devotei. E decerto esta sua generosa visita é mais preciosa a este pobre anfitrião que ao homem que fui, quando pude despende tudo o que consumi outrora e consumiria de novo". Assim dizendo, recebeu-a timidamente em sua casa e a conduziu ao jardim, onde, sem ter com quem deixá-la, disse: "Senhora, como não há mais ninguém aqui, esta boa mulher, esposa do lavrador, lhe fará companhia enquanto vou preparar a mesa". Apesar de sua extrema pobreza, ele ainda não se dera inteiramente conta da necessidade em que se via metido pela ganância desordenada de suas riquezas; mas esta manhã, não achando nada com que pudesse honrar a mulher por cujo amor ele havia honrado incontáveis homens, o fez cair em si. Cheio de angústia e a maldizer sua sorte, correndo aqui e acolá como se delirasse, sem encontrar dinheiro nem o que empenhar, vendo a hora passar e sendo grande o desejo de honrar com alguma coisa a nobre

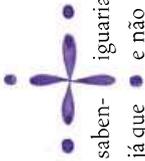


dar de sua vida passada e de minha honestidade, que você talvez tenha tomado por dureza e crueldade, não duvido que minha audácia lhe cause espanto quando eu lhe disser a principal razão que me trouxe aqui; porém, se você tivesse tido filhos e pudesse saber como é grande a força do amor que sentimos por eles, acho que em parte me perdoaria este gesto. No entanto, como você não os tem, e eu tenho um só, não posso escapar à lei comum a todas as mães; de modo que, devendo segui-la, cabe-me, contra minha vontade e contra toda conveniência e dever, pedir-lhe um dom que lhe sei sumamente precioso, e

com razão, pois sei que nenhum outro prazer, nenhuma outra diversão, nenhum consolo lhe deixou sua extinta fortuna: e esse dom é seu falcão, ao qual meu menino está tão apegado que, se eu não puder levá-lo para ele, e se complique tanto que eu o perca. Por isso lhe peço, não pelo amor que você me tem — o qual não o obriga a nada —, mas por sua nobreza e cortesia, as quais você demonstrou possuir acima de qualquer outro, que tenha a bondade de oferecê-lo a mim, e eu possa dizer que, por essa oferenda, mantive meu filho em vida, pelo qual lhe serei sempre agradecida".



Ao ouvir o pedido da mulher e sabendo que não o poderia atender, já que lhe servira o falcão no almoço, desatou a chorar diante dela antes que pudesse dizer qualquer palavra. A princípio a mulher pensou que o choro derivasse sobretudo da dor por ter de afastar-se do bom falcão, e esteve a ponto de dizer que já não o queria; entretanto se conteve e esperou, após o choro, a resposta de Federigo, que falou assim: “Minha senhora, depois que Deus quis que eu lhe dedicasse meu amor, muitas vezes considerei que a fortuna foi ingrata comigo e dela me queixei; mas tudo é muito leve em comparação ao que ela me faz no presente, de modo que nunca poderei apaziguar-me, pensando que a senhora veio até minha pobre casa – aonde, quando era rica, jamais se dignou a vir – e pretendeu de mim uma pequena prenda, mas a fortuna agiu de modo que eu não possa atender a seu pedido, e brevemente lhe direi por quê. Quando soube que a senhora, por sua gentileza, queria almoçar comigo, em respeito a sua dignidade e a seu valor, considerei que deveria honrá-la com a mais preciosa



Chieia de lágrimas e de grande amargura, tendo ficado riquíssima e ainda jovem, a mulher foi instada repetidamente pelos irmãos a se casar de novo. Como não queria isso, mas era atormentada pelos pedidos, ela se lembrou da extrema generosidade e do valor de Federigo – que matara tão raro falcão em sua honra – e falou aos irmãos: “Se vocês me permitissem, eu preferiria continuar viúva; mas, se insistem que eu me case de novo, eu não tomaria nenhum outro por marido que não Federigo degli Alberighi”. Ao que os irmãos lhe responderam, em meio a zomba-

rias: “Tola! O que é que você está dizendo? Como vai querer alguém que não tem onde cair morto?”. Então ela retrucou: “Meus irmãos, sei que o que dizem é verdade, mas antes prefiro um homem que necessite de riqueza, a uma riqueza que neceite de homem”. Dando ouvidos à sua vontade e conhecendo, conquanto fosse pobre, o valor de Federigo, os irmãos – tal como ela queria – a deram em casamento àquele homem, com todos os seus bens. E ele, vendo-se casado com a mulher que tanto amara e além disso riquíssimo, tornando-se melhor administrador, com ela findou seus dias em felicidade.



Poe, Edgar Allan

O Homem da Multidão

Tradução: Dorothee de Bruchard

Ce grand malheur, de ne pouvoir être seul. - LA BRUYERE

Foi muito bem dito, a respeito de um certo livro alemão, que “*es lässt sich nicht lesen*” — ele não se deixa ler. Há certos segredos que não se deixam contar. Homens morrem toda noite em suas camas, torcendo as mãos de fantasmagóricos confessores e fitando-os lamentosamente nos olhos — morrem com desespero no coração e convulsões na garganta, por causa do horror de mistérios que *não aceitam* ser revelados. Infelizmente, a consciência humana às vezes carrega tão pesado fardo de pavor que só no túmulo consegue desembaraçar-se dele. E assim a essência de todo crime permanece irrevelada.

Não faz muito tempo, pelo final de uma tarde de outono, sentei junto à ampla janela abaulada do café D..., em Londres. Eu tinha estado doente durante alguns meses, mas estava agora convalescendo e, recobrando minhas forças, me encontrava num daqueles felizes estados de espírito que são exatamente o contrário do *ennui* — estados de espírito de aguçadíssima apetência, quando se abre o véu que encobre a visão mental — o *aklus eh prin ephen* — e o intelecto, eletrizado, ultrapassa tanto sua condição ordinária quanto a ardente, ainda que ingênua, razão de Leibniz ultrapassa a louca e flácida retórica de Gorgias. O simples fato de respirar era um deleite; e eu extraía um prazer positivo até mesmo de muitas genuínas fontes de dor. Sentia um calmo mas inquisitivo interesse por tudo. Com um charuto na boca e um jornal nas mãos, eu tinha me divertido a maior parte da tarde, ora percorrendo anúncios, ora observando o grupo heterogêneo do salão, ora sondando a rua através dos vidros enfumaçados.

A rua em questão é uma das principais artérias da cidade, e tinha estado apinhada de gente o dia inteiro. Mas à medida que escurecia, a massa ia aumentando; e, quando os lampiões já estavam todos acesos, dois fluxos densos e contínuos de gente corriam diante da porta. Eu nunca estivera antes em situação parecida naquele momento específico da noite, e o mar tumultuoso de cabeças humanas me enchia, portanto, com uma emoção deliciosamente nova. Renunciei, afinal, a todo interesse pelas coisas de dentro do hotel e fiquei absorto na contemplação da cena lá fora.

A princípio minhas observações tomaram um rumo abstrato e generalizante. Olhava para os transeuntes em massa, e considerava-os em suas relações coletivas. Logo, no entanto, passei para os detalhes, e examinava com minucioso interesse as inúmeras variedades de figura, vestuário, jeito, andar, rosto e expressões fisionômicas.

A grande maioria dos que passavam tinha uma atitude satisfeita e eficiente, e parecia só pensar em abrir caminho na torrente. Tinham as sobrancelhas franzidas e moviam os olhos com rapidez; quando esbarrados por outros passantes, não expressavam nenhum sinal de impaciência, apenas ajeitavam a roupa e seguiam se apressando. Outros, de uma classe também numerosa, tinham movimentos agitados, o rosto vermelho e falavam e gesticulavam sozinhos, como que se sentindo solitários exatamente por causa da densidade do agrupamento à sua volta. Quando impedidas de prosseguir, estas pessoas paravam repentinamente de murmurar, mas redobravam suas mímicas e esperavam, com um sorriso ausente e exagerado nos lábios, que passassem aqueles que os interrompiam. Se empurradas, saudavam profundamente os empurradores, e pareciam tomadas de embaraço. — Não havia nada de muito distintivo entre estas duas grandes classes além daquilo que observei. Seu vestuário pertencia àquele estilo significativamente denominado decente. Eram indiscutivelmente fidalgos, negociantes, advogados, comerciantes, agiotas — os eupátridas e o comum da sociedade — homens de lazer e homens ativamente envolvidos em seus próprios negócios — conduzindo empreendimentos por responsabilidade própria. Não estimulavam muito a minha atenção.

A casta dos funcionários saltava aos olhos; e nela identifiquei duas categorias dignas de reparo. Havia os pequenos funcionários de estabelecimentos chiques — jovens cavalheiros com casacos apertados, botas brilhantes, cabelos engomados e lábios insolentes. Não fosse uma certa distinção de porte, que pode ser chamada de *escritorismo*, na falta de palavra melhor, o comportamento destas pessoas parecia ser uma reprodução exata do que havia sido o perfeito *bon ton* uns doze ou dezoito meses antes. Usavam o refugio dos encantos da elite — e isto abrange, me parece, a melhor definição desta classe.

A categoria dos altos funcionários de firmas sérias, ou dos “senhores estáveis”, não havia como confundir. Eram reconhecíveis por seus casacos e calças em preto ou marrom, feitos para sentar confortavelmente, gravatas e coletes brancos, amplos sapatos de aparência sólida, e grossas meias ou polainas. Eram todos levemente calvos e a ponta de

suas orelhas direitas tinha adquirido, pelo longo hábito de suster uma pena, um desvio esquisito. Observei que sempre tiravam ou ajustavam o chapéu com ambas as mãos, e usavam relógios com curtas correntes de ouro de um modelo durável e antigo. Sua afetação era a respeitabilidade — se é que possa haver tão honesta afetação.

Havia muitos indivíduos de garbosa aparência, que facilmente identifiquei como pertencendo à espécie dos batedores de carteira requintados, de que todas as grandes cidades estão infestadas. Olhava com grande curiosidade para esta fina-flor, e achava difícil imaginar como chegavam a ser confundidos com cavalheiros pelos próprios cavalheiros. O tamanho exagerado de seus punhos de camisa e um ar de franqueza excessiva deveriam traí-los imediatamente.

Os jogadores, não poucos dos quais identifiquei, eram ainda mais facilmente reconhecíveis. Usavam todo tipo de traje, do cafetão de indumentária infame, com colete de veludo, lenço extravagante no pescoço, correntes douradas e botões filigranados, até o do clérigo cuidadosamente despojado, menos que tudo passível de suspeita. Ainda assim, todos se distinguiam por uma morenice crestada da pele, um escurecimento velado dos olhos, e pela compressão e palidez dos lábios. Havia mais dois traços, além destes, pelos quais eu sempre conseguia identificá-los: um tom de voz discreto ao conversar, e uma propensão incomum do polegar de abrir-se em ângulo reto com os outros dedos. Notei muitas vezes, em companhia destes patifes, um tipo de homens um tanto diferentes na aparência, mas ainda assim farinha do mesmo saco. Podem ser definidos como cavalheiros que vivem da sua esperteza. Parecem assaltar o público em duas frentes — a dos dândis e a dos militares. Da primeira categoria os traços principais são cabelos longos e sorrisos; da segunda, casacos alamarados e sobancelhas franzidas.

Descendo na escala da chamada elite, encontrei temas mais sombrios e mais profundos para especulação. Vi camelôs judeus, com olhos de lince faiscando em rostos de que todas as outras feições expressavam apenas abjeta humildade; robustos mendigos profissionais fazendo cara feia para pedintes de melhor aparência, a quem somente o desespero tinha jogado na noite a pedir caridade; inválidos débeis e cadavéricos, sobre os quais a morte pusera uma mão firme, e que mancavam e titubeavam em meio à multidão, encarando a todos com um olhar suplicante, como que em busca de alguma consolação fortuita, alguma esperança perdida; garotas modestas vindo de uma lida longa e tardia para

um lar infeliz, e retraindo-se mais por aflição do que indignação diante do olhar de bandidos com os quais sequer o contato direto podia ser evitado; mulheres da vida de todo tipo e toda idade — a inequívoca beldade no primor de sua feminilidade, lembrando a estátua em Luciano, com sua superfície de mármore de Paros e seu interior recheado de lixo — a nojenta e absolutamente decaída leprosa em andrajos — a bruxa enrugada, coberta de bijuterias e encoberta pela maquiagem, fazendo um derradeiro esforço de juventude — a mera criança de formas imaturas, mas já iniciada, por longa convivência, nos terríveis dengos do seu comércio, e ardendo na voraz ambição de se igualar ao nível de suas veteranas no vício; incontáveis e indescritíveis bêbados — alguns deles em farrapos e remendos, cambaleantes, desarticulados, com rostos machucados e olhos mortiços — outros com roupas intactas porém imundas, uma fanfarronice ligeiramente vacilante, lábios grossos e sensuais, caras rechonchudas e de aparência cordial — outros vestidos com tecidos que tinham sido bons um dia, e que mesmo agora estavam escrupulosamente escovados — homens que andavam com um passo mais firme e flexível do que o natural, mas cujos rostos eram assustadoramente pálidos, cujos olhos eram pavorosamente vermelhos e desvairados, e que agarravam com dedos trêmulos, ao transitar a passos largos pela multidão, todo objeto que estivesse a seu alcance; além disto, doceiros, mensageiros, carregadores de carvão, limpadores de chaminé; tocadores de realejo, exibidores de macacos, mercadores de canções, os que vendiam com os que cantavam; artesãos maltrapilhos e trabalhadores exaustos de toda espécie, e todos cheios de uma ruidosa e desordenada animação que rangia destoante nos ouvidos e trazia aos olhos uma sensação dolorosa.

À medida que a noite avançava, avançava em mim o interesse pela cena; pois não só ia se alterando materialmente o caráter geral da multidão (suas feições mais amenas iam sumindo com a retirada gradativa da porção mais disciplinada das pessoas e as mais grosseiras surgindo em mais acentuado relevo, à medida que a hora adiantada trazia toda espécie de infâmia para fora da toca), como também os reflexos dos lampiões de gás, antes enfraquecidos em sua disputa com o dia esvanecente, tinham agora enfim alcançado a supremacia e derramavam sobre todas as coisas uma luminosidade ofuscante e cambiante. Tudo era esplêndido, ainda que negro — como o ébano a que foi comparado o estilo de Tertuliano.

Os efeitos fantásticos da luz me obrigavam a um exame individual de cada rosto; e ainda que a rapidez com que o mundo de luz borboleteava diante da janela me impedisse de lançar mais do que um olhar em cada semblante, mesmo assim parecia que, no peculiar estado de espírito em que me encontrava, eu muitas vezes conseguia ler, até neste breve intervalo de um olhar, a história de longos anos.

Com a testa na vidraça, estava deste modo ocupado em perscrutar a massa, quando de repente apareceu um rosto (o de um velho decrépito, de uns sessenta e cinco, setenta anos de idade) — um rosto que imediatamente chamou e absorveu toda a minha atenção, por causa da absoluta idiossincrasia de sua expressão. Eu nunca tinha visto nada nem de longe parecido com esta expressão. Lembro bem que a primeira coisa em que pensei, ao avistá-la, foi que Retzch, se a houvesse contemplado, a teria muitíssimo preferido às suas próprias encarnações pictóricas do demônio. Como eu tentasse, durante o breve instante de meu inusitado estudo, formar uma análise daquilo que ela me transmitia, em minha mente despontavam, confusa e paradoxalmente, as imagens de imensa capacidade mental, cautela, indigência, avareza, frieza, maldade, sede sanguinária, triunfo, alegria, terror excessivo, intenso — supremo desespero. Me senti estranhamente desperto, maravilhado, fascinado. “Que história fantástica”, pensei comigo mesmo, “não estará escrita neste peito!” Me veio então um ardente desejo de não perder o homem de vista — de saber mais sobre ele. Vestindo precipitadamente um sobretudo e apanhando meu chapéu e minha bengala, me dirigi para a rua e abri caminho pela multidão na direção que eu o vira tomar; pois ele já tinha sumido. Com alguma dificuldade finalmente o avistei, me aproximei e o segui de perto, mas cautelosamente, de modo a não chamar sua atenção.

Eu tinha agora uma boa oportunidade de examinar a sua pessoa. Era de baixa estatura, muito magro e aparentemente muito frágil. Suas roupas estavam, no geral, imundas e rasgadas; mas passando ele de vez em quando pelo brilho forte de uma lâmpada, percebi que sua roupa branca, ainda que suja, era de boa qualidade; e, se meus olhos não me enganaram, entrevi, por um rasgão do roquelaure* cuidadosamente abotoado e obviamente de segunda mão que o envolvia, um diamante e um punhal. Estas observações exaltaram minha curiosidade e resolvi seguir o desconhecido aonde quer que ele fosse.

Era agora noite escura, e uma espessa névoa úmida pairava sobre a cidade, logo desaguando numa chuva densa e pesada. Esta mudança de tempo teve um estranho efeito

sobre a multidão, que se abalou toda em novo tumulto e se abrigou sob um mundo de guarda-chuvas. A ondulação, o empurra-empurra e o burburinho ficaram dez vezes maiores. De minha parte, eu não me importava muito com a chuva — o resquício de uma febre antiga em meu metabolismo dava à umidade um quê de perigosamente agradável. Atando um lenço na boca, continuei firme. Durante meia hora o velho seguiu seu caminho com dificuldade pela grande artéria, e eu ali andava bem perto dele por medo de perdê-lo de vista. Não tendo uma vez sequer se voltado e olhado para trás, ele não me notou. Em seguida tomou uma rua transversal, a qual, ainda que cheia de gente, não estava tão apinhada como a principal de que tinha saído. Ali tornou-se evidente uma mudança na sua atitude. Ele andava mais devagar e com menos determinação do que antes — mais hesitantemente. Atravessou e reatravessou a rua repetidas vezes, sem objetivo aparente; e a massa ainda era tão densa que, a cada um daqueles movimentos, eu era obrigado a segui-lo de perto. Era uma rua estreita e comprida, e ele a percorreu por quase uma hora, durante a qual o número dos transeuntes foi se reduzindo àquele comumente visto à noite na Broadway perto do parque — tão imensa é a diferença entre uma multidão londrina e a da mais populosa cidade americana. Uma segunda mudança de direção nos trouxe a uma praça esplendidamente iluminada e transbordante de vida. O antigo jeito do desconhecido reapareceu. Seu queixo caiu sobre o peito, enquanto seus olhos se moviam desvairadamente por baixo das sobranceiras franzidas, para todo lado, para os que o cercavam. Ele apressou seu passo firme e obstinadamente. Contudo, fiquei surpreso ao perceber que, depois de ter contornado a praça, ele se virava e retornava sobre seus próprios passos. Ainda mais atônito fiquei ao vê-lo repetir a mesma caminhada várias vezes — quase me descobrindo uma vez em que deu a volta num movimento súbito.

Neste exercício ele gastou mais de uma hora, ao fim da qual éramos muito menos perturbados pelos transeuntes do que no princípio. A chuva caía com força; o ar esfriava; e as pessoas estavam voltando para casa. Com um gesto impaciente, o andarilho entrou numa rua secundária comparativamente deserta. Ao longo dela, por cerca de um quarto de milha, correu com uma presteza que eu nunca teria imaginado em alguém daquela idade, e que tive bastante dificuldade em acompanhar. Em poucos minutos chegamos a um vasto e tumultuado bazar, com cujos locais o desconhecido parecia bem familiarizado, e onde sua

atitude inicial fez-se notar novamente enquanto ele abria caminho para lá e para cá, sem objetivo, por entre o bando de compradores e vendedores.

Durante a hora e meia, ou cerca disto, que passamos neste lugar, foi preciso muito cuidado de minha parte para mantê-lo ao meu alcance sem chamar sua atenção. Por sorte, eu usava um par de galochas de borracha, e podia ir e vir em perfeito silêncio. Em momento algum ele percebeu que eu o observava. Entrava numa loja atrás da outra, não perguntava o preço de nada, não dizia uma palavra, e mirava todos os objetos com um olhar ausente e desvairado. Eu estava a estas alturas totalmente espantado com sua conduta, e decidi firmemente não me separar dele até que tivesse de alguma forma satisfeito minha curiosidade a seu respeito.

Um sonoro relógio bateu onze horas e os freqüentadores deixavam rapidamente o bazar. Um lojista, ao fechar uma persiana, esbarrou no velho, e vi um violento arrepio instantaneamente percorrer todo o seu corpo. Ele se precipitou para a rua, olhou ansiosamente ao seu redor por um momento, e saiu correndo com uma rapidez incrível por várias ruazinhas tortuosas e desertas até que alcançamos novamente a grande artéria de onde tínhamos partido — a rua do Hotel D.... Ela, no entanto, já não apresentava o mesmo aspecto. Ainda brilhava sob o gás; mas a chuva caía furiosamente, e só se avistavam poucas pessoas. O desconhecido ficou pálido. Deu alguns passos mal-humorados no que fora uma avenida populosa e então, com um profundo suspiro, tomou a direção do rio e, mergulhando em inúmeros desvios, foi parar, afinal, diante de um dos principais teatros. Este estava para fechar, e o público formigava pelas portas. Vi o velho como que sufocar enquanto se jogava em meio à multidão; mas achei que a agonia intensa de sua fisionomia tinha, de certa forma, diminuído. Sua cabeça caiu novamente sobre seu peito; ele se mostrava tal qual eu o tinha visto no princípio. Notei que ele agora se dirigia para onde se fora a maior parte do público — mas, no geral, não compreendia absolutamente a indocilidade de suas ações.

Enquanto ele avançava, as pessoas iam rareando, e seu velho mal-estar e vacilação ressurgiram. Durante algum tempo ele seguiu de perto um grupo de uns dez ou doze arruaceiros; mas deste número um por um foi sumindo, até que apenas três permaneceram juntos, numa travessa estreita e sombria, pouco freqüentada. O desconhecido deteve-se e, por um momento, pareceu perdido em reflexões; então, evidentemente perturbado, tomou

rapidamente um caminho que nos trouxe ao extremo da cidade, por zonas bem diferentes daquelas que tínhamos atravessado até então. Era o mais repulsivo bairro de Londres, onde cada coisa é revestida da pior marca da mais deplorável pobreza e do crime mais desesperado. À luz de um eventual lampião viam-se casas de madeira altas, antigas, titubeantes e atacadas por cupins, em tantas e tão caprichosas direções que mal se percebia entre elas algo parecido com uma passagem. Os paralelepípedos jaziam a esmo, arrancados de seus lugares pela grama crescendo solta. Uma imundície horrível apodrecia nas sarjetas entupidas. A atmosfera toda era repleta de desolação. No entanto, enquanto avançávamos, os ruídos da vida humana ressurgiam clara e gradualmente, e afinal avistamos grandes bandos dos maiores marginalizados de um populacho londrino, cambaleando daqui e dali. O ânimo do velho tremulou novamente, como uma lamparina prestes a expirar. Ele mais uma vez saiu andando a passos largos e elásticos. De repente, dobrou-se uma esquina, um clarão de luz nos explodiu nos olhos, e nos deparamos com um dos imensos templos suburbanos da Intemperância — um dos palácios do demônio, o Gin.

Já quase amanhecia; mas inúmeros bêbados miseráveis ainda se espremiavam dentro e fora da ostensiva entrada. Com um grito contido de alegria, o velho abriu passagem para dentro, reassumiu de imediato sua postura inicial e se pôs a circular para lá e para cá, sem desígnio aparente, em meio à massa. Ele, no entanto, não estivera há muito assim ocupado quando um movimento intenso rumo às portas indicou que o proprietário estava por cerrá-las. Foi algo ainda mais intenso que desespero que observei então na fisionomia deste ser singular que eu vinha espiando tão obstinadamente. Contudo, não hesitou em sua carreira e, com louca energia prontamente retornou sobre seus passos para o coração da imponente Londres. Correu rápida e longamente, enquanto eu o seguia com o mais desvairado espanto, decidido a não abandonar uma investigação pela qual sentia agora um interesse de todo absorvente. O sol nasceu enquanto avançávamos e, quando mais uma vez alcançamos o apinhadíssimo centro comercial da populosa cidade, a rua do Hotel D..., esta apresentava um ar de alvoroço e atividade humanas pouco menor do que o que eu tinha visto na noite anterior. E ali, por muito tempo, em meio à confusão que aumentava sem cessar, persisti em minha perseguição ao desconhecido. Mas ele, como sempre, andava para lá e para cá, e durante o dia não se afastou do turbilhão daquela rua. E, como se aproximassem as sombras da segunda noite, fui ficando mortalmente cansado e, parando bem em frente ao andarilho,

o encarei resolutamente. Ele não reparou em mim, e retomou sua caminhada solene, enquanto eu, deixando de segui-lo, fiquei absorto em contemplação. “Este velho,” eu disse afinal, “é o modelo e o gênio do crime profundo. Ele se nega a ficar sozinho. *Ele é o homem da multidão*. Vai ser inútil segui-lo; pois não vou aprender mais nada, nem com ele, nem com seus atos. O pior coração do mundo é um livro mais repulsivo do que o “Hortulus Animae”*, e talvez seja apenas uma das grandes misericórdias de Deus que “*es lässt sich nicht lesen*”.

* O “Hortulus Animae cum Oratiunculis Aliquibus Superadditis” de Grüniger.

SELMA LAGERLÖF

A biografia da sueca Selma Lagerlöf (1858-1940), muito simples, é a história de suas obras. Professora primária em Landskrona durante dez anos, em 1895 se dedica definitivamente à literatura, após haver conquistado a celebridade com o romance A Saga de Gösta Berling. Em 1909 obtém o Prêmio Nobel; no ano seguinte readquire a velha casa paterna, em Marbåka, para lá voltar e permanecer até o fim da vida.

Já em seu romance de estreia Selma Lagerlöf se apresentava com os traços característicos de sua personalidade. Nele fundia lendas e recordações do Värmland, elementos que durante longo tempo em vão tentava transformar em poema. Francamente romântica numa época de realismo, recria poderosamente a figura de Gösta Berling, o sacerdote dispensado por embriaguez e que se junta a um grupo de vagabundos pitorescos, os "Cavaleiros de Ekerby".

Outro livro que lhe confirma o gosto e paixão do folclore, e o profundo sentimento da natureza, acentuando um pendor para certo misticismo, misturado a tendências socialistas, é, em 1897, Milagres do Anticristo, baseado numa admirável idéia de romancista: certo dia, em Diamante, aldeiazinha siciliana (na qual alguns reconhecem Taormina), desaparece da igreja a imagem milagrosa do Menino Jesus, que os laicos substituem por outra, igual, mas cujos milagres exercem apenas benefícios materiais.

No terceiro grande romance, Jerusalém, emprende a narração da aventura da população de Nás, na Dalecarlia, que, tomada de exaltação, resolve emigrar para a Terra Santa.

Em todos esses livros a escritora, cheia de ternura por tudo quanto é tradição, mostra-se desdenhosa das formas tradicionais do romance. “Destinos humanos aparecem e são lançados, outros emergem e vêm, sem causa nem fim, enredar-se na história. De repente, rompe-se um dos fios principais da trama, e outro, de cor nunca dantes vista, vem-se entrançar no enredo sem sabermos por quê. Um sentimento que ia destruir ou construir universos, e do qual dependia — segundo podíamos crer com razão — o próprio fundo do romance, o destino do herói, as ramificações da fabulação, reduz-se, no capitulo seguinte, a mera reminiscência, a uma recordação tão vaga como a dos nossos sonhos passados.”¹

É também Selma Lagerlöf autora de famoso livro para crianças, Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson através da Suécia, cujo herói, transformado em anãozinho, sobrevoa todo esse país montado num ganso.

Apesar de suas obras revelarem, à primeira vista, as lições de vários mestres — Carlyle pelo estilo, Tolstói² e Dostoievski³ pelas idéias, e, sobretudo, o povo, autor de lendas, no tom e nos enredos —, Selma Lagerlöf é personalidade das mais originais da literatura moderna. Logrou conquistar — coisa rara — o sucesso popular e os elogios da crítica mais exigente.

Um historiador da literatura sueca⁴ lembrou-se de comparar os retratos dos camponeses do Värmland, terra natal da escritora,

¹ Danehié Lengyel Lauru, Selma Lagerlöf, in Rodalmi Miniartörk. Budapest, Szerkesztette Benedek Marcell, Elkö Sorozat, Dante Könyvtáradó, 1921, p. 89.
² Acerca de Tolstói, n. Mar de Histórias, vol. 5.
³ Acerca de Dostoievski, n. Mar de Histórias, vol. 3.
⁴ Henrik Schück, Histoire de la Littérature Suédoise. Traduite du suédois par Lucien Maury, Paris, Ernest Leroux, 1923, p. 334.

em Gösta Berling, aos retratos deles nos Habitantes de Hemso, de Strindberg⁵, alguns anos anterior. Strindberg os vê com o olhar crítico de um cidadão, mostrando-lhes os fracos e o aspecto cómico de maneira realista; Lagerlöf, conquanto não lhes oculte os defeitos, apresenta-os engrandecidos, transfigurados pela memória da infância e da mocidade, banhados numa atmosfera de simpatia intuitiva.

Não seria menos interessante compará-la a Anatole France, pela circunstância de a escritora escolher mais de uma vez assuntos típicamente francianos. Sua história “O tio Reuben” é a variante sueca de “Putois”. Reuben, criança morta aos três anos em consequência de um resfriado que apanhou sentada no chão, cinquenta anos depois ainda servirá de espantinho de todas as crianças de família. Em “O tesouro da imperatriz”, conta do cofre misterioso que Maria Teresa deixou aos pescadores de Flandres para a ele recorrerem nos momentos de maior miséria; eles não abrem jamais o cofre, nem sabem o que contém, mas confortam-se à idéia da sua existência. Sabe-se o proveito que o cepticismo anatoliano tirou da primeira dessas anedotas, e é fácil imaginar o que haveria tirado da segunda. Em Selma Lagerlöf, tais casos alimentam o otimismo nato; seu conteúdo simbólico é assinalado com sorriso indulgente e sereno.

Entre os contos da escritora sueca figuram autênticas obras-primas. Ela mesma dividia-os em dois grupos: um, de “lenda e fantasia”; outro, de “realidade”. Damos uma amostra de cada variante nos dois espécimes aqui transcritos. Entre as lendas, algumas há das mais tocantes e profundas já inventadas, como “Os proscritos”, em que assistimos à vida oculta, no fundo de uma selva, de dois criminosos fugitivos: um assassino e um ladrão. O primeiro inculca ao segundo, inteiramente amoral, a existência de um Deus da

⁵ Acerca de Strindberg, n. Mar de Histórias, vol. 8.

⁶ Este conto, de Anatole France, está no volume 8 de Mar de Histórias.

justiça, e ensina-a tão bem que o companheiro, convertido, o incita a expiar o seu crime, e, como o outro resiste, mata-o. As Lendas de Cristo, especialmente, exerceram profunda impressão em leitores do mundo inteiro.

Entre os contos do segundo grupo, aparentados ao que chamáramos crônica, há muitos de assunto ligado à própria infância da autora, que neles faz interferir pessoas da família, amigos de outra, personagens populares conhecidas suas. Mesmo, porém, nos contos mais “reais”, perpassa um sopro milagroso. Em “O tesouro do Sr. Arne”, fantástico a mais não poder, aparições de mortos, visões e ordens misteriosas intervem para vingar um crime que ficou impune; em “O balão”, dois meninos arrancados pelo pai deitado à mãe devotada escapam-lhe afogando-se, do modo mais natural, num lago gelado. No entanto, talvez seja na segunda dessas histórias que mais fundamentalmente sentimos o mistério, a existência de ligações e correlações inexplicáveis que mantêm a vida sempre à margem do sobrenatural.

“Ela acreditava no milagre porque o milagre está nela!” — exclama um dos admiradores mais extáticos de Selma Lagerlöf, o poeta alemão Walter von Molo⁷; e acrescenta: “É ingénua e extremamente requintada; é uma escritora divertida, com a ideologia e o saber da arte mais madura; a mais pura das almas que se viram nas letras depois de Goethe e Hoelderlin!”⁸

⁷ No prefácio de Die Schönsten Geschichten der Lagerlöf, *Ausgewählt und eingeleitet von Walter von Molo*, übersetzt von Marie Franzos, München, Albert Langen, s.d.

⁸ Texto usado para o primeiro conto: Selma Lagerlöf, Skrifter. Öymliga, Lanbar, Albert Bonniers Förlag, 1947. Para o segundo conto, utilizou-se a tradução francesa de André Bellessort: Selma Lagerlöf, Les Liens Invisibles. Paris, Librairie Académique, 1910.

O ninho das alvéolas

Hatto, o eremita, orava a Deus no deserto. Era dia de tempestade: a barba comprida e os cabelos desgrenhados esvoaçavam-lhe em torno do rosto como tufos de grama no cimo de uma velha ruína. Porém Hatto não fazia um movimento para afastar os cabelos dos olhos nem prender a barba à cinta, pois tinha os braços erguidos para o céu. Desde o amanhecer maninha levantados os braços nodosos e peludos, tão incansavelmente como uma árvore estende os seus ramos; e contava permanecer assim até o cair da tarde.

Era um homem que aprendera a conhecer a maldade dos homens. Ele mesmo perseguira e atormentara, mas os tormentos e as perseguições que sofrera excediam o limite que seu coração podia suportar. Por isso, retirara-se para a vasta charneca; cavara nas areias da ribanceira uma espécie de caverna, e lá se tornara um santo, cujas preces subiam ao trono de Deus.

Hatto, o eremita, rezava, diante da sua caverna, a grande prece da sua vida. Rogava a Deus que fizesse rair o dia do Juízo Final sobre esta Terra maldita. Invocava os anjos, cujas trombetas ressoantes anunciarão o fim deste reino de pecado. Invocava as ondas de sangue que afogarão as iniquidades do mundo. Invocava a peste que encherá os cemitérios.

À volta dele estendia-se a charneca, deserta e nua. E o furacão silvava como prodigiosa ameaça sobre a terra pelada. No entanto, um pouco mais acima crescia um salgueiro de tronco

enfestado e curto que formava na extremidade um grosso nó de onde rebentavam molhos de ramos tenros. Pelo outono, os habitantes da planície o despojavam de sua fresca ramagem. Pela primavera, a árvore brotava novos e flexíveis rebentos que, nos dias de vento forte, se agitavam como os cabelos e a barba de Harro, o eremita.

O casal de alvéloas que ali costumava fazer o seu ninho queria, naquele dia precisamente, começar a construí-lo. Mas entre os galhos que os fustigavam não acharam nenhuma segurança. Chegavam com folhas secas de caniço, fibras de raízes e junco do verão anterior, e várias vezes tiveram de voltar sem nada conseguir. Foi quando avistaram o velho Harro, que rogava a Deus que a tempestade aumentasse e varresse tanto os ninhos dos pequeninos pássaros como os das águas.

Certo, as pessoas de hoje dificilmente imaginam quanto podia ser nodoso, musgoso e negro, e como se assemelhava pouco a um homem, um velho eremita daquele tempo. A pele dispendida na frente e nas faces dava-lhe o aspecto de uma caveira, onde, no fundo das órbitas, apenas dois pequeninos claros eram resquícios de vida. Os músculos ressequidos tiravam-lhe aos membros qualquer sombra de redondeza; e os braços não passavam de longos ossos recobertos de uma crosta de carne rude e rugosa. Vestia uma velha batina preta, muito justa. Estrava tostado pelo sol e enegrecido de lama. Claros, nele, somente os cabelos e a barba. Dera-lhes o sol e a chuva os mesmos tons verdes e cinzentos que ao reverso das folhas do salgueiro.

Os passaros que procuravam lugar para seus ninhos tomaram Harro, o eremita, por um salgueiro, tão velho quanto o outro, e que uma machadada detivera também no seu impulso para o céu. Voavam, iam-se embora, voltavam, bordejavam, giravam em torno de Harro, tomavam pontos de referência. Calcularam a situa-

ção dele em relação às aves de rapina e às tempestades. Acharam-no pouco propício; mas a vizinhança do rio e dos caniços, seu depósito de provisões e sua oficina, decidiram-nos. Uma das alvéloas arrou-se feio uma flecha na mão erguida de Harro e nela depositou sua fibra de raiz.

A tempestade soprava: a fibrazinha voou. Porém as alvéloas retornaram e tentaram inserir as fiadas do seu ninho entre os calosos dedos do velho eremita. Súbito, um grosso e rude polegar calcou os pedacinhos de erva para os reter, e quatro dedos, dobrando-se por sobre aquela mão, formaram como que um tranqüilo nicho onde os pássaros poderiam construir.

E Harro continuava as suas preces: — “Senhor, onde estão as tuas nuvens de fogo que destruíram Sodoma? Quando abri-rás as cataratas celestes que levantaram a arca de Noé até o cimo do Arará?”

E no cérebro febril do solitário surgiram as visões do Juízo Final. Tremia o solo; o firmamento avermelhava-se. Mas, enquanto essas fúnebres visões lhe fascinavam a alma, seus olhos entraram a acompanhar o vôo das alvéloas, que reparciam sem interrupção e, de cada vez, com um grutinho de contentamento, consolidavam o seu ninho com um novo pedaço de erva.

O velho não se mexia, pois, para obrigar o Senhor a escurar-lhe a prece, fizera o voto de orar imóvel do amanhecer ao pôr-do-sol. E, à medida que aumentava o cansaço, mais vivos se lhe tornavam os sonhos de visionário. Ouviu o estrondo das casas a desabar e das paredes a se desmoronarem. Passavam-lhe ante os olhos multidões arretradas e vociferantes, expulsas, acossadas pelos anjos da destruição, anjos de semblante terrivelmente belo, encouraçados de prata e de ouro, galopando em cavalos pretos, com látegos de relâmpagos.

Entretanto as alvelozinhas construíam sem tréguas. Na charneca, onde cresciam tufos mirrados, e perto do rio orlado de jun-cos e caniços, não faltavam materiais. Não gozaram sequer o repouso do meio-dia, e antes de baixar a noite já chegavam à cumeeira

da sua construção. Antes, porém, que a noite baixasse, Harto, cujos olhos as tinham seguido demoradamente, interessava-se pelo trabalho delas. Censurava-lhes a lentidão; indignava-se com as rajadas de vento que lhes retardavam a execução da tarefa, e decerto não suportaria que elas descansassem. E o Sol se pôs. E os pássaros volveram aos caniços do rio.

Ao despontar do dia, as alvéolas cuidaram, a princípio, que os acontecimentos da véspera não passavam de um suave sonho. Inutilmente se regulavam pelos seus pontos de referência, debalde voavam em todas as direções, subiam direito ao céu e son-davam com o olhar a imensidão da charneca: o ninho e a árvore tinham desaparecido. Pousaram sobre duas pedras que emergiam das águas e puseram-se a discutir o caso, agitando a cabecinha e menecendo a longa cauda. Mas, ainda o Sol não se erguera meio palmo acima da outra margem, a sua árvore veio colocar-se no mesmo lugar da véspera. Era ela, sem dúvida, sempre tão nodosa e tão negra, e com o ninho delas sobre aquela espécie de ramo rude e truncado. E as alvéolas retomaram o seu trabalho, sem mais se deterem na consideração das maravilhas de que é tão rica a Natureza.

Harto, o eremita, que expulsava da caverna as criancinhas, gritando-lhes que melhor seria não terem nascido, aquele Harto cujo olho mau os pastores temiam, empenhava-se em não fazer nada que pudesse assustar ou molestar as alvelozinhas. Sabia que em relação às coisas que Deus permite na Natureza sucede o mesmo que com todas as sílabas dos Livros Sagrados: cada uma delas tem o seu sentido misterioso e místico. E descobrira o que significava aquele ninho começado entre os seus dedos. Era evidentemente a promessa de Deus de que, se ele permanecesse a orar, com os braços erguidos, até que os pássaros houvessem chocado os filhinhos, a sua prece seria escutada e o mundo destruído.

Nesse dia foi ele menos perseguido por visões lúgubres. Mal afastava os olhos do trabalho dos pássaros. Via o ninho concluir-se, os pequenos arquitetos experimentarem-no e, como reboco e pintura, colarem-lhe na parte externa alguns liquens colhidos no verdadeiro salgueiro. Quando tiveram de mobilá-lo e habitá-lo, procuraram as lanugens das plantas mais sedosas, e mamãe alvéola foi a ponto de arrancar algumas das próprias penas para melhor estofar o interior da sua casa.

Os camponeses, que receavam o funesto poder das orações do eremita, tratavam de lhe aplacar a cólera levando-lhe pão e leite. Encontraram-no de pé, com as mãos erguidas e o ninho na mão. — “Vejam — dizem eles — como aquele santo homem gosta dos passarinhos!” E não mais o temeram, chegaram-lhe à boca a vasilha de leite e puseram-lhe entre os lábios pedaços de pão. Depois de haver comido e bebido, Harto repeliu os homens com palavras ásperas; porém às maldições do eremita eles só responderam com bons sorrisos.

Já desde muito o seu corpo era o escravo da sua vontade. A poder de açoites e jejuns, genuflexões de um dia inteiro e insônias de uma semana à fio, havia-o reduzido à obediência. Seus músculos de ferro mantiveram-lhe rígidos os braços dias e dias; e, quando a alvéola, chocando seus ovos, não mais deixou o ninho, nem o cair da noite o fez voltar à sua caverna para deitar-se: dormiu sentado, com os braços estendidos para o céu. Mais de um cenobita no deserto fizera coisas ainda mais duras!

Habiturara-se àqueles dois olhinhos irrequeridos que o fitavam da entrada do ninho. Protegia-os contra a chuva e o granizo.

Ora, um belo dia a alvéola se levantou e saltitou sobre a frágil forralça, logo seguida pelo macho, que tremia de contente. Ambos estrutavam providências e mostravam-se alegres, embora o ninho estivesse cheio de um pipilar desesperado. Um instante depois, atiraram-se a uma desenfreada caça de moscas e mosquitos. E, à proporção que as moscas e mosquitos apanhados eram conduzidos ao ninho, os pipios aumentavam, a ponto de turbar

as preces do piedoso eremita. Então, lento e lento, num esforço das articulações, que haviam quase desaprendido a faculdade de funcionar, os seus braços desceram; e os seus olhos de brasa mergulharam no ninho tumultuoso. Não, jamais vira ele nada tão lamentavelmente feio e miserável: corpinhos nus, sem olhos, sem asas, e seis grandes bicos escancarados. Singularmente impressionado, sentiu invadi-lo uma ternura pelos bichinhos. Daí por diante, quando supplicava a Deus que salvasse o mundo pela destruição, fazia rápida reserva para aqueles pequeninos seres indefesos. E, ao receber alimento das mãos dos camponeses, não mais lhes agradeceu desejando-lhes a morte. Alegrava-o que não o deixassem morrer de fome, porquanto a sua vida era necessária à ninhada que lhe pipilava na mão.

Dentro em breve seis cabeças redondas se estenderam todo o dia às bordas do ninho. E cada vez com maior frequência o braço do velho Harto baixava até aos olhos. Via as penas que furavam a pele vermelha, os olhos que se abriam, e a forma do corpo que principiava a se arredondar. E de seus lábios subia a prece, mais e mais hesitante. Deus lhe prometera — disso estava certo — que a destruição irromperia logo que as alvelozinhas soubessem voar. E agora ele quase buscava subterfúgios, pois lhe parecia impossível imolar aqueles pequeninos seres cujo nascimento ele ajudara. Até então, nunca tivera nada que dependesse dele; e o amor dos fracos e dos humildes, insinuando-se-lhe no coração, tornava-o incerto. Às vezes passava-lhe pela cabeça lançar ao rio a ninhada inteira. Que felicidade maior que a de morrer sem ter conhecido a dor e o pecado? Salvaria, assim, aquelas pobres criaturas das aves de rapina, da fome, do frio, das provações da vida. Estava a pensar nessas coisas, quando um gavião investiu sobre as alvéolas, e Harto mal teve tempo de o agarrar com a mão esquerda e arre-messá-lo para o lado do rio.

Chegou, por fim, o dia em que os pequeninos tiveram de entrar as asas. Dentro do ninho, uma das alvéolas diligenciava impeli-los até à entrada, enquanto a outra esvoaçava em derredor para lhes mostrar como era fácil, que lhes bastava tentar. Mas os bichinhos tinham medo e recusavam-se à experiência. Então os pais exibiam aos olhos dos filhos todos os recursos de sua arte. Giravam e voltavam num movimento repentino das asas, ou, como as cotovias, subiam direito ao céu e mantinham-se imóveis no ar, com as asas a tremor violentamente. Os pequeninos recalcitavam. E Harto, o eremita, não resistiu ao desejo de intervir. Deu-lhes um leve piparote, e tudo se resolveu. Fora do ninho, açoitando o ar ao jeito dos morcegos, voam canhestadamente, dão cambalhotas, caem, levantam-se, e valem-se dos primeiros conhecimentos para retornarem a casa o mais rápido possível. Os pais chegam orgulhosos e alegres, e o velho Harto sorri da alegria deles: de alguma coisa valera a sua interferência!

Sorriu e perguntou a si mesmo, seriamente, se Deus não tinha outra saída senão violar a promessa feita... Quem sabe? Talvez Deus, o Pai, sustentasse a Terra em sua mão direita como um grande ninho de pássaros, e houvesse terminado afeiçoando-se àquelas que nela vivem. E, no momento de os aquililar, talvez houvesse sentido por eles a mesma piedade que o solitário da charneca pelos passarinhos. Seguramente os pássaros valiam mais do que os homens. Porém Harto compreendia, também, que Deus pudesse compadecer-se da espécie humana.

No dia seguinte o ninho estava deserto, e a amargura da solidão encheu-lhe a alma. Caiu-lhe o braço, lento lento, ao longo do corpo; parecia-lhe que toda a Natureza continha a respiração na expectativa das trombetas do Juízo Final. Nesse instante, porém, as alvéolas voltaram familiarmente a pousar-lhe na cabeça e nos ombros. E um clarão iluminou o conturbado cére-

bro do velho ermitão. Ele, que prometera permanecer imóvel, baixara o braço! Como é que não pensara nisso? Cada dia baixara o braço para olhar o ninho. E, de pé, enquanto os seis pequeninos adejavam e brincavam em torno dele, abanou a cabeça, dirigindo-se a um ser invisível:

— Estás desobrigado de cumprir a tua promessa. Estás desobrigado! Eu não mantive a minha palavra; tu não precisas de manter a tua!

E affigrou-se-lhe que as montanhas cessavam de tremer e que o rio se espraivava no seu leito sereno, com uma segurança imensa.

O diabo e outras histórias
© Cosac & Naify Edições, 2000

“Parallels in Tolstoy” [Os paralelos em Tolstói]
© Victor Chklóvski

Coleção Prosa do Mundo

Coordenação: Samuel Tian Jr.

Conselho editorial: Augusto Massi e Davi Arriguerci Jr.

Tradução: Beatriz Morabito, Beatriz Ricci,

Maira Pinto e André Pinto Pacheco

Preparação: Paulo Bezerra e Samuel Tian Jr.

Revisão: Betina Bischof e Luiz Sérgio Repa

Capa e projeto gráfico: Fábio Miguez

Edição eletrônica: Estúdio O.L.M.

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional)

Tolstói, Liev

Liev Tolstói: O diabo e outras histórias

São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000

Coleção Prosa do Mundo

p. 283

ISBN: 85-7503-035-3

1. Literatura russa

2. Liev Tolstói 1828-1910

CDD 891.7

COSAC & NAIFY EDIÇÕES

Rua General Jardim, 770 - 2º andar

01223-010 São Paulo - SP

Fone 0__11 255-8808

Fax 0__11 255-3364

info@cosacnaify.com.br

APRESENTAÇÃO

Tolstói contista por Paulo Bezerra, 7

O DIABO E OUTRAS HISTÓRIAS

Três mortes, 27

Kholmómér, 49

O diabo, 101

Falso cupom, 165

Depois do baile, 255

APÊNDICE

Os paralelos em Tolstói por Victor Chklóvski, 273

Sugestões de leitura, 281

Tolstói contista por Paulo Bezerra

Os contos que compõem esta edição ilustram aspectos fundamentais da obra tolstoiana. *Três Mortes* foi escrito em 1858, momento em que Tolstói mal chegava a Yásnaya Poliana após dar baixa no exército em 1856. Na sua fazenda-laboratório ele entrará em contato direto com a vida dos camponeses, o que o levará a mudar radicalmente as suas concepções anteriores sobre o campesinato russo e abrirá caminho para a sua futura utopia sobre esse segmento social. No contato direto com a realidade camponesa ele irá compreender que o estatuto ser-vil a que está sujeito o camponês é uma inquietude a ser abolida, pois não só movia o ódio do camponês ao latifundiário-senhior como justificava qualquer ato de vingança contra este, inclusive o assassinato. Esse contato direto, aliado a leituras anteriores de Rousseau e outros pensadores, irá forjar as suas concepções sociais. A essa altura já está publicada a sua trilogia *Infância, Adolescência e Juventude*, bem como seus contos sobre a vida militar ambientados em Sebastópol, ao passo que a aldeia russa já fora objeto de representação literária na obra

concebida inicialmente como *Romanço de um fazendeiro russo* e depois publicada em 1856 como *A manhã de um fazendeiro* (*Utro pomieschikaj*). Essa obra está perfeitamente sintonizada com a crise que envolve a sociedade russa e que culminará na abolição do estatuto servil em 1861, e também com o espírito de um época em que o interesse geral se volta para o camponato. Nieklhidov, personagem central e fazendeiro, é um homem dotado de grande inteligência, pensa de forma equilibrada e não teme a verdade mesmo que esta não seja favorável à sua classe social. Entretanto seu conhecimento da vida camponesa é superficial e periférico, e seu programa destinado a melhorar a vida dos camponeses não passa de tímida filantropia, bem ao gosto da ideologia liberal da nobreza.

No início de 1857 Tolstói sai da Rússia e passa cerca de meio ano na Alemanha, na Suíça, na França, principalmente em Paris. A vida burguesa do Ocidente, a despeito de todas as suas limitações e precariedades, permite-lhe penetrar mais fundo no conhecimento da realidade russa, perceber e entender melhor o sentido do capitalismo. O retorno à Rússia e o reencontro com sua realidade deixam-no pessimista e sombrio, a ponto de declarar que na Rússia tudo é detestável, que em toda a parte reinam a barbaridade patriarcal, a roubalheira e o ar-bítrio. Mas se a viagem ao Ocidente lhe permite observar um capitalismo bastante avançado, ainda mais se comparado à Rússia patriarcal e servil, permite-lhe igualmente perceber as contradições e mazelas do capitalismo e não alimentar ilusões em relação a ele. Portanto, ao escrever o conto *Três mortes*, Tolstói já tem uma concepção mais ou menos formada sobre a vida camponesa e o capitalismo, o que irá igualmente ecoar em *Kholsiomér*.

Em *Três mortes* há um narrador exuberante que — num clima de impressionante beleza poética ditada pela natureza — conta a história de três mortes: de uma senhora nobre, de um cocheiro e de uma árvore. Três seres que nunca se conheceram, entre os quais nunca houve um único contato, mas que estão estruturalmente ligados pelos fios da trama narrativa, formando uma totalidade na qual se manifesta uma concepção de morte traduzida na finitude de tudo o que é vivo. São três mortes estruturalmente interligadas, mas cada uma particular na sua especificidade. A senhora morre com a pompa com que sempre vivera, cercada de formalidades e também de muita hipocrisia, ocupando oito das onze páginas da história, um espaço proporcional àquele que sua classe social ocupa na sociedade, portanto, repetindo na narrativa a mesma distribuição injusta de espaço que caracteriza a sociedade de castas. Às outras duas mortes — do cocheiro e da árvore — restam apenas três páginas. Entretanto, se a morte da senhora é cercada de formalidades e muito artificialismo, a morte do cocheiro se dá em um clima de plena naturalidade e muita solidariedade entre os cocheiros e os que os cercam, mostrando que as simpatias do narrador estão claramente com a gente simples e os camponeses. Há uma espécie de contrato social implícito entre a gente simples, permitindo que os poucos frutos individuais do seu trabalho permaneçam no mesmo espaço para assegurar a continuidade de suas vidas, todas elas intimamente ligadas à natureza: o cocheiro Khviédor morre deixando as botas para outro cocheiro, a árvore morre para que dela se faça a cruz a ser colocada na cova de Khviédor. Povo e natureza representam para Tolstói um duplo refúgio; o povo o faz sentir-se livre da presença dos seus pares nobres, a natureza, longe da realidade absurda, da mediocri-

dade do mundo urbano. “A natureza é quem mais nos dá esse prazer supremo da vida, esse esquecimento de nossa própria pessoa insuperável”. O binômio povo-natureza, marca fortíssima e muito recorrente em sua obra, traz ecos inequívocos da teoria de Rousseau. Como o homem natural de Rousseau, o camponês em Tolstói vive uma espécie de “estado natural” em que os indivíduos são puros, livres e iguais, daí a relação organicamente íntima com a natureza. É nessa perspectiva que Tolstói descreve seu plano de *Três mortes* em carta dirigida a A. A. Tolstói em 1858: “Minha idéia foi a seguinte: morrem três seres – uma senhora nobre, um mujique e uma árvore. A senhora é desprezível e torpe porque passou a vida inteira mentindo e mente diante da morte. O Cristianismo, na compreensão dela, não lhe resolve a questão da vida e da morte. Por que morrer quando se quer viver? Nós bens que o Cristianismo promete para o futuro ela acredita com imaginação e inteligência, mas todo o seu ser se rebela e ela não tem outro consolo, exceto um falso Cristianismo... Ela é torpe e desprezível. O mujique morre tranquilo, justamente porque não é cristão. Sua religião é outra, embora por tradição ele tenha praticado rituais cristãos; sua religião é a natureza com a qual viveu. Ele mesmo derrubou árvores, semeou e ceifou o centeio, matou carneiros, e em seus domínios carneiros nasceram, crianças nasceram, os velhos morreram, ele conhece solidamente essa lei e nunca lhe deu as costas, como o faz o fidalgo, mas a encara de maneira direta... A árvore morre de forma tranquila, honesta e bela. Bela porque não mente, não se dilacera, não tem medo, não se queixa”.

O enfoque da religião em *Três mortes* antecipa a concepção desse tema que Tolstói irá desenvolver da maturidade até

o fim dos seus dias. Para ele, os dogmas a que a Igreja reduziu a essência do Cristianismo contrariam as leis mais simples da lógica e da razão. Ele considera que nos primórdios do Cristianismo a doutrina ética foi a sua parte principal, mas no processo de sua evolução o centro da gravidade transferiu-se do ético para o filosófico ou metafísico. Daí a crítica à Igreja de sua época: considera que sua prática se estriba na hipocrisia, as suas doutrinas atuais estão em divergência ampla e profunda com a doutrina ética do Cristianismo em seus primórdios, seu pecado capital está na participação em uma ordem política, econômica e social fundada na violência e na opressão, na tentativa de transformar a religião em justificativa do mal social vigente. Isto impede que os indivíduos integrantes desse sistema vivam com autenticidade e morram com naturalidade, é isso que torna tão difícil e sofrida a morte da senhora nobre (seu Cristianismo era falso, ela passara a vida mentindo), ao contrário da morte natural e tranquila do mujique, integrante de outra religião e outro sistema de valores, e da árvore, elemento imune a qualquer sistema de valores.

Em *Três mortes* o realismo de Tolstói vai-se consolidando. Além da representação bastante fiel da vida da gente simples, ele incorpora ao processo literário a recriação da linguagem popular, tornando as falas muito próximas da vida real, e essa solução estilística se constituirá em elemento composicional das suas obras futuras.

Kholostner, escrito entre 1860 e 1863 (receberá nova redação em 1885), é obra-prima que mostra a profunda capacidade do autor para observar tudo o que está ocorrendo ao seu redor. Iniciado em 1860, portanto um ano antes da reforma que aboliu o estatuto servil e preparou as condições de que o

capitalismo necessitava para se desenvolver na Rússia, o conto discute questões como a propriedade privada e a posse daí decorrente sobre pessoas e objetos, além da alienação e da própria sobrevivência da nobreza na nova sociedade que, por necessidade e pelo dinamismo que a caracteriza, inviabiliza a existência dessa casta no seu sentido tradicional.

Em *Kholstomér* saltam à vista dois aspectos essenciais: o profundo conhecimento que o autor tem de cavalos e a sua sensibilidade igualmente profunda para captar e antecipar aspectos da vida e da história ainda em formação.

O primeiro aspecto está ligado à experiência direta do autor com cavalos. Em sua biografia do escritor, que recebeu o título de *Liév Tolstói*, Viktor Chklóvski enfatiza o convívio íntimo que o autor de *Guerra e paz* sempre manteve com cavalos, em cujo lombo passou cerca de sete anos, segundo palavras do próprio Tolstói. É essa intimidade que torna muito naturais as comparações, tão freqüentes em sua obra, entre a vida humana e a vida dos cavalos. Há muito de biográfico em *Kholstomér*. Como observa Chklóvski, Tolstói amargou longos fracassos, tinha uma orgulhosa consciência da sua força, enfrentou a solidão em Yásnaia Políana, teve desentendimentos com os vizinhos nobres que detestavam aquele conde esquisito que tomara o partido dos camponeses. E, comparando o autor ao cavalo *Kholstomér*, Chklóvski conclui: "Liév Nikoláievitch foi um homem de raça, um homem genial, mas foi um malhado na vida e na literatura; tinha uma pelagem específica, uma posição específica no mundo, mas sua especificidade não era reconhecida".¹

¹ V. Chklóvski, *Liév Tolstói* (Moscou: Molodáya Gvárdiya, 1967), p. 274.

A naturalidade da história de *Kholstomér* é tamanha que Turguêniev, após ouvir do próprio Tolstói o enredo do conto ainda não escrito, observou entre risos: "Liév Nikoláievich, algum dia você já foi cavalo."

Kholstomér é um cavalo puro-sangue, só que malhado, razão pela qual seu dono manda castrá-lo para que não venha a estragar a raça. Por ser malhado, isto é, não ter nascido com a cor característica dos puros-sangues, ele é alvo do desprezo e da chacota dos outros cavalos, que o tratam com crueldade, movidos por um sentimento aristocrático. Haveria alguma relação entre um cavalo de raça nobre porém malhado e a situação em que então se acha a nobreza russa?

A meu ver, a história desse puro-sangue malhado soa como alegoria da nobreza russa dos anos sessenta. À medida que o capitalismo vai penetrando fundo na vida russa (a reforma de 1861 é mero reflexo desse processo), a nobreza, antes puro-sangue racial, social e cultural, começa a inserir-se no processo, muitos dos seus representantes tradicionais passam a desenvolver atividades capitalistas, a misturar a arraigada tradição do ócio com novas atividades até então incompatíveis com a condição nobre, vão-se mesclando, misturando seu sangue "azul" com outros sangues de origem comercial, industrial etc., em suma, começam a tornar-se socialmente malhados e estereis como o capão *Kholstomér*. Sierpukhóvskoi, antigo nobre, principal dono do cavalo, levava uma vida inteiramente estéril e morre na mais profunda decadência, numa espécie de antecipação sombria do destino que ronda a nobreza. Como Turguêniev anteviu o tipo do futuro revolucionário na figura do búlgaro Insárov no romance *Na véspera* (*Nakanúnie*, 1859), Tolstói parece antecipar o destino da no-

breza no tom malhado do cavalo e na decadência de Nikita Sierpukhóvskoi, seu dono.

Um segundo aspecto do conto está vinculado à ideologia burguesa que, àquela altura, já domina as relações humanas na sociedade russa: a ideologia da posse e da propriedade. Kholstomér reflete sobre a estranha espécie de animais a que os cavalos estão intimamente ligados e chamam de homens. Porque são os homens que provocam nele um grande estranhamento: ele não entende o sentido da palavra *meu, seu*, não pode entender por que o chamam de propriedade do homem. A palavra *meu cavalo*, aplicada a ele, soa-lhe tão estranha como as palavras *minha terra, meu ar, minha água*. À medida que vai refletindo sobre o conceito de posse, sua crítica à essência da sociedade burguesa se amplia a outros aspectos como o discurso, porque finalmente acaba entendendo o sentido que as pessoas atribuem àquelas *estranhas palavras*: os homens não se orientam em suas vidas pelos atos mas pelas palavras, não gostam tanto de fazer ou deixar de fazer alguma coisa quanto de usar para diferentes objetos palavras que eles convencionalizaram para designar *meu, minha*, aplicando tais palavras aos objetos e seres mais diversos como terra, gente, cavalo. Logo, o discurso da posse é meio de usar a palavra para escamotear a essência da ação. Quem tem posse tem poder, quem tem poder tem discurso e o ostenta diante dos outros que agem, trabalham e fazem por ele e para ele. A inutilidade do existir é completada pela afirmação “isso é meu”, que substitui a necessidade do fazer. O convencionalismo do discurso burguês estrabelece uma relação inequívoca entre o ter e o ser, da qual decorre imediatamente o conceito burguês de felicidade. Dentro desse convencionalismo do discurso, aquele que pode aplicar a palavra

meu ao maior número possível de objetos é considerado o mais feliz dos homens. Daí o estranhamento do cavalo.

Kholstomér passa das observações em torno do discurso da posse ao questionamento do direito de posse e propriedade. Consta que muitas daquelas pessoas que o chamavam de *meu cavalo* nunca o montaram, nunca o alimentaram, nunca lhe fizeram um único bem: outras pessoas bem diferentes lhe fizeram tudo isso. Logo, na sua ótica, o direito de propriedade é totalmente inútil: o conceito de *meu* não passa de um instinto baixo e animal que os homens chamam de sentimento ou direito de propriedade. O homem diz “minha casa”, mas não mora nela, diz “minha terra”, mas nunca a viu ou passou por ela. Há pessoas que chamam de *minhas* outras pessoas mas nunca as viram, e sua única relação com elas consiste em lhes fazer o mal. O que move as pessoas em suas vidas é a aspiração a aplicar o conceito de *meu* ao maior número possível de objetos. E daí conclui Kholstomér: por não estar dominada pelo sentimento de propriedade, por não justificar a existência através das palavras mas dos atos, a espécie equina é superior à humana. Os equinos justificam sua existência pela utilidade, ao passo que o direito de posse não só é inútil como inúteis são as vidas daqueles que o praticam e fazem dele o objetivo principal de sua existência. As mortes de Kholstomér e Sierpukhóvskoi no final do conto são uma confirmação cabal dessa reflexão: os restos mortais de Sierpukhóvskoi não serviram para nada, ao passo que Kholstomér morto serviu de repasto a cães e filhotes de lobo, prolongando-lhes a existência, além de ter seu couro e seus ossos aproveitados. Kholstomér teve uma vida socialmente útil e uma morte magnífica, Sierpukhóvskoi levou uma existência inútil, apenas esbanjando, e teve uma morte melancólica. O

final do conto soa como um acorde funesto para o destino da nobreza russa.

Como podemos observar, o capitalismo russo ainda está dando os primeiros passos como sistema orgânico, e Tolstói já levanta uma questão essencial do sistema: a alienação como decorrência das relações de posse e propriedade. À medida que o sistema avança, o romancista sente a necessidade de aprofundar a discussão desse assunto, e por isso volta a *Kholstomér* e faz algumas alterações no texto em 1885, aprimorando alguns dos aspectos da primeira redação que considerou necessário atualizar em face do aprofundamento daquele processo iniciado em 1861. Esse retorno a *Kholstomér* é profundamente sintomático tendo em vista o momento: os anos oitenta. A essa altura já foi escrito o romance *Guerra e paz*, e *Anna Karênina* está em fase de conclusão. O autor mergulhara fundo na história e nos destinos da Rússia, na questão conjugal (espinho que se lhe cravara na alma para o resto da vida) e sua reflexão se volta cada vez mais para temas político-sociais, psicológicos e filosóficos, destacando-se a alienação do homem na sociedade burguesa como preocupação constante. É nesse clima que o motivo da alienação já trabalhado em *Kholstomér* retorna em 1886 em *A morte de Ivan Ilitch*, outra obra-prima do seu gênio criador. Nela, Tolstói é absolutamente implacável com a sociedade burguesa e mostra que a ascensão do indivíduo e sua conseqüente inserção no sistema oficial de valores redunda na sua plena identificação com a sua função, função essa que lhe dá a sensação de poder, de onde lhe vem o prazer de sentir-se na posse de outras pessoas cujos destinos pode decidir com a mesma facilidade com que os donos de *Kholstomér* denominavam *meu* ou *minha* esse ou aquele objeto ou pessoa; em suma,

a absorção da função burocrática e de seus condicionamentos psicológicos e ideológicos por parte de Ivan Ilitch apaga a diferença que separa indivíduo e função burocrática e redonda para ele na perda da sua personalidade e da própria condição humana. Fiel à sua concepção poética bem aristotélica (“Fala da tua aldeia que estarás falando do universo!”) da relação entre particular e universal, Tolstói toma o caso particular do burocrata Ivan Ilitch e faz dele uma representação universal do processo de alienação e suas conseqüências para a vida humana. Como Sierpukhóvskoi, nobre decadente que levava uma vida inútil mas dela nunca tomara consciência, Ivan Ilitch, alto funcionário do sistema jurídico, levava uma vida que imaginava útilíssima mas que descobrirá inútil ante a constatação da fatalidade da morte.

O conto *Falso cupom* (1904) apresenta vários elementos das utopias sociais e religiosas de Tolstói. O escritor já havia desenvolvido a famosa teoria da não-resistência ao mal e do perdão universal. Já se rebelara contra a Igreja ortodoxa russa e seus representantes mais elevados, que qualificava de hipócritas, vazios, interesseiros, egoístas e pouquíssimo ilustrados. Logo, não estavam em condição de salvar ninguém de coisa nenhuma. Diante disso, Tolstói pensa em um novo cristianismo, em um Deus justo e sem os arroubos mercantilistas com que o apresenta a Igreja ortodoxa. Vê a própria Igreja como algo perfeitamente dispensável, além de nociva como instituição. Sua concepção religiosa reduz a religião a uma ética do amor e da não-violência. A Igreja devotada ao poder e aos poderosos em detrimento do povo é uma aberração e uma deturpação dos princípios fundamentais do Cristianismo. Não há como aceitar uma Igreja que não tenha como prioridade

absoluta o povo. Entre este e ela não há nada em comum e por essa razão ele não mais a reconhece e deve procurar seu próprio caminho. Em *Falso cupom*, vemos assassinos sanguinários regenerados após a leitura dos Evangelhos, tomados de amor ao próximo e entregues à prática do bem, e ao mesmo tempo reconquistando aquela condição rousseauiniana da inocência e da bondade naturais, agora libertos das influências degradantes da religião pregada pela Igreja e da civilização burguesa. Não poderia falar no conto a condenação explícita da instituição jurídica e do Estado, do vazio e da falta de caráter e seriedade dos seus representantes.

Em termos compositivos, o narrador incorpora ao conto a tradição hagiográfica, e graças a ela assassinos se regeneram sob o efeito da leitura dos Evangelhos e passam a pregar o amor ao próximo, caminhando claramente no sentido da beatificação. No conjunto da obra tolstoiana, *Falso cupom* se constitui em um grande paradoxo. Mas, como dizia Púchkin, o gênio é amigo dos paradoxos, e Tolstói não só é amigo como também cultor. Há momentos em suas obras, e freqüentes, em que o paradoxo aparece como elemento imediatamente composicional, enfeixando concepções humanistas com outras bastante reacionárias, instalando um movimento contraditório que dinamiza o pensamento e dramatiza a enunciação ou a ação. Assim, *Falso cupom* apresenta-se como um quadro bastante policrômico onde se expõem as contradições em que o autor sempre se debateu e que se intensificaram nos seus últimos anos de vida.

O *diabo* (ele começa a escrevê-lo em 1889) é um conto de forte condimento autobiográfico, baseado na história do amor real de Tolstói por uma camponesa chamada Aksínia, moradora de Yásnaia Políana. À sua história pessoal o autor in-

corporea a história real de Nikolai Nikoláiev Friederiks, juiz de instrução na cidade de Tula, que tivera um caso com a camponesa Stiepanida Muntítsina. Depois do casamento, a mulher passou a atormentá-lo com cenas de ciúme com Stiepanida, e Friederiks acabou matando a amante com um tiro de revólver na barriga quando ela debulhava milho com outras camponesas. Friederiks foi julgado e considerado anormal, mas pouco depois o encontraram sobre os trilhos de uma ferrovia esmagado por um trem (Cf. Chklóvski, *op.cit.*, p. 261).

Sófia Andréievna, mulher de Tolstói, sabia da história amorosa do marido e conheceu pessoalmente Aksínia nas mesmas circunstâncias em que Iriténiev reencontra Stiepanida depois de casado, durante a faxina que Liza manda fazer na casa da fazenda.

Na primeira versão, o conto chamava-se *A história de Friederiks*, e só mais tarde Tolstói lhe deu redação final com o título *O diabo*, sob o qual foi publicado postumamente.

O enredo do conto gira em torno de uma alucinação amorosa. Levguíeni Iriténiev assume a fazenda que recebera como herança do pai e nela se embrenha movido pela necessidade de fazer funcionar uma propriedade abandonada há vários anos. Envolvido com os trabalhos de recuperação da fazenda, distante do meio urbano, sente os apelos do sexo e, vencendo o acanhamento, acaba recorrendo à mediação de Danila, antigo empregado da fazenda, e por ele é levado à camponesa Stiepanida. Ele repete várias vezes que sua intenção é meramente profânica: quer fazer sexo apenas para resguardar a saúde. Entretanto acaba se envolvendo, apaixonando-se e amando de verdade Stiepanida, que ele não consegue esquecer com o casamento.

À primeira vista, uma história banal como muitas outras. Entretanto nas mãos do verdadeiro artista o banal pode tornar-se sublime ou trágico. O mergulho psicológico profundo na alma de Irtiêniev, que em certo sentido é um mergulho de Tolstói em sua própria alma, arrasta o leitor para dentro da obra como uma força invisível a puxá-lo pelos cabelos. O movimento de tração e retração que se estabelece entre a paixão alucinatória de Irtiêniev e sua tentativa de resistir à sedução avassaladora que Stepanida exerce sobre ele dramatiza ao máximo a narrativa e lhe imprime um grau de tensão muito próximo dos melhores exemplares da tradição trágica. Um traço essencial do trágico consiste em que ele não admite conciliação do conflito ou sua solução em alguma esfera superior, pois se isso acontecesse o trágico transbordaria no cômico. Irtiêniev se debate entre o imperativo moral de fidelidade à esposa e a voragem da paixão que experimenta por Stepanida, está consciente de que entregar-se à paixão significa destruir-se como ser ético, e como seu conflito não permite conciliação ele acaba optando pela erradicação da causa. Uma vez que, segundo o próprio Tolstói, “não se pode viver sem um ideal” e o ideal de Levguiéni sucumbiu à paixão por Stepanida, não lhe resta outra saída senão erradicar o “mal”.

A representação da angústia de Irtiêniev mostra a força e a profundidade da análise psicológica de Tolstói, a sua dialética da alma; o processo psicológico se desencadeia como luta entre princípios diversos e contraditórios, os sentimentos se movimentam com a intensidade e a força da gravidade de um remoinho que arrasta a personagem para o fundo do precipício, criando uma tensão que só se desfaz na catarse do ato final. “A arte” – escreveu Tolstói – “é a habilidade de represen-

tar aquilo que deve ser, aquilo a que as pessoas devem aspirar, aquilo que faz mais bem às pessoas. E representar tudo isso só é possível através de imagens.”

Ao mesmo tempo, ao insistir na constante reformulação de *O diabo*, Tolstói reproduz o paradoxo a que nos referimos: anos a fio rejeitou explicitamente o amor sensual, enquanto recalçava no recôndito da alma a paixão por Aksínia que o incendiara na juventude e o acompanhou pelo resto da vida. Em 1909, portanto um ano antes de morrer, ele ainda anotava no diário que tinha visto Aksínia descalça, lamentava por não lhe ter pedido perdão pelo filho que ela tivera dele e se autocensurava por censurar os outros. O paradoxo de Tolstói o impede de chegar a uma solução unívoca do conflito em grande medida pessoal; representar uma idéia como a da luta entre Deus e o diabo transfigurada em luta entre o espírito e a carne requer imagens convincentes, e como a paixão por Aksínia foi uma ferida aberta na alma que o próprio Tolstói jamais conseguiu fazer cicatrizar, ele não conseguiu uma imagem unívoca para o fechamento de *O diabo* e o conto acabou tendo dois finais.

Em *O diabo* manifesta-se ainda a famosa censura de Tolstói à ciência e particularmente à medicina. O narrador aproveita a visita do médico a Liza, esposa de Irtiêniev, para criticar o médico e, na pessoa dele, toda a medicina. A fala do médico, empolada e sem qualquer sentido, parece mais um quiproquó, um discurso abstruso à maneira do teatro do absurdo: “O médico chegou na hora do almoço e, naturalmente, disse que, embora casos reincentes pudessem inspirar cuidados, propriamente falando não havia indicação positiva mas, como também não havia contra-indicação, por um lado se po-

dia supor, assim como, por outro lado, também se podia supor...”. Em termos de representação do nível de linguagem este é sem dúvida um trecho excepcional pela habilidade do autor no trato do discurso.

Depois do baile, de 1903, é uma história bem característica da fase tardia em que Tolstói está plenamente definido em termos políticos, religiosos e morais. É uma espécie de contotese do qual o autor lança mão para discutir a teoria segundo a qual o meio determina tudo. E o faz de maneira muito engenhosa, dividindo a história em dois pólos bem definidos: o do discurso e o da ação ou dos “fatos”. De um lado está Ivan Vassilievitch, personagem central que abre a narração contotendo essa tese e afirmando que “tudo é uma questão do acaso”; do outro lado está o coronel Piotr Vladislávitch, cuja ação Ivan Vassilievitch irá presenciar por obra e graça do acaso. Entre os dois está o narrador, cuja participação na história é parcimoniosa, mas suficiente para delinear o perfil ideológico de todo o conto. Começa qualificando Ivan Vassilievitch como “respeitado por todos”, dado que em si já antecipa o tipo de recepção do discurso dessa personagem, marcado pela confiabilidade desses “todos”. Depois, com a narração já avançando quase pela metade da história, esboça em rápidas pinceladas o perfil do coronel Piotr Vladislávitch, pai de Várienka. Paralelamente a atributos como beleza, elegância, idade, o “sorriso carinhoso e alegre como o da filha”, “peito marcial, ombros fortes”, etc., o narrador acrescenta dois detalhes nada secundários em termos psicológicos: “bigodes brancos retorcidos para cima, à *la Nicolai I*”, “chefe militar, o tipo do antigo servidor de Nicolai”. Portanto, a comparação com Nicolai I (1796-1855), o tristemente famoso Nicolai Pálkin (Porrete) significa identi-

ficação com a tradição mais repressiva e violenta da Rússia. Aliás o coronel é todo tradição e impressiona Ivan Vassilievitch especialmente por usar botas “com presilhas fortes [...] de couro de bezerro, não de bico fino como era moda, mas à antiga, quadradas e sem saltos [...] fora de moda”. Considerando o momento em que o conto foi escrito – 1903, época de grande efervescência revolucionária que culminaria na revolução de 1905 –, esse “à antiga”, “fora de moda” soa como um profundo anacronismo e dado revelador da persistência da tradição de violência e repressão, antecipando o desfecho sinistro que o acaso levará Ivan Vassilievitch a assisir. Por outro lado – e isso é muito marcante em toda a obra de Tolstói –, o comportamento do coronel Vladislávitch em sociedade é um dado altamente revelador do divórcio profundo entre aristocracia e povo: ela dança, se desfaz em rapapés, em meras formalidades, ostenta fumaça de civilização quando está em seu próprio habitat público, mas de volta à caserna espanca um ser humano com a barbaridade do pior selvagem.

A técnica do retardamento da ação é usada com extremo virtuosismo nesse conto. Entre as palavras da abertura (“você dizem que o homem não pode compreender por si só o que é bom e o que é mau”) e a cena de tortura pública do soldado desertor, desenvolve-se toda uma história de paixão. Ivan Vassilievitch narra a história da sua paixão avassaladora – “o amor mais forte que eu já sentira” – por Várienka, filha do coronel Vladislávitch, e encanta os seus ouvintes com detalhes da sua amada e do baile em que dançara com ela. Como em literatura o elemento autobiográfico sempre se faz presente, de forma velada ou explícita, nessa história de uma paixão criada por Tolstói não poderiam faltar as concepções de amor desen-

volvidas pelo autor. A essa altura Tolstói já prega a abstinência sexual (embora a saudade erótica de Aksíma-Stiepanida ainda lhe queime a alma!), e nesse sentido faz de Ivan Vassilievitch um duplo seu, pondo-lhe nos lábios afirmações como essas:

“Quanto mais eu me apaixonava, mais incorpórea ela se tornava para mim... o objeto do meu amor esteve sempre vestido de bronze”. A essa mostra da ascese tolstoiana acrescenta-se uma variante da sua concepção do amor como força que apazigua o universo e torna o homem bom, justo – “estava feliz, abençoado, me sentia bom... ignorante do mal e capaz de fazer apenas o bem” – e solidário. No entanto, o amor profundo que sente por Várienka e tudo que a cerca, a ponto de querer envolver pai e filha “em um só sentimento de ternura e comoção”, não priva Ivan Vassilievitch do seu humanismo e daquela perspectiva crítica diante da vida que leva o homem a reagir diante das imposições do meio, negando a tese segundo a qual o meio determina tudo. Depois de assistir à cena de tortura do soldado ele ainda procurou justificar a atitude do coronel: “Com certeza ele sabe alguma coisa que eu não sei... Se eu soubesse o que ele sabe, entenderia o que vi e isso não me atormentaria”. Mas ele não aceita o fato, não ingressa no serviço militar, como queria antes e, pior, não consegue mais olhar para Várienka sem se lembrar da imagem do pai comandando uma sessão pública de tortura e espancando o soldado. O coronel é produto do meio, e de um meio cujas raízes remontam aos tempos de Nicolai I, age segundo fórmulas acadêmicas e estereótipos atrás dos quais esconde-se o poder autoritário da sociedade. Ivan Vassilievitch, a despeito do seu amor por Várienka, está afinado com a sensibilidade da época, compreende “o que é bom e o que é mal”, não se deixa “devoorar”

pelo meio a que ela pertence e acaba perdendo o amor mas mantendo a feição humana e a personalidade acima das injunções do meio. Perde o amor mas desmente a tese da prevalência do meio sobre o indivíduo.

Há em *Depois do baile* um inconfundível sabor tchekhoviano. Além da repulsa natural à violência, o conto é, em termos formais, um exemplo de economia do espaço narrativo – coisa ímpar em Tolstói, cujos contos, exceto os folclóricos, costumam ser bastante longos. Sua arquitetura é condensada, a história é narrada de dentro por Ivan Vassilievitch, que dela participou e por isso lhe confere alto grau de verossimilhança, o narrador só interfere nos casos de extrema necessidade, nada é supérfluo, todos os elementos funcionais estão em sua posição específica. Tudo lembra a célebre definição de Tchekhov: “se em um conto aparece uma espingarda, ela tem que disparar”.

Os contos aqui incluídos foram traduzidos diretamente do russo por três alunas minhas do curso de graduação em Língua e Literatura russas na USP, no período em que fui professora dessa universidade. *Três mortes*, *Kholostniér* e *Depois do baile* foram traduzidos sob minha orientação direta, supervisão e correção de originais durante os meus plantões destinados ao atendimento de alunos. No processo da tradução discuti com minhas alunas cada palavra, cada nuance, os meandros da tradução como recriação, os equivalentes linguístico-culturais nas duas línguas, o estilo do autor e sua recriação, com o maior grau de fidelidade possível, na língua portuguesa. Várias vezes

Três mortes

as alunas leram em voz alta o texto em português para que pudessem sentir quando a linguagem fluía naturalmente ou revelava alguma coisa forçada e artificial no texto traduzido. Tratava-se de um projeto pessoal de criar um laboratório vivo de tradução e investir nos alunos de melhor destaque no curso de língua e literatura, estimular a criatividade e aproveitar o potencial de cada um. Visava eu, ainda, lançar as bases para a criação de uma equipe que, no futuro, pudesse preencher a carência de bons tradutores de russo no mercado brasileiro, carência essa não preenchida pelos poucos cursos de russo existentes no Brasil nem por aqueles oferecidos por universidades russas.

Ao término do trabalho, percebi que os textos poderiam ser aproveitados numa seleta para publicação, contanto que eu me debruçasse sobre cada um e procedesse a uma cuidadosa revisão suplementar, primeiro cotejando os textos traduzidos com os originais russos, depois procedendo a uma nova revisão da linguagem. Assim, os textos que a editora Cosac & Naify pôe agora ao alcance do leitor brasileiro passaram por nova revisão: primeiro minha, a partir de um novo cotejo com originais russos, e depois em conjunto com Samuel Titan Jr., já com vistas ao máximo aprimoramento possível da linguagem

Depois do baile

– Pois bem, vocês dizem que o homem não pode compreender por si só o que é bom, o que é mau, que tudo depende do meio, que o meio devora tudo. Eu, porém, penso que tudo depende do acaso. É de mim que estou falando.

Assim começou a falar Ivan Vassilievitch, respeitado por todos, ao final de uma conversa que tivemos, quando dizíamos que, para o aprimoramento pessoal, era antes necessário mudar as condições de vida dos homens. Ninguém havia dito prioritamente que lhe era impossível compreender o que é bom e o que é mau, mas Ivan Vassilievitch tinha aquele jeito peculiar de reagir às idéias que lhe surgiam de uma conversa e torná-las como ensejo para contar episódios de sua vida. Era frequente esquecer por completo o motivo que o levava a narrar, deixando-se arrebaratar pela narração. Era o que acontecia naquele momento.

– Eu falo de mim. Toda minha vida tem sido assim e não de outro jeito, não decorreu do meio, mas de algo bem diferente.

– De que então? – perguntamos nós.

— Essa é uma longa história. Para entendê-la é preciso contar muita coisa.

— Pois então conte.

Ivan Vassilievitch ficou pensativo, meneou a cabeça.

— É... — disse ele. — Toda minha vida transformou-se em uma noite, ou antes, em uma manhã.

— Mas o que foi que aconteceu?

— Aconteceu que eu estava muito apaixonado. Já estive-ra apaixonado muitas vezes, mas aquele era o amor mais forte que eu já sentira. Faz muito tempo. Ela já tem uma filha casada. Era a B... Sim, a Várienka¹ B... — Ivan Vassilievitch disse o sobrenome. — Mesmo aos cinquenta anos, era de uma beleza notável. Mas na mocidade, aos 18 anos, era encantadora: alta, esbelta, graciosa e majestosa, majestosa é a palavra. Porte singularmente ereto, sempre, como se não pudesse ser de outra forma, cabeça levemente inclinada para trás, o que, com aquela beleza e a estatura alta, apesar de ser magra e até ossuda, dava-lhe certo ar de rainha, que afastaria as pessoas não fosse ela afável, sempre com um sorriso alegre nos lábios, aqueles olhos magníficos e brilhantes e todo o seu ser jovem e encantador.

— Como Ivan Vassilievitch pinta o quadro!

— É, por mais que eu descreva não dá para pintar de forma que vocês atinem como ela era. Mas o caso não é esse. O que eu quero contar aconteceu nos anos quarenta. Naquela época eu era estudante da universidade da província. Não sei se isso é bom ou mau, mas o fato é que não havia na nossa universidade nenhum círculo, nenhuma teoria, e nós éramos simplesmente jovens e vivíamos como é próprio da juventude: es-

tudávamos e nos divertíamos. Eu era um rapaz esperto, alegre e ainda por cima rico. Tinha um cavalo fegoso, de passo largo; descia os morros a galope em companhia das moças (os patins ainda não estavam na moda), fartava com os colegas (só bebíamos champagne e, quando o dinheiro acabava, não bebíamos nada, nem vodca, como fazemos agora). Meus maiores prazeres eram as festas e os bailes. Eu dançava bem e não era feio.

— Ora, nada de modéstia! — interrompeu-o uma das senhoras que o ouviam. — Nós conhecemos bem o seu retrato. O senhor não era nada feio, era bem bonito.

— Vamos que fosse bonito, mas não vem ao caso. O fato é que, no período daquele amor mais forte por ela, estava eu no baile do último dia de carnaval, na casa do chefe da província, velhinho bonachão, ricaço hospitaleiro e *kammerherr*.² Bonachona como ele, sua mulher recebia os convidados vestida em veludo marrom, na cabeça um diadema de brilhantes, os ombros e o colo velhos, brancos e roliços, como um retrato de *Leizavieta Pietrovna*.³ O baile estava maravilhoso: o salão, lindo, com coros e músicos — os então famosos conjuntos de ser-vos dos senhores de terras aficionados de música —, um bufê esplêndido e um verdadeiro mar de champagne. Apesar de ser um grande consumidor de champagne, eu não bebi, porque já estava bêbado — não de vinho, mas de amor; em compensação, dancei até cair — dancei quadrilha, valsa, polca, é evidente que, na medida do possível, com Várienka. Ela estava de vestido branco, cinto cor-de-rosa, luvas de pelica brancas que quase lhe chegavam aos cotovelos magros, pontiagudos, e sapatinhos

¹ Diminutivo de Varvára (N. T.).

² Título superior ao de cadete na Rússia czarista (N. T.).

³ Filha de Pedro, o Grande e czarina da Rússia entre 1741 e 1762 (N. T.).

ferrados de cetim branco. Tomaram-me a mazurca, já estava combinada de antemão com o nojentinho do engenheiro Amíssimov, nunca o perdoei por isso: convidou-a logo que ela chegou, enquanto eu corria ao barbeiro atrás de umas luvras e me atrasava. De sorte que não dancei com ela a mazurca, mas com uma alemãzinha que eu antes cortejara um pouquinho. Mas temo que nessa festa eu não tenha sido muito cortês com ela — não conversei nem olhei para ela, só tinha olhos para a silhueta alta e bem feita naquele vestido branco com cinto rosa, para aquele rosto radiante e rosado com covinhas e aqueles olhos carinhosos e encantadores. Todos, e não só eu, olhavam para ela e se deliciavam, homens e mulheres deliciavam-se apesar de ela ofuscar a todos. Era impossível não se deliciar.

Por causa da tal etiqueta social, perdi a mazurca, mas na verdade passamos quase o tempo todo dançando juntos. Sem se perturbar, ela atravessava a sala inteirinha em minha direção, eu saltava, sem esperar o convite, e ela agradecia com um sorriso a minha perspicácia. Quando os pares cruzavam e ela não adivinhava o meu passo, ela encolhia os ombros magros, em sinal de lástima e consolo, e sorria para mim. Quando a figura da mazurca era a valsa, valsávamos longamente e ela, ofegante, sorria e me dizia: "encore!"⁴ Eu rodopiava mais e mais e nem sentia meu corpo.

— Ah! mas como não sentia?! Claro que sentia quando abraçava a cintura dela, sentia o seu corpo e, naturalmente, o dela também — disse um dos convidados.

Ivan Vassilievitch corou subitamente e exclamou, quase zangado:

⁴ "Mais!" — em francês, no texto original (N.T.).

— Vocês é que são assim, a juventude de hoje! Vocês não enxergam nada além do corpo. No nosso tempo era diferente. Quanto mais eu me apaixonava, mais incorporáa ela se tornava para mim. Vocês agora olham os pés, os tornozelos e mais alguma coisa, desnudam as mulheres pelas quais se apaixonam; para mim, porém, como dizia Alphonse Karr⁵ — bom escritor —, o objeto do meu amor esteve sempre vestido de bronze. Nós, além de não despirmos, ainda procurávamos cobrir a nudez, como o bom filho de Noé. Mas qual! Vocês não vão entender.

— Não lhe dê atenção. E depois? — disse alguém.

— O fato é que acabei dançando mais com ela e não percebi o tempo passar. Os músicos, já em desespero de tão cansados — vocês sabem como é no fim dos bailes —, agarravam-se ao mesmo tema de mazurca: nas salas de estar os papais e as mãães já se levantavam das mesas de jogo, aguardando o jantar, os criados circulavam rapidamente ajeitando as coisas. Eram mais ou menos três horas. Os últimos minutos precisavam ser aproveitados. Mais uma vez a convidei, e pela centésima vez percorremos o salão.

— Então, depois do jantar a quadrilha é minha? — disse-lhe, conduzindo-a ao seu lugar.

— Naturalmente, se não me levarem — disse sorrindo.

— Não permitirei — disse eu.

— Dê-me o leque — disse ela.

— Lamento devolvê-lo — respondi, devolvendo-lhe o leque branco e barato.

— Eu lhe dou isto, então, para você não ficar triste — disse ela, arrancando uma pluma do leque e dando-a para mim.

⁵ Escritor francês (1809-1890) (N.T.).

Peguei a pluma e só pude exprimir com o olhar todo o meu êxtase, toda minha gratidão. Eu estava alegre e satisfeito, estava feliz, abençoado, me sentia bem, eu não era eu, era um ser qualquer de outro planeta, ignorante do mal e capaz de fazer apenas o bem. Guardei a peninha dentro da luva e fiquei ali parado, sem forças para me afastar dela.

— Olhe, estão convidando papai para dançar — disse-me, apontando a figura alta e esbelta do pai, coronel de dragonas prateadas, que estava junto à porta com a anfitriã e outras senhoras.

— Várienka, venha cá — ouvimos a voz forte da anfitriã, a do diadema de brilhantes e ombros ielisivietanos.

Várienka se encaminhou para a porta e eu a segui.
— *Ma chère*,⁶ convença seu pai a dançar com você. Ah! por favor, Piotr Vladislávitch — voltou-se a anfitriã para o coronel.

O pai de Várienka era muito bonito, elegante, alto, de meia-idade. Rosto corado, bigodes brancos retorcidos para cima, *à la Nicolas I*,⁷ suíças também brancas, que se uniam aos bigodes, o cabelo nas têmporas penteadado para a frente e um sorriso carinhoso e alegre como o da filha brilhando nos olhos e nos lábios. Tinha belo porte, uma faixa larga e simples de cores decorações cruzava-lhe o peito marcial, ombros fortes e pernas longas, bem proporcionadas. Era um chefe militar, o tipo do antigo servidor de Nicolai.

Quando nos aproximamos da porta, o coronel se desculpava, dizendo que havia desaprendido a dançar; mesmo as-

sim, sorriu, deixando-se levar, com a mão esquerda desembainhou a espada, entregou-a para um empregado e, tirando com dificuldade a luva da mão direita, disse rindo: “Tudo pelo dever!”. Tomou a mão da filha e postou-se na expectativa do tempo exato para começar a dançar.

Ao esperado início da mazurca, bateu com desenvoltura um pé, dobrou a outra perna e sua figura alta e pesada moveu-se pelo salão num sapateado ora vagaroso e calmo, ora tempestuosamente barulhento. A silhueta graciosa de Várienka flutuava ao seu lado com passos leves, às vezes longos, com seus sapatinhos de cetim branco. Todo salão seguia cada movimento do par. E eu, apaixonado, olhava para eles com enlevo e emoção. Impressionavam-me especialmente as botas dele, com presilhas fortes, belas botas de couro de bezerro, não de bico fino como era moda, mas à antiga, quadradas e sem saltos. Pelo visto, tinham sido feitas pelo sapateiro do batalhão. “Para poder apresentar bem sua filha querida, com boas roupas, ele não compra botas novas e usa as fora de moda” — pensei, e aquelas botas quadradas me emocionaram ainda mais. Era evidente que ele fora outrora um bom dançarino, mas agora estava pesado e as pernas não tinham mais a elasticidade suficiente para todos os passos floreados e rápidos que tentava fazer. Mesmo assim, deu duas voltas no salão com habilidade. E quando abriu e fechou depressa as pernas e, apesar de seu peso, caiu sobre um joelho, e ela, sorrindo e ajitando a saia que se prendera nele, circundou-o com leveza, todos aplaudiram. Levantando-se com algum esforço, abraçou com ternura e delicadeza a filha, deu-lhe um beijo na testa e conduziu-a para mim, acreditando que a próxima dança era minha. Eu disse que não era o seu par.

⁶ “Minha querida” — em francês, no texto original (N. T.).

⁷ “A moda de Nicolai I” — em francês, no texto original. O imperador Nicolai I (1779-1855) governou a Rússia a partir de 1825 (N. T.).

— Ah, não importa, agora dance o senhor com ela — disse ele com um sorriso amigável, recolocando a espada na bainha.

Como sempre acontece depois que uma gota escorre de uma garrafa e todo o seu conteúdo derrama-se aos borbotões, assim o meu amor por Várienka libertou toda a capacidade de amar que eu trazia escondida na alma. Eu abraçaria o mundo todo com meu amor. Amava a anfitriã de diadema e busto ielisavietano, e o seu marido, e os seus convidados, e os seus criados e até o engenheiro Amíssimov, que fazia pouco caso de mim. Pelo pai dela, com as botas de fabricação caseira, de sorriso amável parecido com o dela, eu sentia naquele momento uma espécie de sentimento misto de enlevo e ternura.

Terminada a mazurca, a anfitriã convidou os hóspedes para o jantar, mas o coronel B... recusou-se, dizendo que precisava se levantar cedo no dia seguinte, e despediu-se dos anfitriões. Tive medo de que ela fosse também, mas ficou com a mãe.

Depois do jantar, dancei com ela a quadrilha prometida e, apesar de parecer infinita, minha felicidade crescia, crescia mais a cada minuto. Nós nada falávamos de amor. Eu não lhe perguntava, e nem a mim, se ela me amava. Para mim era bastante que eu a amasse. Só temia que alguém pudesse atrapalhar minha felicidade.

Quando cheguei em casa, despi-me e pensei em dormir, mas vi que isso era absolutamente impossível. Tinha nas mãos a pluma de seu leque e uma luva inteirinha que ela me dera ao sair, quando eu a ajudava a subir com a mãe na carruagem. Olhava para aquelas coisas e, de olhos abertos, eu a via à minha frente a cada instante — quando, vacilando entre dois cavalheiros, me escolhe, e ouço sua voz suave dizer “Orgulhoso,

não é?” e me dá sua mão alegremente; ou quando, no jantar, toma champanhe aos golezinhos e me espia de esguelha com olhos afetuosos. Mais que tudo, porém, vejo-a dançando com o pai, movendo-se leve à sua volta e olhando para os espectadores enlevados, alegre e orgulhosa de si e dele. E involuntariamente envolvo os dois em um único sentimento de ternura e comoção.

Naquela época, eu vivia com um irmão muito sossegado. De maneira geral, ele não gostava de vida social, não ia a bailes, preparava-se para os exames de doutoramento e levava a mais regular das vidas. Estava dormindo quando cheguei. Olhei para a cabeça dele afundada no travesseiro, meio escondida pelo cobertor de flanela. Senti uma piedade afetuososa por ele, por não saber e não compartilhar da minha felicidade. Nosso criado Pietrucha veio ao meu encontro com uma vela acesa e quis me ajudar a trocar de roupa, mas eu o dispensei. O seu rosto sonolento, de cabelos emaranhados, pareceu-me de uma ternura tocante. Procurando não fazer barulho, fui para meu quarto na ponta dos pés e sentei-me na cama. Não, estava feliz demais e não podia dormir. Além disso, eu sentia calor no quarto muito aquecido e, sem tirar o uniforme, vesti um capote, abri a porta e fui para a rua.

Eu saíra do baile entre as quatro e as cinco horas, mais duas haviam passado com minha ida para casa e o tempo que lá fiquei, de sorte que já estava claro quando saí para a rua. Fazia um tempo típico de carnaval, neblina, muita umidade, a neve derretendo nos caminhos e gotejando de todos os telhados. Naquela época os B... moravam nos confins da cidade, junto do campo grande, onde havia uma alameda, ao lado de uma escola para moças. Andei por uma travessa deserta e saí na rua

principal, onde cruzei com transeuntes e carroceiros carregando lenha nos trenós que arranhavam os patins no calçamento. E os cavalos, que balançavam sem parar as cabeças arqueadas, lustrosas de umidade, e os cocheiros, cobertos por esteiras, que arrastavam enormes botas ao lado das carroças, e as casas da rua, que pareciam muito altas em meio à neblina — tudo assunha para mim um encanto e um significado especial.

Quando cheguei ao lugar onde ficava sua casa, percebi ao longe, na calçada à direita, alguma coisa grande e negra e ouvi sons de flautas e tambores que vinham de lá. Em pensamentos, eu cantava ainda os temas da mazurca e, algumas vezes, chegava mesmo a ouvi-los. Aquela, no entanto, era música diferente, cortante e desagradável.

“O que é isso?” — pensei, e pelo caminho escorregadio que atravessava o campo segui na direção daquele som. Depois de andar uns cem passos, comecei a distinguir, no meio da névoa, muita gente vestida de preto. Eram soldados. “Devem estar em treinamento” — pensei e, caminhando atrás de um ferreiro de peliça imunda e avental, que carregava alguma coisa, cheguei mais perto. Soldados de uniformes pretos formavam duas colunas, uma à frente da outra, imóveis, com os fuzis junto às pernas. Atrás deles estavam o flautista e os tamborileiros que tocavam ininterruptamente a mesma melodia desagradável e estridente.

— O que estão fazendo? — perguntei ao ferreiro que tinha parado ao meu lado.

— Estão castigando um tártaro por deserção — disse o ferreiro, zangado, olhando para a outra extremidade das fileiras de homens.

Fiquei olhando também e notei entre as duas alas uma

coisa horrível, que vinha para o lado em que eu estava. Era um homem de torso nu, amarrado aos fuzis de dois soldados que o empurravam. Ao lado dele vinha um militar alto, de capote e quepe, que me pareceu conhecido. Arrastando-se, cambaleando na neve derretida sob os golpes que choviam sobre ele de ambos os lados, o condenado avançava na minha direção, ora caindo para trás, e então os sargentos que o levavam preso aos fuzis empurravam-no para a frente, ora caindo para a frente, e novos empurrões dos sargentos o puxavam de volta. Ao lado, passos levemente vacilantes, caminhava o militar alto. Era o pai dela, rosto corado, bigodes e suíças brancas.

A cada golpe que recebia, o castigado voltava o rosto enrugado de sofrimento para o lado de onde vinha a pancada, como que surpreso, e repetia a esmo sempre as mesmas palavras, rangendo os dentes brancos. Só quando chegou mais perto de mim pude distingui-las. Não falava, soluçava: “Irmãozinhos, tenham dó. Irmãozinhos, tenham dó”. Mas os irmãozinhos não se apiedavam e, quando o cortejo chegou bem perto, vi um soldado à minha frente dar um decidido passo adiante, fazer o cacete zunir no ar e desferi-lo com força nas costas do tártaro. O tártaro tomou para frente, mas os sargentos o seguraram e um novo golpe caiu sobre ele, e outro, e mais outro, de um lado, do outro. O coronel acompanhava e vez por outra olhava para baixo, para seus pés, ou então para o condenado, inspirava o ar inflando as bochechas e o expirava vagarosamente através dos lábios entreabertos. Quando o cortejo passou por onde eu estava, vi rapidamente, por entre as fileiras, as costas do condenado. Eram uma coisa colorida, úmida, vermelha, antinatural, que me fez duvidar que aquilo fosse o corpo de um homem.

— Meu Deus! — exclamou o ferreiro ao meu lado.

O cortejo se distanciava, os mesmos golpes caindo dos dois lados sobre o homem cambaleante, encolhido, com a mesma batida de tambores, o mesmo zunido de flauta e o mesmo andar firme da figura alta e esbelta do coronel junto ao condenado. Súbito, o coronel pára, aproxima-se rápido de um dos soldados.

— You lhe ensinar — ouvi sua voz raivosa. — Está fazendo corpo mole? Está?

E vi quando a mão forte na luva de canmúrga esbofeteou o rosto do soldado fraco e espantado, que não descera o cacetete nas costas vermelhas do tártaro com força suficiente.

— Dê uma vergastada pra valer! — gritou ele e, ao olhar à sua volta, me viu. Fazendo de conta que não me conhecia, franziu a testa numa careta raivosa e ameaçadora e virou-se rapidamente. Fiquei de tal forma envergonhado que, sem saber para onde olhar, como se fosse culpado de um comportamento vergonhoso, desviei a vista e saí apressado pela rua. Em todo o meu trajeto, nos meus ouvidos, aquele rufar de tambores, o som da flauta, aquelas palavras — “Irmãozinhos, tenham dó” — que eu ouvira, e aquela voz segura, zangada, do coronel gritando: “Está fazendo corpo mole? Está?” Uma melancolia quase física me invadia o coração, beirando a náusea, tão intensa que algumas vezes tive que parar, com vontade de vomitar, tal era o horror que aquele espetáculo me causara. Não me lembro como consegui chegar em casa e deitar. Mal adormeci, escutei e vi tudo outra vez e levantei-me bruscamente.

“Com certeza ele sabe alguma coisa que eu não sei” — pensava sobre o coronel. “Se eu soubesse o que ele sabe, entenderia o que vi e isso não me atormentaria.” Contudo, por mais que pensasse sobre aquilo, menos compreendia o que o

coronel podia saber, e consegui dormir apenas à tarde; depois, fui à casa de um amigo e bebi com ele até cair.

— Então, o que é que vocês acham, a que conclusão cheguei sobre o que tinha visto. Que tinha sido uma coisa ruim? De forma alguma. “Se isso foi feito com tanta convicção, e se há uma justificativa que satisfaz a todos, isso é sinal de que sabem alguma coisa que eu não sei” — eu pensava, e me esforçava para assimilar aquilo. Mas, apesar de todos os esforços, não consegui aceitar o fato. E não o aceitando, não fui capaz de ingressar no serviço militar, como queria antes. Não servi o exército, não servi em lugar nenhum e, como podem ver, não servi para coisa alguma.

— Ora, sabemos muito bem como o senhor não serviu para nada — disse alguém. — Se o senhor não foi útil, o que se pode dizer dos outros?

— Ora, bobagem — disse Ivan Vassilievitch, sinceramente encabulado.

— E, então, o que aconteceu com o amor? — perguntamos.
— O amor? A partir desse dia o amor começou a diminuir. Quando ela ficava pensativa, o que acontecia amíúde, com um sorriso no rosto, no mesmo instante eu me lembrava do coronel na praça e me sentia embaraçado e mal. Comecei a vê-la menos. E assim o amor acabou em nada. É assim que as coisas acontecem e transformam e dirigem toda a vida de um homem. E vocês ainda dizem... — concluiu ele.

Tradução de Beatriz Ricci

HOMEM NUM ESTOJO

Caçadores retardatários preparavam-se para passar a noite num barracão, propriedade de Prokófi, estaroste de Morónsitzkoie, e que ficava num dos extremos do povoado. Eram dois apenas: o veterinário Ivan Ivânitch e Búrkin, professor de ginásio. Ivan Ivânitch tinha um sobrenome duplo, bastante esquisito: Tchimchá-Guimaláiski, que não lhe ia bem, de modo que, em toda a província, ele era chamado simplesmente pelo nome e pelo patronímico. Residia perto da cidade, numa estação de remonta, e viera à caçada para respirar livre. O professor Búrkin passava os verões na propriedade dos condes P. e, há muito, era bem conhecido na redondeza.

Não dormiam. Ivan Ivânitch, velho alto, macilento, de bigodes compridos, estava sentado à entrada do barracão, e iluminado pelo luar, fumava cachimbo. Búrkin, deitado sobre palha, no interior, era invisível na escuridão.

Contavam diferentes histórias. Comentavam, entre outras coisas, que a mulher do prefeito do povoado, Mavra, sadia e nada tola, jamais saíra do povoado natal, nunca vira uma cidade, nem uma estrada de ferro e, nos últimos dez anos, ficava sempre sentada junto ao fogão, saindo para a rua somente à noite.

— Que tem isso de extraordinário? — disse Búrkin. — Não são raras, neste mundo, as pessoas solitárias por natureza, que sempre procuram se refugiar em sua concha, como o bernardo-eremita ou o caracol. Talvez seja manifestação de atavismo, um retrocesso ao tempo em que o antepassado do

homem não se tornara ainda um animal social e vivia solitário em sua covã; ou talvez se trate, simplesmente, de uma particularidade da natureza humana. Quem sabe? Não sou naturalista e não é da minha conta tratar dessas questões. Quero dizer apenas que pessoas como Mavra não são fenômenos raros. Sim, não se precisa procurar muito. Faz uns dois meses, morreu em nossa cidade um tal Biélikov, professor de grego e meu colega. Você, naturalmente, ouviu falar dele. Distinguiu-se pelo fato de que sempre, mesmo com tempo ótimo, saía de galochas, com guarda-chuva, vestindo um sobretudo forrado de algodão. Tinha o guarda-chuva protegido por uma capa, trazia o relógio numa capinha de camurça cinzenta e, quando tirava o canivete, para apontar um lápis, via-se que o canivete estava também numa bainha. Dava a impressão de ter o rosto igualmente numa bainha, pois o escondia o tempo todo, sob a gola levantada. Usava óculos escuros e camiseta, tampava os ouvidos com algodão e, quando alugava um carro, ordenava ao cocheiro que levantasse a capota. Em suma, observava-se naquele homem uma tendência constante e invencível de cercar-se por uma membrana de criar para si, por assim dizer, um estojo, que o isolasse e o defendesse contra influências externas. A realidade irritava-o, assustava-o, mantinha-o num sobressalto permanente. Era talvez para justificar aquela sua timidez, sua repugnância ao atual, que ele sempre louvava o passado e o que jamais existira. As línguas mortas que lecionava eram, para ele, em essência, a mesma coisa que as galochas e o guarda-chuva, em que se escondia da vida real.

— Oh, como é sonoro, como é belo o idioma grego! — dizia com doce expressão. E, como se quisesse demonstrar a justeza do que dizia, entrecerrava os olhos e, erguendo o dedo, acrescentava: — Anthrops!

Biélikov procurava esconder num estojo também seus pensamentos. A única coisa clara para ele eram as circulares e os artigos de jornal em que se proibia algo. Se uma circular

proibia aos alunos sair à rua depois das nove da noite, ou se um artigo proibia o amor carnal, isto lhe parecia claro, definido: estava proibido e pronto. Pelo contrário, licença, autorização, ocultavam sempre para ele um elemento duvidoso, algo confuso e que não fôra dito até o fim. Quando, na cidade, autorizava-se uma sociedade dramática, uma biblioteca ou um salão de chá, ele balançava a cabeça e dizia pausadamente: — Está claro que assim é, está tudo muito bem, contanto que não aconteça alguma coisa.

Qualquer espécie de transgressão, omissão ou inobservância de regulamento causava-lhe profunda depressão, embora parecesse que ele nada tinha a ver com aquilo. Se um dos colegas chegava atrasado à missa, ou circulavam notícias sobre alguma travessura dos ginásianos, ou se alguém vira uma inspetora de classe, à noite, em companhia de um oficial, ficava muito transtornado e sempre dizia: “Contanto que não aconteça alguma coisa”. Reunido o conselho pedagógico, ele simplesmente nos oprimia com suas precauções, sua desconfiança e com suas considerações de homem enfiado, sobre a má conduta dos jovens, tanto nos ginásios masculinos como nos femininos, havendo muito barulho nas salas de aula — ah, contanto que isso não chegue aos ouvidos das autoridades, ah, contanto que não aconteça alguma coisa! — e sobre a grande conveniência de se excluir Pietróv do segundo ano e Jegorov do quarto. E que pensa você? Ele nos oprimia a todos com seus suspiros, suas lamúrias, com seus olhos escuros sobre o rosto pequeno e pálido — sabe, um rosto pequeno como de uma doninha — e nós acabávamos cedendo, tirávamos pontos da nota de comportamento de Pietróv e Jegorov, mandávamos deixá-los presos e, por fim, excluíamos ambos. Tinha o estranho hábito de nos fazer visitas. Chegava em casa de um professor e permanecia sentado em silêncio, como se procurasse algo com o olhar. Depois de passar assim uma hora ou duas, ia embora. Chamava a isto “manter boas relações com os colegas” e, provavelmente, lhe era penoso ir a nossas

casas e ficar ali sentado e fazia-o apenas porque o considerava sua obrigação de colega. Nós, professores, tínhamos medo dele. O próprio diretor o temia. Imagine, os nossos professores são gente que pensa, profundamente correta, educada na leitura de Turguêniev e Schedrin, e aquele homenzinho, que andava sempre de galocha e guarda-chuva, manteve em suas mãos o ginásio durante uns bons quinze anos! Mas, não era só o ginásio, era a cidade inteira! As senhoras deixavam de organizar espetáculos de amadores aos sábados, com medo de que ele viesse a sabê-lo. Os membros do clero acanhavam-se de comer em sua presença algo que não estivesse conforme ao ritual, ou de jogar baralho. Sob a influência de gente como Biélikov, em nossa cidade começou-se, nos últimos dez a quinze anos, a ter medo de tudo. Temia-se falar alto, enviar cartas, travar relações, ler livros, ajudar os pobres, ensinar o ABC...

Querendo dizer algo, Ivan Ivânitch tossiu um pouco, mas, primeiro, acendeu o cachimbo, olhou para a lua e, somente depois, disse pausadamente:

— Sim. As pessoas que pensam, as pessoas dignas, lêem Schedrin e Turguêniev, lêem toda espécie de Buckle e outros assim, mas, apesar de tudo, submetem-se, toleraram... Nisso é que está a coisa.

— Biélikov residia no mesmo prédio que eu, — prosseguiu Búrkin — no mesmo andar, no apartamento em frente. Víamos-nos com frequência e eu conhecia sua existência doméstica. Em casa, era a mesma coisa: roupão, barrete, venezianas, ferrolhos, toda uma série de proibições, de limitações e — ah, contanto que não aconteça alguma coisa! O alimento ritual dos dias santificados faz mal à saúde, mas não se deve, também, comer como nos dias comuns, porquanto poderiam dizer que Biélikov não respeita o jejum; por isso, comia perca frita em manteiga, alimento que não é propriamente de jejum, mas também não se pode afirmar que desrespeite o ritual. Não tinha em casa criada feminina, com medo de que alguém fi-

zesse mau juízo a seu respeito, e mantinha a seu serviço o cozinheiro Afanássi, de uns sessenta anos, bebedor e meio imbecil, que servira outrora de ordenança e sabia cozinhar alguma coisa. Aquele Afanássi costumava permanecer à porta do apartamento, de-braços cruzados, murmurando sempre o mesmo, com um suspiro profundo:

— Quantos desses existem hoje em dia!

O quarto de dormir de Biélikov era pequeno, lembrando uma gaveta, a cama tinha dossel. Deitando-se para dormir, cobria-se até a cabeça. Fazia calor, o ambiente era abafado, o vento batia nas portas fechadas, algo silvava no fogão. Chegava da cozinha um som de suspiros, uns suspiros de mau agouro...

E ele sentia medo sob o cobertor. Temia que acontecesse alguma coisa, que o Afanássi o apunhalasse, que entrassem ladrões no apartamento e, depois, tinha sonhos inquietantes a noite inteira. De manhã, quando nos dirigíamos juntos para o colégio, ele ia triste, pálido, é era evidente que o colégio muito frequentado, para o qual se dirigia, assustava-o e repugnava a todo o seu ser, e que era penoso caminhar a meu lado, para aquele homem solitário por natureza.

— Fazem barulho demais nas nossas salas de aula — dizia, como se procurasse uma explicação para aquele sentimento penoso. — Isto já é intolerável.

Mas imagine que aquele professor de grego, aquele homem num estojo, por pouco não se casou.

Ivan Ivânitch lançou um olhar rápido para dentro do barracão e disse:

— Está brincando!

— Sim, por pouco não se casou, por mais estranho que pareça. Foi nomeado para nosso colégio um novo professor de História e Geografia, um tal Mikhail Sávitich Kovalenko, um ucraniano. Chegou à cidade com a irmã, Várienka¹. Ele

¹ Diminutivo de Varvara.

era moço, alto, moreno, de mãos enormes, e por seu rosto se via que devia falar com voz de baixo. E, realmente, sua voz parecia sair de uma barrica: bu-bu-bu... Ela já não era jovem, uns trinta anos, mas também alta, esbelta, de sobranceiras negras e faces coradas, um pão-de-ló, e bem animada, barulhenta, sempre cantando romanças ucranianas e dando gargalhada. Por qualquer coisinha, sacudia-se toda com um riso bem sonoro: ha-ha-ha! Nosso primeiro conhecimento mais seguro com os Kovalenko teve lugar na festa de aniversário do diretor. No meio dos pedagogos severos, que se aborreciam com esforço e iam às festas de aniversário também por obrigação, vimos, de repente, uma nova Afrodite surgindo da espuma: andava com as mãos nas cadeiras, dava gargalhada, cantava, dançava... Cantou com sentimento "Sopram Ventos", depois mais uma romança, outra, e nos deixou a todos fascinados, todos, o próprio Biélikov inclusive. Sentou-se ao lado dela e disse, com um doce sorriso:

— Por sua delicadeza e agradável sonoridade, o idioma ucraniano lembra o grego antigo.

Ela ficou lisonjeada e começou a contar-lhe com sentimento e em tom convincente que possuía uma granja no distrito de Gadiatchsk, que naquela granja residia sua mamãezinha e que lá cresciam umas peras, uns melões, umas abóboras! Os camponeses ucranianos usam nomes diferentes para as frutas e fazem um *borsch*², com beterraba e berinjela, "tão gostoso, tão gostoso, que é simplesmente um horror!"

Ficamos escutando, escutando e, de repente, fomos todos assaltados pelo mesmo pensamento:

— Seria bom casá-los — disse, a meia voz, a mulher do diretor.

Sem saber por que, lembramo-nos todos de que o nosso Biélikov não era casado, e parecia-nos já estranho que, até então, não tivéssemos notado uma particularidade tão impor-

² Sopa típica.

tante de sua vida. Qual era, em geral, seu modo de considerar as mulheres? Como resolvia para si essa questão essencial? Anteriormente, isto não nos interessara absolutamente. Talvez não admitíssemos sequer o pensamento de que um homem que andava de galochas com qualquer tempo e dormia sob um dossel pudesse amar.

— Ele já passou há muito dos quarenta e ela tem trinta... — explicou seu pensamento a mulher do diretor. — Tenho a impressão de que ela se casaria com ele.

O que não se faz, por fastio, em nossa cidade provincial, quantas coisas desnecessárias e extravagantes! E isto porque não se faz absolutamente nada do que se deve. Aí está, por exemplo, por que tivemos necessidade, de repente, de casar aquele Biélikov, que ninguém poderia sequer imaginar na condição de homem casado? A mulher do diretor, a inspetora e todas as senhoras de nosso colégio animaram-se, tornaram-se até mais bonitas, como se houvessem encontrado, de súbito, um objetivo na vida. A mulher do diretor comprou entradas para um camarote no teatro e vimos então, em seu camarote, Várienka, sentada com um leque assim, radiante, feliz, e a seu lado Biélikov, pequeno, torcido, como se o tivessem retirado de casa com uma torquês. Quando dei uma festinha, as senhoras exigiram que convidasse sem falta Biélikov e Várienka. Em suma, a máquina pôs-se em movimento. Com efeito, Várienka não era avessa à idéia de casamento. Sua vida em casa do irmão não era das mais alegres, sabia-se que passavam dias inteiros discutindo e insultando-se. Imagine o espetáculo: caminha pela rua o Kovalenko, um homenzarrão de camisa bordada, uma mecha de cabelo cai-lhe do boné sobre a testa; numas das mãos, tem alguns livros, noutra, um pau com sinais de galhos; atrás, caminha a irmã, também carregando livros.

— Mas, você não leu isso, Mikháilik! — discute ela em voz alta. — Eu digo, eu juro que você nunca leu isso!

— E eu te digo que li! — grita Kovalenko, fazendo ressoar a bengala sobre a calçada.

— Ah, meu Deus, Míntchik³! Por que você se zanga, nós estamos apenas conversando, em princípio.

— Mas eu te digo que li! — grita ainda mais alto Kovalenko.

Em casa e em presença de um estranho, não podia falar uma briga. Certamente, aborrecia-se com uma vida assim, tinha vontade de possuir um canto próprio e, além disso, era preciso levar em conta a idade. Não havia mais tempo para uma escolha, nessas condições uma pessoa se casa com qualquer um, mesmo com um professor de grego. É preciso acrescentar que, para a maioria de nossas senhoritas, o problema resume-se em casar, seja com quem for. Em todo caso, Várienka passou a manifestar evidente benevolência em relação ao nosso Biélikov.

E este? Visitava a casa de Kovalenko do mesmo modo que as nossas. Chegando lá, ficava sentado em silêncio. Permanecia calado e Várienka lhe cantava “Sopram Ventos” ou ficava a olhá-lo, com expressão pensativa em seus olhos escuras, ou, de repente, explodia:

— Ha-ha-ha!

Em assuntos de amor, e sobretudo de casamento, as influências estranhas exercem importante papel. Os colegas, as senhoras, todos em suma, procuraram convencer Biélikov de que ele devia casar-se e que não tinha mais nada a fazer na vida. Todos lhe dávamos os parabéns e dizíamos com ar solene toda espécie de banalidades, no gênero de que o casamento é um passo sério. Além de tudo isso, Várienka era nada feia, interessante, filha de um conselheiro-civil e proprietária de uma granja e, sobretudo, foi a primeira mulher que o tratara afetuosa e carinhosamente. Começou a girar-lhe a cabeça e ele resolveu que, realmente, devia casar-se.

— Era o momento apropriado para lhe tirar as galochas e o guarda-chuva — disse Ivan Ivánitch.

³ Outro diminutivo possível de Mikhail.

— Imagine você: constatou-se que seria impossível. Ele pôs sobre a mesa o retrato de Várienka, visitava-me com frequência e ficava falando sobre a moça, sobre a vida de família, sobre o passo sério que é o casamento, ia muitas vezes à casa dos Kovalenko, mas não modificou um pouco sequer o modo de vida. Pelo contrário até, a decisão de casar-se agiu sobre ele de um modo enfermigo; emagreceu, empalideceu e, tinha-se a impressão, enfiou-se ainda mais em seu estorjo.

— Varvara Sávíchna me agrada — dizia-me, com um sorriso fraco e oblíquo — e eu sei que o casamento é indispensável a cada pessoa, mas... tudo isso, sabe, sucedeu assim de repente... É preciso pensar um pouco.

— Pensar o quê? — replicava eu. — Case-se e pronto.

— Não, o casamento é um passo sério, é preciso pensar previamente nas futuras obrigações, a responsabilidade... para que, depois, não aconteça alguma coisa. Isto me inquieta tanto, passo agora as noites sem dormir. E confesso que estou com medo: ela e o irmão têm certo modo estranho de pensar e, além disso, é de temperamento muito vivo. A gente se casa e, depois, pode acontecer alguma história.

E ele não pedia a mão de Várienka, adia sempre aquele momento, para grande aborrecimento da mulher do diretor e de todas as senhoras do colégio. Ficava o tempo todo calculando as obrigações e a responsabilidade futuras e, ao mesmo tempo, ia quase diariamente passear com Várienka, pensando talvez que assim se devesse proceder em sua situação, e vinha freqüentemente a minha casa para conversar sobre a vida de família. E com toda probabilidade, acabaria pedindo a mão dela e ter-se-ia realizado um daqueles casamentos desnecessários e estúpidos, que em nosso meio se efetuam aos milhares, por fastio e falta de ocupação, se não ocorresse, repentinamente, um *kolossalische Scandal*. É preciso dizer que o irmão de Várienka, Kovalenko, odiava Biélikov desde o dia em que o conhecera.

— Não compreendo, — dizia-nos, encolhendo os ombros

— não compreendo como vocês toleram esse fiscal, essa carantonha repugnante. Eh, senhores, como é que vocês conseguem viver aqui?! O ar aqui é abafado, asqueroso. Pensam que são pedagogos, professores? Vocês são uns escaladores de cargos, isto aqui não é um templo de ciência, mas uma administração de bons costumes. Aqui se sente uma fedentina ácida, como na guarita de um policial. Não, irmãos, vou viver mais um pouco entre vocês e depois partir para a minha granja. Vou lá apanhar camarões e lecionar aos garotos dos camponeses. Vou partir e fiquem aqui vocês com este Judas, que rebente!

Às vezes, dava gargalhadas até chorar e, depois, ora com voz de baixo, ora com uma vozinha fina, esganiçada, perguntava-me com um gesto de desalento:

— Por que fica ele aí, sentado em minha casa? De que é que ele precisa? Fica aí sentado, olhando, olhando.

Apelidara Biélikov de “aranha de Deus”. Naturalmente, evitávamos comentar com ele o fato de que a irmã, Várienska, pretendia casar-se com a “aranha de Deus”. E quando, certa vez, a mulher do diretor sugeriu-lhe que seria bom casar sua irmã com um homem tão sério e estimado por todos como Biélikov, franziu o sobrolho e resmungou:

— Isto não é da minha conta. Que ela se case até com uma cobra, eu não gosto de me intrometer em negócios alheios.

Ouçã agora o que se passou em seguida. Alguem traquinou fez uma caricatura: Biélikov de galochas e de calças arregaçadas, sob um guarda-chuva, dando o braço a Várienska; embaixo, a legenda: *Anthropos apaixonado*. Sua expressão estava reproduzida admiravelmente. O artista devia ter passado mais de uma noite trabalhando, pois receberam um exemplar todos os professores do ginásio masculino e do feminino, os professores do seminário, os funcionários públicos. Recebeu-a também o próprio Biélikov. A caricatura causou-lhe a mais penosa impressão.

Saimos juntos de casa (era domingo e, além disso, pri-

meiro de maio, e todos nós, professores e alunos, havíamos combinado de nos encontrar perto do edifício do colégio e irmos juntos para um bosque, perto da cidade), saímos juntos, mas ele estava todo verde e mais sombrio que uma nuvem.

— Quanta gente malvada há neste mundo! — disse, os lábios trêmulos.

Fiquei até com pena. Estávamos andando assim, e, de repente, pode imaginar, vemos Kovalenko, de bicicleta e, atrás dele, Várienska, igualmente de bicicleta, vermelha, cansada, mas contente e alegre.

— Estamos na dianteira! — gritou ela. — Está um tempo tão bonito, tão bonito, que é simplesmente um horror!

E sumiram ambos. Meu Biélikov de verde passou a branco e pareceu petrificado. Parou e ficou me olhando...

— Desculpe, mas que é isto? — perguntou. — Ou talvez a vista me engane? Será decente professores de ginásio e mulheres andarem de bicicleta?

— E o que há de inconveniente nisso? — disse eu. — Que passem à vontade.

— Mas, como é que se pode? — gritou ele, espantado com a minha calma. — O que está dizendo?!

Impressionado, não quis ir mais longe e voltou para casa. No dia seguinte, ficou todo o tempo esfregando nervosamente as mãos e estremecendo, e via-se pela expressão de seu rosto que não se sentia bem. Deixou a escola antes de concluir as aulas, o que lhe acontecia pela primeira vez na vida. Não almoçou. Ao anoitecer, agasalhou-se bem, embora fizesse tempo estival, e arrastou-se para a casa dos Kovalenko. Várienska não estava em casa, ele encontrou somente o irmão.

— Faça a bondade de sentar-se — disse Kovalenko friamente e franziu o sobrolho. Tinha o rosto sonolento, acabara de descansar depois do almoço e estava de muito mau-humor.

Biélikov permaneceu em silêncio uns dez minutos e começou:

— Vim vê-lo para desafogar o coração. Estou com um,

sentimento muito, muito penoso. Um garatujador qualquer me desenhou em situação ridícula, em companhia de mais uma pessoa, muito chegada a nós dois. Considero ser minha obrigação assegurar-lhe que não tenho nada com isso... Não dei qualquer pretexto para um gracejo desses, mas, pelo contrário, portei-me o tempo todo como pessoa absolutamente correta.

Kovalenko permanecia sentado, silencioso e com ar aborrecido. Biélikov esperou um pouco e prosseguiu em voz baixa e triste:

— E eu tenho mais uma coisa a dizer-lhe. Sou funcionário há muito tempo, o senhor está apenas começando a carreira e, como colega mais velho, considero minha obrigação preveni-lo. O senhor passeia de bicicleta, e esse divertimento é muitíssimo indecente para um educador da juventude.

— Mas, por quê? — perguntou Kovalenko, com voz de baixo.

— Mas, será ainda preciso dar explicações, Mikhail Sávitich, não está tudo claro? Se um professor passeia de bicicleta, que resta aos alunos fazer? Só lhes falta andar de pernas para o ar! E se não houve uma circular autorizando aqueles passeios, quer dizer que são proibidos. Ontem, fiquei horro-rizado! Quando vi sua irmãzinha, meus olhos nublaram-se. Uma senhora ou moça de bicicleta é horrível!

— Mas, o que deseja, exatamente?

— Apenas uma coisa, preveni-lo, Mikhail Sávitich. O senhor é uma pessoa moça, tem um futuro pela frente, é preciso portar-se com muito, muito cuidado, o que o senhor não faz de modo algum, ah, isto é que não! Usa camisa bordada, está sempre carregando pela rua não sei que livros, e agora, ainda, acontece esse caso da bicicleta. O diretor acabará sabendo que o senhor e sua irmãzinha passeiam de bicicleta, isto chegará ao conhecimento de autoridades superiores... Que pode resultar de bom de tudo isso?

— Ninguém tem nada com o fato de eu passear de bicicleta com minha irmã! — disse Kovalenko e seu rosto ficou

purpúreo. — E se alguém se intrometer em minha vida de família, vou mandá-lo a todos os diabos.

Biélikov empalideceu e ergueu-se.

— Se o senhor fala comigo num tom desses, eu não posso continuar a conversa — disse ele. — E peço-lhe nunca se expressar assim, em minha presença, sobre os superiores hierárquicos. O senhor deve tratar com respeito as autoridades.

— Mas, que foi que eu disse de mau sobre as autoridades? — perguntou Kovalenko, olhando-o com rancor. — Por favor, deixe-me em paz. Sou uma pessoa honesta e não quero falar com alguém como o senhor. Não gosto de fiscais.

Biélikov movimentou-se nervosamente e começou a vestir-se depressa, uma expressão de horror no rosto. Era a primeira vez na vida que ouvia algo tão grosseiro.

— O senhor pode falar o que bem entender — disse, saindo para o patamar da escada. — Devo somente adverti-lo: é possível que alguém nos tenha ouvido e, para que não interpretem mal o que dissemos e para que não aconteça alguma coisa, deverei comunicar ao senhor diretor um resumo de nossa conversa... em traços gerais. É minha obrigação fazer isto.

— Comunicá-lo? Ande, vá comunicá-lo já!

Kovalenko agarrou-o por trás pela gola e deu-lhe um empurrão, de modo que Biélikov rolou escada abaixo, fazendo muito barulho com as galochas. A escada era alta e íngreme, mas ele rolou até embaixo, sem maiores tropeços. Levantando-se, apalpou o nariz, para verificar se não quebrara os ossos. Mas, exatamente no momento em que estava rolando pela escada, entraram no edifício Várienka e mais duas senhoras. Ficaram paradas embaixo, olhando, e para Biélikov isto representava a parte mais terrível do episódio. Seria melhor, provavelmente, quebrar o pescoço e as pernas, que se tornar objeto de mofa: agora, toda a cidade haveria de sabê-lo, a notícia chegaria ao diretor, ao curador e — ah, contanto que não acontecesse alguma coisa — haveriam de fazer nova caricatura e, por fim, mandariam pedir exoneração...

Quando ele se levantou, Várienka reconheceu-o e, olhando para seu rosto ridículo, sua capa amassada e suas galochas, não compreendendo do que se tratava e supondo que ele caíra sozinho, por descuido, não se conteve e deu uma gargalhada, que ressoou por todo o edifício:

— Ha-ha-ha!

E aquele sonoro e contagioso “ha-ha-ha” marcou o término de tudo: o noivado e a própria existência terrena de Biélikov. Ele não ouvia mais o que dizia Várienka e não via nada. Regressando para casa, tirou, em primeiro lugar, da mesa o retrato dela, depois se deitou e não se levantou mais.

Uns três dias mais tarde, Afanássi procurou-me, perguntando-me se não era preciso chamar o médico, pois alguma coisa estava acontecendo ao patrão. Fui ver Biélikov. Estava deitado sob o dossel, debaixo do cobertor, sempre calado; se lhe perguntavam algo, respondia “sim” ou “não” e não se obtinha mais nenhum som. Perto do patrão deitado, vagueava Afanássi, de ar sombrio, sobrolho franzido, emitindo suspiros profundos e cheirando a vodka, como um botequim.

Biélikov morreu um mês mais tarde. Fomos a seu enterro todos, isto é, ambos os ginásios da cidade e o seminário. Deitado no caixão, tinha uma expressão plácida, agradável, alegre até, como se estivesse contente porque, finalmente, haviam-no colocado num estojo do qual jamais sairia. Sim, haviam alcançado seu ideal! E como se fosse uma homenagem, o tempo, durante seu enterro, estava sombrio, chuvoso, e íamos todos de galocha e guarda-chuva. Várienka foi também ao enterro e chorou, quando faziam descer na cova o caixão. Reparei que as ucranianas sabem somente chorar ou rir e que não conhecem um estado intermediário de ânimo.

Confesso que enterrar gente como Biélikov constitui um grande prazer. Voltando do cemitério, tínhamos no rosto uma expressão modesta, como se costuma ter em dias de jejum. Ninguém queria deixar transparecer aquele sentimento de prazer, semelhante ao que havíamos experimentado muitos

anos atrás, quando os adultos nos deixaram sozinhos em casa e ficamos correndo pelo jardim uma ou duas horas, gozando uma liberdade completa. Ah, liberdade, liberdade! Até uma ligeira alusão, uma débil esperança sobre a sua possibilidade, fazem com que a alma crie asas, não é mesmo?

Regressamos bem-humorados do cemitério. Mas, não passara ainda uma semana, e a vida correu como antes, a mesma vida severa, cansativa, sem sentido, que não fora proibida por circular, mas também não estava totalmente autorizada; as coisas não se tornaram melhores. Realmente Biélikov foi enterrado, mas quantos homens em estojo ainda ficam, quantos existirão ainda!

— Nisso é que está a coisa — disse Ivan Ivánitch e pôs-se a fumar o cachimbo.

— Quantos existirão ainda! — repetiu Búrkin.

O professor saiu do barracão. Era um homem de porte pequeno, gordo, completamente calvo, com uma barba negra, e lhe chegava quase à cintura; com ele, saíram dois cachorros.

— A lua, que lua! — disse, olhando para o alto.

Era já meia-noite. À direita, via-se todo o povoado, uma rua comprida estendia-se até longe, por quase cinco verstas. Tudo estava imerso num sono quieto, profundo; nenhum movimento, nenhum som, era difícil acreditar que houvesse um silêncio assim na natureza. Quando se vê, numa noite de luar, uma rua larga de povoado, com suas isbás, suas medas de feno, seus salgueiros adormecidos, um sentimento sereno desce sobre a alma; aquela rua de povoado, em sua quietude, defendida, pelas sombras noturnas, dos trabalhos, das preocupações e do sofrimento, é plácida, melancólica, bela, e tem-se a impressão de que as próprias estrelas olham-na comovidas e com carinho e que o mal não existe mais sobre a terra. O campo começava à esquerda da extremidade do povoado; podia-se vê-lo até longe, até o horizonte, e em toda a extensão daquele campo, banhado de luar, também não havia um movimento, um som sequer.

— Aí é que está a coisa — repetiu Ivan Ivânitch. — E o fato de morarmos na cidade, sem espaço, numa atmosfera abafada, escrevermos papéis desnecessários, jogarmos uíste, não será isso um estorjo também? E o passarmos a vida toda entre gente desocupada, entre rábulas, entre mulheres tolas e ociosas, falando e ouvindo banalidades, não será isso um estorjo? Aliás, se quiser, poderei contar-lhe um episódio muito instrutivo.

— Não, já está na hora de dormir — disse Búrkin. — Até amanhã.

Entraram no barracão e deitaram-se sobre o feno. Já se haviam coberto e cochilado, quando se ouviram, de repente, passos ligeiros: tup, tup... Alguém estava caminhando perto do barracão; caminhava um pouco, parava e, instantes mais tarde, ouvia-se novamente: tup, tup... Os cachorros rosnaram.

— É Mavra andando por aí — disse Búrkin.

Cessou o ruído de passos.

— Ver e ouvir como se mente — disse Ivan Ivânitch, virando-se para o outro lado — e depois você mesmo é chamado de tolo, porque suporta essas mentiras; tolerar ofensas, humilhações, não ousar declarar francamente que você está do lado das pessoas honestas e livres e você mesmo mentir, sorrir, e tudo isso por causa de um pedaço de pão, por causa de um cantinho tépido, por causa de algum cargozinho, que vale vintém, não, não se pode mais viver assim!

— Ora, isto já é outra ladainha, Ivan Ivânitch — disse o professor. — Vamos dormir.

Uns dez minutos depois, Búrkin já estava dormindo. Mas Ivan Ivânitch continuou virando-se de um lado para outro e suspirando; em seguida, levantou-se, saiu novamente do barracão e, sentando-se à porta, pôs-se a fumar o cachimbo.

(1898)

O Terremoto no Chile

Heinrich von Kleist (1777 – 1811)

Em Santiago, a capital do Reino do Chile, no instante exato do grande abalo sísmico do ano de 1647, no qual milhares de pessoas encontraram a sua ruína, *Jerônimo Rugera*, um jovem espanhol acusado de crime, encontrava-se junto a uma pilastra da prisão em que havia sido encarcerado e tencionava enforcar-se. Cerca de um ano antes, *Don Henrique Asteron*, um dos fidalgos mais ricos da cidade, tinha afastado o jovem de sua casa, onde estivera empregado como professor, porque este mantinha um terno relacionamento com *Dona Josefa*, sua única filha. Um encontro secreto, denunciado ao velho Don pelo desvelo pérfido de seu orgulhoso filho, enfureceu-o a tal ponto, pois antes já havia advertido expressamente a filha, que ele a internou no convento de Nossa Senhora do Monte Carmelo, nesta mesma cidade.

Por um acaso feliz, Jerônimo soube novamente reatar a relação nesse lugar, e numa noite silenciosa fez do jardim do convento o palco de sua plena felicidade. Era a festa de *Corpus Christi*, e mal se pusera em movimento a procissão solene das freiras, seguidas de perto pelas noviças, quando a infeliz Josefa, ao repique dos sinos, desabou sob as dores do parto nas escadarias da catedral.

Esse incidente causou extraordinária celeuma; sem consideração ao seu estado, levaram a pecadora imediatamente a uma prisão e nem bem se recuperara do parto quando se instaurou contra ela, por ordem do arcebispo, o mais ferrenho processo. Falou-se na cidade com tamanha exasperação desse escândalo e as línguas lançaram-se de maneira tão cortante sobre o convento inteiro no qual ele ocorrera, que nem a intercessão da família Asteron e nem mesmo a vontade da própria abadessa, que se afeiçoara à jovem em virtude de seu comportamento no mais irrepreensível, puderam atenuar o rigor com que a ameaçava a lei claustral. Tudo o que se pôde alcançar, graças a uma sentença autocrática do vice-rei e para imensa indignação das matronas e donzelas de Santiago, foi comutar a pena de morte na fogueira, à qual ela fora condenada, em decapitação.

Alugaram-se janelas nas ruas pelas quais deveria passar o cortejo da execução, destelharam-se casas, e as piedosas filhas da cidade convidaram as suas amigas para presenciarem, em fraternal união, o espetáculo oferecido à vingança divina.

Jerônimo, que nesse meio tempo também fora colocado numa prisão, esteve a ponto de perder a consciência quando soube desse rumo monstruoso tomado pelas coisas. Em vão especulou em busca de salvação: onde quer que o levassem as asas dos pensamentos mais intrépidos, lá topava ele com ferrolhos e muralhas; e uma tentativa de limar as grades da janela valeu-lhe, uma vez descoberta, um encarceramento ainda mais rigoroso. Jogou-se aos pés de uma imagem da santíssima Mãe de Deus e com infinito fervor orou a ela, como à única instância da qual ainda lhe poderia advir salvação.

Mas o dia temido surgiu, e com ele despontou em seu peito a convicção de que sua situação era completamente desesperançada. Soaram os sinos que deviam acompanhar Josefa ao cadafalso, e o desespero apoderou-se da alma de Jerônimo. A vida pareceu-lhe odiosa e ele resolveu buscar a morte por meio de uma corda que o acaso lhe deixara. Estava ele então, como já dito, junto a uma pilastra e fixava a um gancho de ferro, incrustado na cornija da parede, a corda que deveria arrebatá-lo deste mundo de lamentações, quando de repente a maior parte da cidade afundou com um estrondo, como se o firmamento estivesse vindo abaixo, soterrando sob os seus escombros tudo quanto respirava vida. Jerônimo ficou estarrecido de horror; e como se a sua consciência tivesse sido inteiramente esmagada, agarrou-se agora, para não cair, à pilastra na qual queria suicidar-se. O chão oscilou sob os seus pés, todas as paredes da prisão racharam, a construção inteira inclinou-se desabando para o lado da rua, e tão somente a queda da casa fronteira, vindo ao encontro da prisão que ruía, impediu, por meio de uma abóbada casual, o completo desmoronamento desta. Trêmulo, com os cabelos eriçados e joelhos que pareciam fender-se sob o seu peso, Jerônimo esgueirou-se pelo chão em declive na direção da abertura que o encontro das duas casas fizera na parede frontal da prisão.

Nem bem se encontrava ao ar livre quando toda a rua, já aluída, veio inteiramente abaixo a um segundo tremor de terra. Desorientado e sem saber como se salvaria dessa devastação generalizada, ele precipitou-se, por sobre escombros e vigamentos, na direção de um dos portões da cidade mais próximos, enquanto a morte lhe lançava ataques de todos os lados. Aqui ainda desmoronou mais uma casa e, arremessando escombros ao redor,

impeliu-o a uma rua paralela; aqui as chamas já se alçavam de todas as cumeeiras, coriscando em meio a nuvens de fumaça, e o empurraram de maneira pavorosa a uma outra rua; aqui o rio Mapocho, alçado de seu leito, veio rolando em sua direção e, rugindo, lançou-o a uma terceira rua. Aqui se amontoava uma pilha de corpos esmagados, gemia ainda uma voz sob os escombros, aqui gritavam pessoas do alto de telhados tomados pelo fogo, seres humanos e animais lutavam contra as ondas, um corajoso empenhava-se em trazer ajuda e salvamento; aqui estava um outro, pálido como a morte, e em mudez estendia mãos trêmulas para os céus. Após ter alcançado o portão e galgado uma colina mais além, Jerônimo desabou sem sentidos ao chão.

Teria jazido um quarto de hora na mais profunda inconsciência quando finalmente recobrou os sentidos e ergueu-se parcialmente do chão, com as costas voltadas para a cidade. Apalpou a frente e o peito, sem nenhuma noção quanto ao estado em que se encontrava, e uma sensação indescritível de deleite apoderou-se dele quando um vento de oeste, soprando do mar, bafejou-lhe a vida renascente e os seus olhos espraíram-se por todas as direções da paisagem florida de Santiago. Apenas ajuntamentos confusos de pessoas, que se avistavam por toda parte, oprimiam o seu coração; não compreendia o que pôde tê-lo conduzido, assim como a tais pessoas, a esse lugar, e tão somente ao virar-se e avistar atrás de si a cidade afundada, lembrou-se daquele momento pavoroso que havia vivenciado. Para agradecer a Deus a salvação miraculosa, prosternou-se tão profundamente que a sua frente tocou o chão; em seguida, como se a impressão horrorosa que se gravara em seu espírito houvesse suprimido todas as impressões anteriores, chorou de prazer por regozijar-se ainda da suave vida, transbordante de aparições coloridas.

Quando se deu conta em seguida de um anel em sua mão, lembrou-se repentinamente de Josefa e, com ela, da prisão em que estivera encarcerado, dos sinos que lá ouvira e do instante que precedera o desabamento daquela. Profundo desalento apoderou-se novamente de seu peito; começou a arrepender-se de sua prece e terrível pareceu-lhe o Ser que reina acima das nuvens. Misturou-se entre o povo que de toda parte se precipitava dos portões, ocupado em salvar os seus pertences, e timidamente ousou perguntar pela filha de Asteron e se a sua execução havia sido consumada; mas não havia ninguém que lhe desse notícias detalhadas. Uma mulher, vergada quase até o chão ao peso descomunal de utensílios que trazia sobre a nuca e com duas crianças dependuradas ao peito, disse-lhe

enquanto passava, como se ela mesma o tivesse visto, que Josefa havia sido decapitada. Jerônimo virou-se; e como ele próprio, ao calcular o tempo, não podia duvidar da consumação da pena, recolheu-se a um bosque ermo e abandonou-se de todo à sua dor. Desejava que o poder aniquilador da Natureza se abatesse novamente sobre si. Não compreendia porque se furtara à morte, almejada por sua deplorável alma, nos instantes em que esta lhe viera, redentora e espontaneamente, de todos os lados. Determinou-se firmemente a não mais vacilar, ainda que desta vez os carvalhos fossem abatidos pela raiz e suas frondes desabassem sobre si. Em seguida, após ter chorado tudo o que pôde e, em meio às lágrimas mais ardentes, ter-lhe voltado novamente a esperança, levantou-se e vasculhou o campo em todas as direções. Encaminhou-se a todo cume de morro em que se reuniam pessoas; em todos os caminhos pelos quais se movia a torrente da fuga, foi ao encontro das pessoas; e onde quer que tremulasse ao vento uma veste feminina, para lá o levavam suas pernas trêmulas, mas nenhuma delas cobria a amada filha de Asteron. O sol inclinava-se ao poente, e com ele declinava de novo a sua esperança, quando se acercou da beira de um rochedo e se lhe descortinou uma vista para extenso vale, tomado apenas por umas poucas pessoas. Indeciso quanto ao que deveria fazer, percorreu os grupos isolados e estava prestes a voltar-se novamente quando de repente, junto a uma nascente que irrigava a bocaina, avistou uma mulher ocupada em banhar uma criança em suas águas. O coração lhe disparou a essa visão, cheio de pressentimentos desceu saltando por sobre as pedras e exclamou: ó Mãe de Deus, só tu santíssima! E reconheceu Josefa quando esta se voltou timidamente na direção do ruído. Com que ventura abraçaram-se então, os infelizes que um milagre dos céus havia salvo!

Josefa, em seu caminho para a morte, já estava bem próxima do cadafalso quando de repente todo o cortejo da execução se dispersou com o desabamento estrondoso das construções. Os seus primeiros passos, impelidos pelo horror, fizeram-na rumar ao portão mais próximo; logo, contudo, voltou-lhe a consciência, deu meia-volta e saiu correndo na direção do convento, onde ficara o seu pequeno menino indefeso. Encontrou o convento já todo em chamas, e a abadessa, que nos instantes que para Josefa deveriam ser os últimos jurara-lhe cuidar do menininho, estava gritando, diante dos portais de entrada, para que o salvassem. Arremessando-se com destemor por entre a fumaça que lhe fustigava o rosto, Josefa adentrou o edifício que já ruía em cada uma de suas paredes e, como se todos os

anjos do céu a protegessem, transpôs de novo o portal com o filho são e salvo. Estava a ponto de abraçar efusivamente a abadessa, a qual mantinha as mãos unidas sobre a cabeça, quando esta, com quase todas as demais freiras, foi esmagada de maneira ignominiosa pela queda de uma cumeeira. Estremecendo, Josefa recuou perante essa visão horripilante; fechou sem demora os olhos da abadessa e, tomada de terror, fugiu para salvar da desgraça o precioso menino, que os céus lhe haviam restituído.

Mal havia ela dado alguns passos, quando já deparou também com o cadáver destroçado do arcebispo, que tinham acabado de retirar dos escombros da catedral. O palácio do vice-rei afundara, o tribunal em que lhe fora pronunciada a sentença estava em chamas e o local em que se erguia a sua casa paterna fora tomado por um lago fervente, exalando vapores avermelhados. Josefa reuniu todas as suas forças para manter-se em pé. Afastando de seu peito toda essa miséria, foi caminhando corajosa de rua em rua, com a sua conquista nos braços, e já estava próxima do portão quando viu em ruínas a prisão em que suspirara Jerônimo. Cambaleou a esta visão, a ponto de desabar sem sentidos a um canto; neste mesmo instante, porém, o desmoronamento de um edifício atrás de si, que os abalos já haviam comprometido, sobressaltou-a e a fez voltar a si, revigorada pelo pavor. Beijou a criança, enxugou as lágrimas dos olhos e, sem atentar mais aos horrores que a cercavam, alcançou o portão da cidade. Quando se viu em campo aberto, logo concluiu que nem todos os que estavam em um edifício aluído deviam necessariamente ter sido esmagados sob os escombros.

Na encruzilhada seguinte, deteve-se e aguardou para ver se ainda não apareceria aquele que, depois do pequeno Felipe, era-lhe o ser mais caro nesta terra. Como ninguém apareceu e crescia o torvelinho humano, continuou o seu caminho; mas se voltou novamente e aguardou mais uma vez. E vertendo muitas lágrimas, esgueirou-se para um vale escuro, sombreado de pinheiros, a fim de orar pela sua alma, que ela julgava haver partido; e então o encontrava aqui, ao amado, neste vale, e encontrava a bem-aventurança, como se fosse o vale do Éden.

Tudo isso ela contava agora, sob forte comoção, a Jerônimo, e passou-lhe então o menino, uma vez que havia terminado a narração, para os seus beijos. – Jerônimo tomou-o nos braços, afagou-o com inefável alegria paterna e cerrou-lhe a boca, já que o menino chorava diante do rosto estranho, com carícias sem fim. Entretanto desceu a mais bela

noite, repleta de maravilhosas fragrâncias suaves, com um brilho tão argênteo e tão calma como só um poeta poderia sonhar. Por toda parte, ao longo da água que atravessava o vale, pessoas haviam se assentado sob o luar e preparavam leitos macios de folhas e musgo para descansarem de um dia tão atormentado. E como os miseráveis continuassem a lamuriar-se – este, porque tinha perdido a casa; aquele, perdido mulher e filho; um terceiro, porque tinha perdido tudo – Jerônimo e Josefa esgueiraram-se então a uma mata mais densa, para não turvar a ninguém com o secreto regozijo de suas almas. Encontraram uma magnífica romãzeira que estendia amplamente os seus galhos carregados de frutos cheirosos, e em cuja fronde o rouxinol entoava sua canção voluptuosa. Neste lugar, Jerônimo assentou-se ao pé da romãzeira, Josefa acomodou-se em seu colo, Felipe no dela, e assim repousaram cobertos pelo manto do moço. Até que adormecessem, a sombra da árvore, filtrando luzinhas esparsas, estendeu-se sobre eles, e a lua empalideceu novamente antes da aurora. Pois tinham infinitas coisas para tagarelar a respeito do jardim do convento e das prisões, e de tudo aquilo que tiveram de padecer um pelo outro. E ficavam muito comovidos ao pensar em quanta miséria teve de abater-se sobre o mundo para que eles pudessem ser felizes!

Decidiram, tão logo cessassem os tremores de terra, a ir até La Concepción, onde Josefa tinha uma amiga íntima, e de lá, com um pequeno empréstimo que esperava obter da amiga, embarcar rumo à Espanha, onde viviam parentes de Jerônimo pelo lado materno, para nesse país chegar ao termo de uma vida feliz. Em seguida, e sob muitos beijos, adormeceram.

Quando despertaram o sol já estava alto no céu, e perceberam nas proximidades várias famílias, ocupadas em preparar ao fogo uma pequena refeição matinal. Jerônimo estava justamente pensando em como providenciar alimento para os seus, quando um homem jovem e bem vestido, com uma criança nos braços, aproximou-se de Josefa e perguntou-lhe modestamente se ela não queria por um breve instante oferecer o seu peito a esse pobre bichinho, cuja mãe jazia ferida um pouco mais adiante, debaixo das árvores. Josefa ficou um tanto confusa quando avistou no jovem um conhecido; uma vez, porém, que este, interpretando erroneamente a sua confusão, prosseguiu dizendo que seria apenas por alguns poucos minutos e que a criança não se alimentava desde aquela hora que trouxe infelicidade a todos, a moça disse: “Calei-me por um outro motivo, Don Fernando; nestes

momentos terríveis ninguém se recusa a dividir o que possui.” E tomou ao colo a pequena criança alheia, enquanto dava o próprio filho ao pai, e colocou-a em seu peito. Don Fernando ficou muito agradecido por essa bondade e perguntou se não queriam dirigir-se com ele até aquele grupo, que estava justamente preparando um pequeno desjejum ao fogo. Josefa respondeu que aceitaria com prazer essa oferta e, já que também Jerônimo nada tinha a objetar, acompanhou-o até sua família, onde foi acolhida da maneira mais íntima e carinhosa pelas duas cunhadas de Don Fernando, que ela conhecia como jovens damas muito distintas.

Dona Elvira, a esposa de Don Fernando, estendida ao chão gravemente ferida nos pés, ao ver o seu menino debilitado ao peito de Josefa, puxou-a com muito carinho a si. Também Don Pedro, o sogro de Don Fernando, que estava ferido no ombro, cumprimentou-a com um amável meneio de cabeça.

No peito de Jerônimo e de Josefa agitaram-se insólitos pensamentos. Se eles se viam tratados com tanta intimidade e bondade, então não sabiam mais o que pensar do passado, do cadafalso, da prisão e do sino. Não teriam simplesmente sonhado tudo isso? Era como se os espíritos, desde o formidável golpe que os atravessara estrondante, estivessem todos reconciliados. Em suas lembranças, não conseguiam de modo algum recuar para além desse golpe. Apenas Dona Isabel, que havia sido convidada à casa de uma amiga para o espetáculo da manhã anterior mas não aceitara o convite, repousava por vezes o olhar sonhador sobre Josefa. O relato, porém, que se fazia sobre uma nova desgraça pavorosa arrebatava a sua alma de volta ao presente, do qual nem bem se havia evadido.

Contava-se que logo após os tremores principais a cidade fora inteiramente tomada por mulheres que davam à luz diante dos olhos de todos os homens; contava-se como os monges, com o crucifixo na mão, corriam de um lado para o outro e gritavam que o fim do mundo havia chegado; como uma sentinela, que por ordem do vice-rei exigia a evacuação de uma igreja, recebera por resposta que não havia mais nenhum vice-rei do Chile; como nos momentos mais terríveis o vice-rei tivera de mandar erigir forcas para pôr termo às pilhagens; e contava-se de um inocente que, buscando salvar-se pelos fundos de um casa em chamas, fora agarrado pelo proprietário e, na precipitação do momento, imediatamente enforcado.

Dona Elvira, com cujos ferimentos Josefa estava muito ocupada, aproveitou um momento em que as narrativas se cruzavam da maneira mais vívida para perguntar-lhe como atravessara aquele dia terrível. E uma vez que, contando-lhe com o coração oprimido alguns lances principais de tal dia, viu brotarem lágrimas nos olhos dessa dama, Josefa foi invadida por intenso prazer; Dona Elvira agarrou-lhe a mão, apertou-a e fez-lhe um gesto para que se calasse. Josefa presumiu encontrar-se entre os bem-aventurados. Um sentimento que não podia reprimir chamou ao dia recém-transcorrido, por mais misérias que houvesse trazido ao mundo, uma dádiva como o céu ainda não fizera descer outra igual. E, de fato, em meio a esses momentos pavorosos, nos quais sucumbiam todos os bens terrenos dos homens e até mesmo a Natureza ameaçava derruir-se, o próprio espírito humano parecia desabrochar como uma bela flor. Nos campos, por toda a extensão abarcada pelo olhar, avistavam-se pessoas de todas as classes confundidas entre si, príncipes e mendigos, matronas e camponesas, funcionários do Estado e jornaleiros, monges e monjas: compadecendo-se uns dos outros, prestando-se ajuda mútua, compartilhando alegremente com os demais tudo aquilo que puderam salvar para a própria subsistência, como se a desgraça geral tivesse convertido tudo o que lhe escapara em uma *única* família.

Em lugar das conversas inexpressivas às quais o mundo das mesinhas de chá costuma fornecer o assunto, contavam-se agora exemplos de feitos descomuns: pessoas até então bem pouco consideradas na sociedade haviam mostrado grandeza romana; exemplos aos montes de destemor, de alegre desprezo pelo perigo, de abnegação e de divina prontidão para o sacrifício, de renúncia incontinente à vida, como se esta, à semelhança de um bem desprezível, pudesse ser reencontrada já ao próximo passo. Uma vez que não havia pessoa alguma a quem não houvesse acontecido algo de comovente nesse dia, ou que não tivesse realizado ela própria algo de magnânimo, assim a dor estava misturada em cada peito humano com prazer tão doce, que não se podia dizer – como achava Josefa – se a soma do bem-estar coletivo não crescera por um lado na mesma proporção em que se reduzira pelo outro.

Depois de se terem ambos consumido silenciosamente em tais considerações, Jerônimo tomou Josefa pelo braço e com inefável alegria passou a conduzi-la para cima e para baixo sob os umbrosos caramanchões do bosque de romãzeiras. Disse-lhe que, em face

dessa disposição dos espíritos e da reviravolta nas relações sociais, abandonava a sua decisão de partir para a Europa; que procuraria o vice-rei, o qual sempre se mostrara favorável a sua causa e, caso ainda estivesse vivo, ousaria cair de joelhos diante dele; disse ainda, enquanto lhe dava um beijo, que tinha esperança de permanecer com ela no Chile. Josefa respondeu que pensamentos semelhantes se haviam levantado em seu íntimo; que não mais duvidava da possibilidade de reconciliar seu pai, caso ele ainda estivesse vivo; mas que, em vez de pôr-se de joelhos, ela aconselhava antes a ir até La Concepción e de lá tratar por escrito com o vice-rei do assunto da reconciliação – naquela cidade se estaria, para qualquer eventualidade, nas proximidades do porto e no melhor dos casos, se o assunto tomasse o rumo almejado, se poderia retornar facilmente a Santiago. Após uma breve reflexão, Jerônimo enalteceu a prudência dessa medida, conduziu-a por mais alguns instantes pelos arredores, ao mesmo tempo que se deixava transportar aos momentos felizes do porvir, e retornou com ela ao grupo.

Entretanto chegara a tarde, e nem bem os espíritos dos refugiados que perambulavam pela região se tranqüilizaram um pouco, uma vez que os tremores de terra tinham cessado, quando já se propagou a notícia de que na igreja dos dominicanos, a única que o terremoto poupou, uma missa solene iria ser celebrada pelo próprio prelado do convento, para implorar aos céus a prevenção de novas desgraças.

O povo já irrompia de todos os cantos e apressava-se torrencialmente rumo à cidade. As pessoas em torno de Don Fernando perguntaram entre si se também não deveriam participar dessa solenidade e aderir à marcha coletiva. Dona Isabel lembrou a todos, com certa angústia, a grande calamidade ocorrida na igreja no dia anterior; lembrou que tais solenidades de ação de graças certamente se repetiriam e que então poderiam entregar-se à comoção com tanto mais alegria e serenidade, pois o perigo já estaria mais distante. Josefa declarou, levantando-se incontinentemente com certo entusiasmo, que o ímpeto de prostrar-se ao chão diante do Criador jamais se manifestara em seu íntimo com tanta força como neste momento exato em que ele desdobrava o seu poder incompreensível e sublime. Dona Elvira manifestou vivamente o seu apoio às palavras de Josefa. Insistiu que deveriam participar da missa e conclamou Don Fernando a conduzir o grupo, de modo que todos, inclusive Dona Isabel, puseram-se em pé. Uma vez, porém, que esta última executava de modo vacilante, com respiração sôfrega, os pequenos preparativos para a

partida e, interrogada sobre o que estava sentindo, respondera não saber de onde vinha o pressentimento funesto em seu peito, Dona Elvira tranqüilizou-a e solicitou-lhe então que permanecesse ao lado dela e de seu pai doente. Josefa disse: “nesse caso, Dona Isabel, a senhora irá certamente tomar de mim esse amorzinho que, como a senhora vê, aninhou-se de novo em meu colo”. “Com prazer”, respondeu Dona Isabel, e preparou-se para pegá-lo. Mas, como o menino gritasse acerbamente por causa da injustiça de que era vítima e não a aceitasse de modo algum, então Dona Josefa disse sorrindo que o manteria no colo e acalmou-o novamente com beijos. Na seqüência, Don Fernando, que ficara encantado com a dignidade e a graça do seu comportamento, ofereceu-lhe o braço; Jerônimo, que trazia consigo o pequeno Felipe, encarregou-se de Dona Constança; atrás vinham as demais pessoas que haviam se juntado ao grupo. E nessa ordem o cortejo seguiu para a cidade.

Nem bem haviam dado cinqüenta passos quando ouviram Dona Isabel, a qual tivera uma conversa excitada e confidencial com Dona Elvira, gritar pelo nome de Don Fernando, apressando-se ao encontro do cortejo com passadas agitadas. Don Fernando deteve-se e deu meia-volta; esperou por ela sem soltar o braço de Josefa; e uma vez que Dona Isabel detivera-se a uma certa distância, como esperando que ele viesse ao seu encontro, perguntou-lhe aquele o que queria. Nisso, Dona Isabel, embora aparentemente a contragosto, aproximou-se dele e sussurrou-lhe algumas palavras ao ouvido, mas de maneira que Josefa não pudesse ouvi-las. “E daí?”, perguntou Don Fernando, “que desgraça poderia resultar disso?” Dona Isabel, com a fisionomia transtornada, continuou a cochichar em seu ouvido. Um rubor de contrariedade subiu ao rosto de Don Fernando e ele respondeu que estava bem, que Dona Elvira podia tranqüilizar-se; e continuou a conduzir a sua dama.

Quando chegaram à igreja dos dominicanos, já se ouvia o órgão em sua magnificência musical, e uma multidão incomensurável ondeava em seu interior. A aglomeração estendia-se por todos os lados, ultrapassando os portais no adro da igreja, e pelas paredes, nas molduras dos quadros, dependuravam-se meninos que seguravam os barretes nas mãos, o olhar cheio de expectativa. Descia um resplendor de todos os lustres; com o irromper do crepúsculo as pilastras lançavam sombras misteriosas, a grande rosácea trabalhada em vitrais coloridos ardia, nos fundos da igreja, como o próprio sol da tarde que a iluminava; e já que o órgão agora se calava, imperava o silêncio em toda a assembléia, como se ninguém tivesse um só rumor em seu peito. De catedral cristã alguma jamais se

alçara aos céus uma tal flama de devoção como nesse dia da catedral dominicana de Santiago, e nenhum peito humano participava com chama mais ardente do que o peito de Jerônimo e Josefa!

A solenidade começou com o sermão que um dos cônegos mais idosos, pomposamente paramentado, proferia do alto do púlpito. Elevando aos céus suas mãos trêmulas, envoltas pelas amplas mangas da alva, começou de imediato com louvor, exaltação e agradecimento, porque ainda existiam pessoas nessa parte do mundo, que se desfazia em ruínas, capazes de balbuciar suas preces a Deus. Descreveu o que havia acontecido a um gesto do Todo-Poderoso; o Juízo Final não poderia ser mais terrível. E quando, não obstante estas palavras, chamou o terremoto do dia anterior, apontando para uma rachadura sofrida pela catedral, de mero anúncio preliminar, um arrepio alastrou-se por toda a assembléia. Em seguida, no fluxo da eloquência sacerdotal, enveredou pela depravação dos costumes na cidade; castigou-a pelos horrores que nem Sodoma e Gomorra tinham visto, e atribuiu tão somente à infinita magnanimidade de Deus o fato de Santiago não ter desaparecido inteiramente da superfície da terra.

Mas o coração dos nossos dois infelizes, já inteiramente dilacerado pelo sermão, contraiu-se como que trespassado por um punhal quando o cônego aproveitou a oportunidade para mencionar em detalhes o sacrilégio cometido no jardim do convento das carmelitas; chamou de ímpia a complacência que tal sacrilégio encontrou em todo mundo e, numa guinada repleta de maldições, entregou a alma dos criminosos, explicitamente nomeados, a todos os príncipes do Inferno! Dona Constança exclamou, contraindo-se nos braços de Jerônimo: “Don Fernando!” Mas este respondeu de maneira tão enfática e ao mesmo tempo tão confidencial quanto possível: “A senhora se cale, não movimente sequer os olhos e faça como se desmaiasse, para que possamos deixar a igreja.” Mas antes que Dona Constança pudesse executar essa medida sensata, concebida para a salvação de todos, já troava uma voz interrompendo o sermão do cônego: “Afastai-vos, cidadãos de Santiago, aqui estão estes seres ímpios!” E quando uma outra voz perguntou aterrorizada, enquanto se abria em torno deles um amplo círculo do horror, “onde?”, um terceiro atalhou “aqui!” e, repleto de sagrada perfídia, puxou Josefa pelos cabelos, de modo que ela, cambaleando com o filho de Don Fernando nos braços, teria ido ao chão se este não a tivesse amparado. “Estais loucos?” exclamou o jovem, e cingiu Josefa pelo ombro: “sou Don Fernando

Ormez, filho do comandante da cidade, que todos vós conheceis.” “Don Fernando Ormez?”, bradou, logo à sua frente, um sapateiro que havia trabalhado para Josefa e que a conhecia pelo menos tão bem quanto a seus pezinhos. “Quem é o pai desta criança?”, voltou-se ele com insolente obstinação à filha de Don Asteron. Don Fernando empalideceu a essa pergunta. Ora fitava Jerônimo timidamente, ora relanceava o olhar por sobre a assembléia, para ver se não havia ali alguém que o conhecesse. Premida pelas circunstâncias horrorosas, Josefa exclamou: “Este não é o meu filho, mestre Pedrillo, como julgais”; e continuou, enquanto olhava para Don Fernando com infinita angústia na alma: “este jovem é Don Fernando Ormez, filho do comandante da cidade, que todos vós conheceis!” O sapateiro perguntou: “Quem de vós, cidadãos, conhece este jovem?” E vários dos circunstantes repetiram: “Quem conhece Jerônimo Rugera? Que se apresente!” Aconteceu então que neste mesmo instante o pequeno João, assustado com o tumulto, quis passar do peito de Josefa para os braços do pai. Nisso, gritou uma voz: “É ele o pai!”; e uma outra: “é ele Jerônimo Rugera!”; e uma terceira: “são eles os blasfemos!”; e toda a cristandade reunida no templo de Jesus: “Apedrejai-os! Apedrejai-os!” A isso tudo revidou então Jerônimo: “Parai, seres desumanos! Se procurais Jerônimo Regera, aqui está ele! Libertai aquele homem, que é inocente!” –

Confundida pela declaração de Jerônimo, a turba furibunda deteve-se; várias mãos soltaram Don Fernando; e como neste exato momento chegava apressado um oficial da marinha de alta patente, perguntando enquanto abria caminho pelo tumulto: “Don Fernando Ormez!, o que vos aconteceu?”, respondeu então este, já inteiramente liberto e com lucidez verdadeiramente heróica: “vede, Don Alonzo, os assassinos! Eu estaria perdido se este homem digno não se tivesse feito passar por Jerônimo Rugera, para acalmar a multidão enfurecida. Tende a bondade de prendê-lo, ao lado desta jovem dama, para a segurança de ambos; e também a este homem desprezível”, continuou ao mesmo tempo que agarrava mestre Pedrillo, “que deflagrou todo esse tumulto!” O sapateiro bradou: “Don Alonzo Onoreja, eu vos pergunto, pela vossa consciência, se esta moça não é Josefa Asteron.” Uma vez que Don Alonso, que conhecia Josefa muito bem, vacilasse com a resposta e várias vozes, aticadas novamente à cólera, se pusessem a gritar: “é ela, é ela!” e “matai-a!”, então Josefa colocou o pequeno Felipe, que Jerônimo havia carregado até então, nos braços de

Don Fernando, junto com o pequeno João, e disse: “Ide, Don Fernando, salvai vossos dois filhos e abandonai-nos ao nosso destino!”

Don Fernando tomou ambas as crianças e disse que preferia antes morrer a permitir que acontecesse algum mal aos seus. Após ter solicitado a espada ao oficial da marinha, ofereceu o braço a Josefa e exortou o casal atrás de si a segui-lo. E de fato, à medida que as pessoas, em face dessa atitude, abriam caminho com suficiente respeito, eles saíram da igreja e já se julgavam salvos. Contudo, mal chegaram ao átrio, igualmente repleto de pessoas, quando bradou uma voz em meio à turba enlouquecida que os tinha seguido: “este é Jerônimo Rugera, cidadãos, pois eu sou o seu próprio pai!”, e com uma cajadada descomunal prostrou ao chão o jovem que estava ao lado de Dona Constança. “Jesus! Maria!”, exclamou esta e fugiu na direção do seu cunhado. Mas do outro lado já ressoava o grito “meretriz de convento!”, acompanhando uma segunda cajadada, que a derrubava sem vida ao lado de Jerônimo. “Monstros!”, bradou um desconhecido, “esta era Dona Constança Xares!”. “Por que eles mentiram para nós?”, respondeu o sapateiro, “procurai a pessoa certa e assassinai-a!” Don Fernando ardeu em ira quando viu o cadáver de Dona Constança; puxou a espada, brandiu-a e descarregou-a sobre o assassino fanático que deflagrara esses horrores, de tal modo que o teria partido ao meio se este não tivesse se subtraído ao enfurecido golpe com uma virada de corpo. Mas, como Don Fernando não conseguia subjugar a multidão que o apossava, exclamou então Josefa: “adeus, Don Fernando! Sede feliz com as crianças!” E continuou: “aqui me tendes, feras sedentas de sangue, assassinai-me!”, lançando-se voluntariamente no meio deles, para pôr termo à luta. Mestre Pedrillo derrubou-a com o cajado. E exclamou na seqüência, inteiramente salpicado com o sangue de Josefa: “mandai agora o bastardo atrás dela para o Inferno”, e investiu mais uma vez, com a volúpia sanguinária ainda não aplacada.

Don Fernando, esse herói divino, ficou então postado com as costas apoiadas na parede da igreja; na mão esquerda segurava as crianças e na direita, a espada. A cada golpe fulminava ele um agressor, mandando-o ao chão; um leão não se defende de melhor maneira. Já sete cães sanguinários jaziam ao chão, o próprio príncipe da horda satânica estava ferido. Mas mestre Pedrillo não descansou antes de haver-lhe arrancado do peito uma das crianças, puxando-a pelas pernas, e rodopiando-a no ar, tê-la esmagado contra o canto de uma pilastra da igreja. Fez-se então silêncio e todos afastaram-se. Don Fernando,

quando viu caído diante de si o seu pequeno João, com os miolos vertendo do cérebro, levantou os olhos para o céu, tomado por dor inominável.

O oficial da marinha apresentou-se novamente a ele, procurou consolá-lo e manifestou-se arrependido de sua inação durante toda a desgraça, embora justificada por várias circunstâncias. Don Fernando disse, porém, que não havia o que lhe censurar e pediu apenas que o ajudasse agora a transportar os cadáveres. Estes foram levados, na escuridão da noite que caía, à residência de Don Alonso, para onde Don Fernando os seguiu, chorando muito sobre o rosto do pequeno Felipe. Também passou a noite na casa de Don Alonso e tardou muito, valendo-se de falsas alegações, para comunicar à sua esposa toda a extensão da desgraça; ora porque ela estava doente, ora porque ele não sabia como a esposa julgaria o seu procedimento durante aqueles eventos. Mas, pouco tempo depois, casualmente informada por uma visita de tudo o que sucedera, essa dama excelente chorou em silêncio toda a sua dor maternal e numa manhã, com uma última lágrima resplandecendo nos olhos, veio abraçar e beijar o marido. Em seguida, Don Fernando e Dona Elvira tomaram o pequeno órfão como filho adotivo; e toda vez que Don Fernando comparava Felipe com João, e refletia sobre como adquirira um e outro, então quase se sentia no dever de alegrar-se.

Tradução: Marcus V. Mazzari

(*Contos de Amor do Século XIX*. Companhia das Letras, 2007.)

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
& Paulo Rónai

MAR DE HISTÓRIAS

ANTOLOGIA DO CONTO MUNDIAL
3.ª edição, revista e aumentada

VOLUME

9

Tempo de Crise

SBD-FFLCH-USP



278328


EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

RYONOSUKE AKUTAGAWA

NO DECORRER desse período, já duas vezes pudemos lançar olhos à vida e aos costumes do Japão, através das histórias de Lafcadio Hearn e de Naoya Shiga. Na introdução ao conto deste último, demos rápido esboço da literatura nipônica, na qual a abertura dos portos, em 1853, operou mudança radical. Se antes do fim do isolamento do Japão é difícil orientarmo-nos em sua literatura

fluência da literatura europeia, alguns escritores procuraram manter as formas e os métodos tradicionais; outros passaram-se a copiar com entusiasmo originais do Ocidente, outros, ainda, praticaram um compromisso. Até agora ainda não emergiu um estilo consistente, e a atitude que prevalece é, não raro, de desreperão e nihilismo.⁶

Tipico representante das novas gerações japonesas é Ryonosuke Akutagawa. "Esboçar o seu background e o seu temperamento é arriscar um clichê melodioso. Era brilhante, sensível, crítico, neurótico; viveu em Tóquio, ensinou por algum tempo na Universidade, foi redator literário de um jornal. Seu suicídio prematuro, com apenas trinta e cinco anos de idade, não faz senão realçar o retrato de um moderno intelectual japonês, *Maupassiant*.⁵ "Extrema foi a in-

pressão da sociedade e de uma crise de cultura."⁷ Estravado com traduções de Yeats e de Anatole France,⁸ ganhou fama com Rashomon (1917), o primeiro de seus seis volumes de contos. Considerado adepto da arte pela arte, era um tipo de scholar de extensa cultura, fino gosto e sensibilidade excessiva; para muitos, é com ele que principia a verdadeira literatura do Japão moderno.⁹ O prêmio que lhe pertinha o nome assemelha-se, em importância, ao Prêmio Goncourt na França.

Suas lendas relativas aos mártires do cristianismo no Japão, de tão fiéis à atmosfera e ao estilo da época, passaram, durante algum tempo, por lendas autênticas transmitidas pela tradição.¹⁰ Entre as suas demais obras são para notar Assassínio de uma Cultura (sobre a perseguição dos cristãos) e Psicologia da Loucura (estudada na própria mãe, que morreu louca).¹¹

Ryonosuke Akutagawa, mestre do estilo, gostava de tratar assuntos históricos em tom arcaizante, e mesmo ao enfrentar temas modernos imbuva em observar uma distância estética. Nele a superfície é sempre fria, clássica; prefere sugerir a insíntir, procura sempre, na expressão de Howard Hibber, o "equilíbrio precário da ilusão e da realidade". Exem-

¹ Sobre Lafcadio Hearn e Naoya Shiga, v. *Mar de Histórias*, vol. VIII, p. 90 e 262.
² Acerca de Tolstoi, v. *Mar de Histórias*, vol. V, p. 63.
³ Acerca de Oscar Wilde, v. *Mar de Histórias*, vol. V, p. 192.
⁴ Acerca de Poe, v. *Mar de Histórias*, vol. III, p. 181.
⁵ Acerca de Maupassant, v. *Mar de Histórias*, vol. IV, p. 263.
⁶ E. B. Ceadel, "Japanese Literature", em *Cassell's Encyclopaedia of Literature*, edited by S. H. Steinberg, London, Cassell & Co., 1953, vol. I, p. 311.

⁷ Howard Hibber, na Introdução de *Rashomon and Other Stories*, by Akutagawa Ryonosuke, translated by Takashi Kojima, Rutland, Vermont — Tokyo, Charles E. Tuttle Co., 1952. Este mesmo conto, juntamente com aquele que deu título ao volume, forneceu argumento a um filme japonês, exibido com êxito extraordinário. Foi esse texto inglês que nos serviu de texto.
⁸ Sobre Anatole France, v. *Mar de Histórias*, vol. VIII, p. 71.
⁹ Roger Bersinand, *La Littérature Japonaise*, Collection "Cue Sais-je", Paris, Presses Universitaires de France, 1950.)
¹⁰ *Introduction to Contemporary Japanese Literature*, edited by the Kokusai Bunka Shinkokai, Tokyo, 1939, p. 122.
¹¹ Na transcrição fonética e nas notas 12 e 13 tivemos o auxílio do Sr. Tamotsu Nakaya, cônsul do Japão no Rio de Janeiro.

NUM BOSQUE

DEPOIMENTO DE UM LENHADOR INTERROGADO POR ALTO FUNCIONÁRIO DA POLÍCIA

SIM, SENHOR. Não há dúvida, fui eu que achei o corpo. Hoje pela manhã, como de costume, ia cortar a minha cora diária de cedros, quando encontrei o corpo em um bosque, num vale das montanhas. O lugar exato? A uns cento e cinqüenta metros da estrada real de Iamaxima. É um bosque de bambus e cedros por onde ninguém costuma passar.

O corpo achava-se deitado de costas, com um quimono de seda azulada e uma touca preguçada à maneira de Quioto. Uma única estocada tinha varado o peito. As folhas de bambu espalhadas em redor achavam-se cobertas de flores de sangue. Não, o sangue já não corria; sem dúvida, tinha estancado. Sim, havia também um moscardo pegado à ferida e que quase não se importou com a minha chegada.

O senhor me pergunta se vi alguma espada ou coisa semelhante.

Não, senhor, não vi nada disso. Encontrei apenas uma corda ao pé de um dos cedros, bem perto. Sim, e um pente também. Evidentemente ele se defendeu antes de cair morto, pois a relva e as folhas de bambu estavam pisadas em todo o redor.

— Havia um cavalo perto?

Não, senhor. Se um homem tem dificuldade em entrar ali, quanto mais um cavalo!

DEPOIMENTO DE UM SACERDOTE BUDISTA VIAJANTE INTERROGADO POR ALTO FUNCIONÁRIO DA POLÍCIA

A HORA? Com certeza, foi mais ou menos ao meio-dia de ontem, senhor. O infeliz achava-se na estrada que vai de Seguiama a Lama-xima. Dirigia-se para Seguiama com uma senhora que o acompanhava a cavalo e que, seguindo eu vim a saber, era sua esposa. Um lenço pendente da cabeça escondia-lhe o rosto. Tudo o que vi foi a cor do seu traje, um costume lilás. Montava um cavalo alazão, de crina fina. A altura da senhora? Oh, uns quatro pés e cinco polegadas. Como sou sacerdote budista, não prestei maior atenção a outros pormenores da sua pessoa. Bem; quanto ao homem, vinha armado

de uma espada, assim como de um arco e flechas. Recordo-me de que ele trazia na aljava umas vinte flechas esquisitas.

De maneira alguma podia prever-lhe tal destino. Com efeito, a vida humana é fugidia como o orvalho da madrugada ou um clarão de luz. Não encontro palavras para exprimir a compaixão que ele me inspira.

DEPOIMENTO DE UM GUARDA INTERROGADO POR ALTO FUNCIONÁRIO DA POLÍCIA

O HOMEM que eu prendi? É um saltador conhecido, de nome Tajômaru. Quando o prendi, achava-se estendido no chão, caído do próprio cavalo e soltando gemidos, perto da ponte de Anatagurchi. A hora? Foi nas primeiras horas da noite de ontem. A título de informação, posso recordar que há dias, já, procurei prendê-lo, mas infelizmente me escapou. Vestia um quimono azul-escuro e trazia uma espada larga, sem enfeites. Como o senhor está vendo, arranjou de pois, nalgum lugar, um arco e flechas. O senhor diz que esse arco e essas flechas são como os do morto? Então o assassino deve ser Tajômaru. O arco enrolado em faixas de couro, a aljava de verniz preto, as dezessete flechas com penas de gavião, tudo isso me parece que estava com ele. Sim, senhor, o cavalo é, como o senhor diz, um alazão de crina fina. Pouco além da ponte de pedra encontrei o cavalo pastando ao longo da estrada, com as rédeas compridas pendendo. Deve de ter sido por obra da Providência que o cavalo atirou com ele no chão.

De todos os ladrões que rondam Quioto, esse Tajômaru é o que maior mal tem feito às mulheres da cidade. No outono passado, uma senhora que voltava do Templo de Toriba à montanha de Pindora, provavelmente para visitar conhecidos, foi assassinada junto com uma menina. Suspeita-se que foi uma façanha dele. Se foi ele quem assassinou o marido, nem queiram saber o que pode ter feito à mulher. Tomo a liberdade de chamar a atenção do senhor para este ponto também.

DEPOIMENTO DE UMA ANCIÃ INTERROGADA POR ALTO FUNCIONÁRIO DA POLÍCIA

SIM, SENHOR, este cadáver é o homem que desposou minha filha.

Ele não vem da cidade. Era um samurai da cidade de Cocufu, na província de Uacassa. Chamava-se Canázaua-no-Taquéhico, e tinha vinte e seis anos. Era de caráter ável, e tenho a certeza de que nada fez para provocar o furor de quem quer que fosse.

Minha filha? Chama-se Masago. e tem dezoito anos. É uma moça cheia de vivacidade, brincalhona, mas estou certo de que não conheceu nunca outro homem a não ser Taquéhico. Tem um rosto pequeno, oval, antes moreno, com um sinal no canto do olho esquerdo.

Ontem Taquéhico partiu para Uacassa com minha filha. Que má sorte quis que ele levasse. fim tão triste? E minha filha, que fim levou? Já me resignaria à perda de meu genro, mas o destino de minha filha me aflige, me põe doente. Pelo amor de Deus, revirem cada pedra para encontrá-la. Odeio esse salteador Tajômaru, ou seja quem for. Não só o meu genro; a minha filha também... (Suas últimas palavras se afogaram em lágrimas.)

CONFISSÃO DE TAJÔMARU

MATEI-O, a ele, porém não a ela. (Que fim ela levou? Não sei dizer. Eh, esperem um instante. Nenhuma tortura me poderá fazer confessar o que não sei. Agora que as coisas tiveram este desfecho, não vou ocultar-lhes nada.)

Foi ontem, pouco depois do meio-dia, que encontrei esse casal. Naquela manhã exato uma lufada de vento levantou o lenço que pendia da cabeça dela, de modo que pude entrever-lhe as feições. No mesmo instante, elas voltaram a cobrir-se. Esta pode ter sido uma das razões: ela parecia um Bodissatva.¹² Foi quando resolvi raptá-la, ainda que tivesse de matar-lhe o marido.

Por quê? Matar, para mim, não é coisa tão extraordinária como os senhores poderiam pensar. Quando uma mulher é raptada, o marido tem de ser morto de qualquer jeito. Para matar, sirvo-me da espada com que vou cingido. Sou eu o único a matar? Os senhores matam gente com o seu poder, com o seu dinheiro. Às vezes matam homens a pretexto de que o fazem para o bem deles. É verdade que esses não sangram. Estão com ótima saúde, e nem por isso vocês

¹² *Bodissatva*: mulher que pratica a virtude para depois da morte ser um Buda, isto é, espírito puro no Paraíso.

deixam de matá-los. É difícil dizer quem é mais culpado, se os senhores ou eu. (Sorriso irônico.)

Mas teria sido melhor raptar a mulher sem matar o marido. Resolvi, portanto, raptá-la e fazer o possível para não matá-lo. Para isso não havia jeito, se ficassem na estrada real de Iamaxima. Eis por que procurei atraí-los até as montanhas.

A coisa foi fácil. Tornei-me companheiro de viagem do casal e conrei-lhes que havia nas montanhas ali perto um velho rúmulu, que eu tinha escavado, e onde encontrara vários espelhos e espadas. Disse-lhes que havia enterrado os objetos num bosque atrás de um monte, e que os venderia barato a quem os quisesse comprar. Então... vejam se a cobiça não é uma coisa terrível: ele se mostrou interessadíssimo pela minha história antes mesmo de ouvi-la toda. Em menos de meia hora já estavam tangendo o cavalo em direção à montanha, acompanhados por mim.

Ao chegarmos à altura do bosque, eu disse-lhes que era ali que o resouro estava enterrado, e pedi que viessem ver. O homem não teve a menor dúvida: estava cego de cobiça. Quanto à mulher, disse que aguardaria na estrada, montada no cavalo. Era natural que ela assim falasse, em vista da espessura da mata. Para dizer-lhes a verdade, o meu plano surtiu exatamente o efeito desejado. Por isso segui com ele para o bosque, deixando a moça sozinha para trás.

Até certa extensão, o bosque é formado unicamente de bambus. Umás cinquenta jardas adiante há um grupo não muito espesso de cedros. Era um lugar conveniente para o meu plano. Abrindo caminho através do bosque, eu lhe impingi mais uma mentira, bastante verossímil, afirmando que o resouro se encontrava enterrado debaixo dos cedros. Ao ouvir isto, ele tomou a dianteira e avançou penosamente na direção do cedro que se via atrás dos bambus. Mais alguns passos, e o bambual escasseava: chegamos a um lugar onde uma porção de cedros formam fila. Mal o atingimos, agarrei-o por trás. Sendo um soldado treinado e aguerrido, era ele um homem forte, mas, como fora apanhado de surpresa, não teve mais salvação. Em pouco tempo eu o tinha amarrado ao tronco de um cedro. Onde conseguí a corda? Graças a Deus, sendo ladrão, trazia comigo uma corda, pois podia ter necessidade de escalar um muro a qualquer momento. Lembrei-me, é natural, de impedi-lo de gritar por socorro, amordaçando-o com folhas de bambu espalhadas no chão.

Depois de o ter liquidado, voltei para a moça e convidei-a a vir

comigo, porque o marido me parecia acometido de súbito mal-estar. Desnecessário dizer que esse ardil também surtiu efeito completo. A moça tirou o chapéu de carrizo e entrou na mata, conduzida pela minha mão. Ao avistar o marido amarrado, sacou de uma espadinha. Nunca vi mulher de gênio tão violento. Se não estivesse prevenido, teria levado uma estocada na ilharga. Esquivei-me, enquanto ela continuava a me acurtiar. Mas eu sou Tajômaru. Consegui abater a sua espadinha sem puxar da minha espada. A mulher, por mais corajosa que seja, fica sem defesa quando desarmada. Afinal pude satisfazer com ela o meu desejo, sem lhe haver matado o marido.

Sim... sem tê-lo matado. Não desejava, realmente, tirar-lhe a vida. Ia-me retirar do bosque à pressa, deixando atrás de mim a moça banhada em pranto, quando ela se agarrou freneticamente ao meu braço. Pedi-me, em palavras truncadas, que morresse ou eu ou o marido. Disse que haver dois homens conhecedores da sua vergonha era pior que a morte. Em voz entrecortada, declarava-me que desejava ser a esposa do sobrevivente, fosse quem fosse. Foi quando concebi o desejo furioso de matá-lo.

Ouvindo-me contar-lhes o caso assim, naturalmente não de me achar um homem mais cruel do que os senhores mesmos. Mas é porque não viram o rosto dela, naquele instante, e em especial os seus olhos ardentes. Vendo-a cara a cara, quis torná-la minha mulher, nem que tivesse de ser partido por um raio. Quis torná-la minha mulher, e esse desejo me encheu o espírito. Não era apenas luxúria, como os senhores podem pensar. Se nesse momento não tivesse outro motivo afora a luxúria, decerto a haveria derrubado com um soco e teria fugido, sem haver manchado a minha espada com o sangue dele. Entretanto, no momento em que fitei o rosto dela no bosque escuro, resolvi não sair dali sem tê-lo morto.

Não queria, contudo, recorrer a meios desleais para matá-lo. Desarmarrei-o e convidei-o a cruzar a espada com a minha. (A corda encontrada perto do cedro é aquela que eu deixei cair nesse momento.) Possuído de furor, ele puxou da pesada espada e, mais ligeiro que o pensamento, atirou-se a mim, sem dizer palavra. Não lhes preciso contar qual o fim da nossa luta. Ao vigésimo terceiro choque... notem o fato, que me impressiona ainda. Até então, ninguém debaixo do Sol tinha cruzado a espada comigo vinte vezes. *(Sorriso de satisfação.)*

Quando ele caiu, virei-me para ela, baixando a espada manchada

de sangue. Porém, com grande surpresa minha, ela desaparecera. Perguntei a mim mesmo aonde podia ter ido, percorri o bosquezinho de cedros. Agucei o ouvido: não ouvia senão os gemidos vindos da garganta do moribundo.

Apenas começamos a lutar, teria ela escapado pelo bosque à procura de socorro. Ao ocorrer-me essa idéia, compreendi que, para mim, o caso era de vida ou morte. E, tirando a espada, o arco e as flechas do morto, voltei às pressas à estrada real, onde ainda encontrrei o cavalo dela pastando tranqüilo. Seria um desperdício de palavras contar-lhes o que aconteceu depois. Antes de entrar na cidade, eu já me havia desfeito da espada. É esta a minha confissão. Sei que o meu destino é ter a cabeça cortada: condenem-me, portanto, à pena máxima. *(Atitude provocadora.)*

CONFISSÃO DA MULHER QUE SE RECOILHEU AO TEMPLO DE XIMIZU

AQUELE HOMEM de quimono de seda azul, depois de me haver forçado a entregar-me a ele, olhou para o meu marido amarrado e teve um riso zombeteiro. Como o meu marido devia estar horrorizado! Porém, por mais que se debatesse no seu desespero, a corda, em vez de afrouxar, cortava-lhe ainda mais a carne. Sem querer, corri tropeçando para o lado dele. Ou melhor, ia correr, porque o homem me derrubou imediatamente com um soco. Naquele mesmo instante vi uma luz indescritível nos olhos do meu marido, algo de inexprimível... ainda agora aqueles olhos me fazem tremer. Aquele lampejo dos olhos do meu esposo, que não podia falar, disse-me todo o seu pensamento. O brilho dos olhos dele não era nem de furor nem de aflição... era uma luz fria, um olhar de asco. Golpeada mais pelo seu olhar do que pelo soco do salteador, soltei um grito, sem querer, e perdi os sentidos.

Ao cabo de algum tempo, voltei a mim e verifiquei que o homem de quimono de seda azul tinha ido embora. Vi apenas o meu marido, ainda amarrado ao pé do cedro. Levantei-me a custo, entre as folhas de bambu, e encarei-o. A expressão dos seus olhos era a mesma de antes.

Além do desprezo frio, havia ódio neles. Vergonha, mágoa e furor... não sei como dizer o que houve no meu coração naquele momento. Pondo-me de pé, aproximei-me do meu marido e disse-lhe:

— "Taquehiro, como as coisas chegaram a este ponto, já não posso viver com você. Estou decidida a morrer... mas você tem de morrer também. Você viu a minha vergonha: não posso deixá-lo vivo."

Foi o que eu pude dizer. Ele continuava a ficar-me com asco e desprezo. Com o coração a estralar, procurei a espada dele. Devia ter sido roubada pelo saltador, pois não vi no bosque nem a espada, nem o arco, nem as flechas. Felizmente a minha espadazinha estava no chão, a meus pés. Vibrando-a no ar, disse-lhe mais uma vez: — "Agora, dê-me a sua vida. Vou segui-lo sem demora."

Ao ouvir estas palavras, ele moveu os lábios a custo. Como a sua boca estivesse cheia de folhas de bambu, naturalmente não lhe pude ouvir a voz de modo algum. No entanto, pelo olhar compreendi as suas palavras. Desdenhoso, aquele olhar dizia-me apenas: — "Mare-me," entre consciente e inconsciente, cravei-lhe no peito a espadazinha através do quimono lílãs.

Devo ter perdido de novo os sentidos nesse momento. Quando conseguí levantar os olhos, já ele tinha expirado, ainda amarrado pela corda. Um raio do sol poente, que penetrara através dos bambus e dos cedros, iluminou-lhe o rosto pálido. Reprimindo o soluço, fui desamarrar o seu cadáver. E... e o que me aconteceu depois, não tenho coragem de lhes dizer. Seja como for, não tive coragem para matar-me. Cravei a espadazinha na garganta, atirei-me a um agude, procurei acabar com a vida de várias maneiras. Incapaz de matar-me, ainda estrou viva, vivendo na desonra. (*Sorriso desolado.*) Indigna que sou, devo ter sido abandonada mesmo pelo Kwannon,¹ mais piedoso. Marei o meu marido, fui violada pelo saltador. (Que posso fazer? Que posso... que posso... (*Soluzo cada vez mais violento.*))

HISTÓRIA DO ASSASSINADO, SEGUNDO FOI CONTADA ATRAVÉS DE UM MÉDIUM

VIOLADA MINHA MULHER, o saltador, sentado ao lado dela, principiou a dizer-lhe palavras confortadoras. Eu, é claro, não podia falar. Tinha o corpo fortemente agarrado ao tronco de um cedro. Mas nesse meio tempo pisquei o olho várias vezes para ela, como para dizer: — "Não acredite no ladrão." Desejava fazê-la entender algo

¹ Kwannon: deus auxiliar de Budá; personificação da Piedade.

parecido. Porém minha esposa, sentada nas folhas de bambu, com ar abatido, olhava só para o próprio regaço. Segundo todos os indícios, ela escutava as palavras do homem. Enquanto eu sofria as torturas do cume, o saltador continuava a sua conversa insinuante, pulando de um assunto para outro, até que afinal se saiu com esta proposta atrevida e desavergonhada: — "Uma vez que a sua virtude está manchada, não poderá mais entender-se com o seu marido: não preferiria ser minha mulher? Foi o amor que você me inspirou que me fez violá-la."

Enquanto assim falava o criminoso, minha esposa levantou o rosto como que em êxtase. Nunca parecera tão bela como naquele instante. (Que foi que a minha linda esposa respondeu, enquanto eu sofria amarrado ao tronco da árvore? Estou perdido no espaço, mas não posso lembrar-me de sua resposta sem ter um acesso de fúror e de cume. Na verdade, ela disse: — "Então, leve-me consigo para onde você for.")

Corruído, o crime dela não acaba aqui. Se fosse apenas isso, eu não sofreria tantos tormentos nestas trevas. Ao retirar-se do bosque, como que sonhando, com a mão na mão do saltador, de repente empalideceu, apontou-me a mim, que continuava amarrado ao tronco do cedro, e exclamou: — "Mare-o! Não posso casar com você, enquanto ele for vivo. Mare-o!" Gritou-o várias vezes, como se tivesse enlouquecido. Ainda agora essas palavras por pouco não me aterroram ao abismo sem fundo das trevas. Será que palavras tão odiosas já saíram de uma boca humana? Será que palavras tão malditas já chegaram a ouvidos humanos, uma só vez que seja? Uma só vez que seja... (*Grito súbito de escárnio.*) A estas palavras o próprio saltador empalideceu. — "Mare-o" — ela gritava, agarrada ao braço dele. Encarando-a fixo, ele não respondeu nem sim nem não... entretanto, mal tive tempo de pensar no que diria, já ele a tinha derubado com um soco, atirando-a entre as folhas de bambu. (*Outro grito de escárnio.*) Cruzando tranquilamente os braços, olhou para mim e perguntou: — "Que é que você quer fazer com ela? Quer matá-la ou salvá-la? É só fazer um sinal com a cabeça. Mare-a?" Só por causa dessas palavras eu gostaria de perdoar-lhe o crime que cometeu.

Enquanto eu hesitava, ela soltou um grito e correu para o fundo do bosque. O saltador quis agarrá-la, mas não conseguiu sequer tocar-lhe a manga do quimono.

JOSEPH CONRAD

Depois que ela foi embora, ele tomou-me a espada, o arco e as flechas. De um só golpe cortou a corda que me prendia. Lembro-me de que murmurei: — "O meu fim está próximo." E desapareceu do bosque. Tudo, então, ficou silencioso. Isto é, ouvi alguém chorar. Desamarrando inteiramente a corda, escutei com atenção e verifiquei que era o meu próprio choro. (*Longa pausa.*)

Ergui o corpo exausto. Brillava a meus pés a espadazinha que minha esposa deixara cair. Apanhei-a e cravei-a no peito. Subiu-me à boca um coágulo de sangue, mas não senti dor. Quando o meu peito esfriou, tudo estava silencioso como os mortos em seus túmulos. (Que silêncio profundo! Nem um trino de pássaro se ouvia no céu acima daquele túmulo no meio das montanhas. Nos montes e nos bambus demorava-se ainda uma luz solitária. Aos poucos, foi-se extinguindo, até que perdi de vista os cedros e o bambual. Um silêncio profundo me envolvia.)

Foi quando alguém se aproximou. Procurei ver quem era, mas as trevas já se tinham aglomerado em redor de mim. Alguém... esse alguém, com sua mão invisível, tirou brandamente a espadazinha do meu peito. Naquela instante senti outra golfada de sangue na boca. E para todo o sempre mergulhei nas trevas do espaço.

A BIOGRAFIA do polonês Jozef Theodor Konrad Nalecz Korzeniowski (1857-1924), que, com o nome de Joseph Conrad, se tornou escritor inglês dos mais admirados, é rica em reviravoltas surpreendentes.

Nasceu em Berdichev, na província da Podólia, filho de Apollo Korzeniowski, proprietário de terras e escritor liberal, tradutor de Shakespeare e de Victor Hugo. Pouco tempo depois de seu nascimento, patriotas da Polónia, dividida entre a Rússia, a Alemanha e a Austria, tentaram mais um levante, no qual o pai de Jozef Theodor ficou envolvido também. Castigado com desterro, perdeu ele a mulher no exílio em 1865, e morreu em 1869, de uma doença contraiída durante os anos da sua pena. Criado por um tio, o órfão continuou os estudos em Cracóvia até 1873, quando, obedecendo a misterioso impulso, resolveu tornar-se marujo. Engajando em Marselha, passou quatro anos como embarcado a bordo de navios franceses; depois, comprorado num contrabando de armas para a Espanha e acabrunhado por um amor infeliz, transferiu-se para a Grã-Bretanha. De 1878 a 1894

percorreu mar após mar, primeiro como ajudante, depois como imediato, e, por fim, como comandante de veleiros da marinha mercante britânica, conquistando experiência sem igual nas seus contatos com homens de todas as raças e nacionalidades dos cinco continentes. Naturalizou-se inglês em 1886.

A vocação literária declarou-se-lhe tão imprevisista quanto a vocação marítima: de repente abandonou o mar e com exemplar dedicação se entregou às letras, não tardando a alcançar considerável êxito de crítica. O êxito junto ao público foi bem mais lento. Conrad teve de suportar perdores difíceis e acabou auxiliado com uma pensão do governo. Alcançou vitória decisiva com *Chance*, em 1914, seguida pela reedição de toda a sua obra. Desde então tem seu lugar assegurado entre os clássicos da literatura inglesa.

Que Jozef Theodor, tão cedo desligado da sua terra natal, não tivesse escrito suas obras em polonês, compreende-se facilmente, por se haver o seu pendor artístico revelado dois decênios após a sua arrancada violenta à gléba natal. É menos óbvio

— É pintor, não?

— Bela arte, a sua: só pinta cadáveres! Assim que alguém morre em Constantinopla, ou aqui pelos arredores, já ele está com o retrato do defunto pronto, no mesmo dia. O malandro já desenha de antemão — e nunca se engana, esse abutre!

A senhora polonesa deu um grito de susto: a filha caíra-lhe nos braços, desmaiada e branca de cera.

Já o noivo se despencara escada abaixo e com uma das mãos apanhara o grego pelo peito, enquanto com a outra tentara arrastar-lhe a pasta de desenho.

Corremos, depressa, atrás dele. Já os dois homens rolavam na areia.

A pasta caíra aberta e as folhas se espalharam. Via-se numa delas, desenhada a lápis, a cabeça da jovem polonesa — de olhos fechados e, na frente, uma grinalda de mirto.

GUY DE MAUPASSANT

ENQUANTO o criador do romance moderno, Balzac¹, morria em Paris, no castelo de Mirmesnil nascia o renovador do conto, Guy de Maupassant (1850-1893).

Filho de pais abastados, Maupassant concluiu os estudos secundários em Ruão. Entrando, pouco depois, na carreira das armas, tomou parte na desastrosa guerra franco-alemã e assistiu à debandada do exército francês. O desmoronamento do Segundo Império coincidiu com a ruína de seus pais, aliás desavindos e separados havia tempo; o desiludido ex-combatente julgou-se feliz em conseguir um lugar de amanuense no Ministério da Marinha. Não tardou em sentir-se desambientado naquele meio burocrático, pois desde cedo nutria pretensões literárias; para fugir ao tédio e ao desalento, cada fim de semana ia remar num barquinho sobre o Sena e o Marne. Essas três experiências — a guerra, a vida burocrática, a

alegria dos desportistas boêmios em contato com o rio — viriam a fornecer assuntos para grande número de seus contos.

Teve o jovem escritor a sorte de encontrar um guia como talvez nenhum de seus predecessores. Flaubert², amigo íntimo da família de sua mãe, aconselhava-o desde os primeiros passos na literatura, apontando-lhe defeitos, impedindo-o de dar à publicidade produções imaturas, inculcando-lhe alto senso de responsabilidade artística e o amor ao trabalho. Submetia o rapaz a uma rígida disciplina de estilo: mandava-o, por exemplo, passear no campo, observar uma árvore até que ela se lhe afigurasse diversa de todas as demais e, de volta, descrever em cem linhas o que vira. Foi esse mestre incomparável, que o aproximou de jornais e editores, quem primeiro o saudou calorosamente, quando, em 1880, na coletânea As Noites de Mè-

¹ Acerca de Balzac, v. *Mar de Histórias*, vol. III, p. 85.

² Acerca de Flaubert, v. p. 218.

dan, organizada por alguns discípulos de Zola, Maupassant publicou sua primeira grande novela, "Bola de Sebo", a qual o celebrou de um dia para outro. Com a fecundidade do talento que encontrou o seu caminho e sente receptividade aos seus trabalhos, Maupassant escreveu em dez anos uns trezentos contos, além de seis romances, um volume de viagens, três de impressões de viagens, e algumas peças, sem falar em outras obras menos importantes. O êxito sem precedentes de seus contos e romances trouxe-lhe inesperada fama e riqueza. Desligou-se do Ministério da Instrução Pública, para onde fora transferido, mobilizou seu apartamento de Paris com luxo nababesco, comprou uma casa de campo no Mediterrâneo, adquiriu um iate, passou a frequentar os salões da aristocracia, teve grande número de viótórias amorosas — quando, de repente, a insidiosa doença que desde anos o minava se declarou em toda a força. Dores atrozes, tentativa de suicídio, a loucura, a paralisia progressiva, dezoito meses de vida meramente vegetativa num manicômio: eis o triste fim dessa existência deslumbrante, invejada por tantos contemporâneos.

³ Lanson e Tuffrau, *Histoire de la Littérature Française*, Paris, Hachette, 1952, p. 1090.

Maupassant morreu antes de completar quarenta e três anos de idade.

Nascera para ser escritor, e escritor naturalista. "Talento robusto antes que fino, sem necessidade de expansão simpática, sem inquietude intelectual, não tinha nem afeições nem idéias que o levassem a deformar a realidade; seu coração não reclamava uma ilusão, seu espírito não procurava demonstrações."⁴ Com intuição genial, percebe, em anedotas ouvidas por acaso, cenas mal entrevistas, casos contados, o germe de outros tantos contos. Observa a realidade com a funda atenção que lhe ensinou Flaubert, mas do que observou destaca apenas o essencial e conta-o com sobriedade enxuta e patética, sem comentários, desvios ou conclusões, com a insensibilidade de uma testemunha imparcial.

Nem todos consideram tal insensibilidade uma virtude. "Maupassant sabe pouco, lê pouco, compreende pouco" — escreve um de seus biógrafos, que por sua vez não parece tê-lo compreendido muito —, "não tem o dote da poesia, e impõe-se uma máscara impassível — motivos que o impedem de alargar o seu estilo, de criar novas

e misericordiosas comunicações entre ele e o público, de um lado, e ele e a beleza, do outro."⁴

Porém existe uma poesia involuntária, e talvez seja esta a mais autêntica. "Se alguém entre os poetas modernos mereça por excelência o nome de poeta ingênuo, parece-me que é o ultraparisiense, livre, malicioso, zombeteiro, sarcástico novelista Guy de Maupassant. In-gênuo e inocente à sua maneira, por isento de qualquer suspeita do que se chama espiritualismo e racionalismo humano, fé na verdade, pureza da vontade, austeridade do dever, concepção religiosa da vida, lutas morais e contrastes intelectuais, através de que tais ideais se elaboram e se mantêm."⁵

Assim continua a discussão em torno de Maupassant como se fora vivo. Por haver sido homem de apetites brutais, de sensualidade preponderante, e alheio a preocupações éticas, e metafísicas, e também por haver proclamado, um pouco por

bravata, escrever para ganhar muito dinheiro, e não ligar nenhuma importância à literatura, muitos críticos, sobretudo anglo-saxônicos, ainda hoje lhe recusam a qualidade de gentleman, e menosprezam-lhe a obra. "A sua extraordinária técnica e habilidade o tornam o virtual inventor do conto comercial, mas não possuía as qualidades morais e intelectuais de um grande escritor."⁶ Entretanto, outros autores não hesitam em colocá-lo entre os maiores. "Seus contos, vistos em conjunto, constituem uma suma épica do século XIX, como A Comédia Humana, de Balzac. Como esta, os contos de Maupassant contêm mais do que a mera representação realística da vida moderna: mergulham até às raízes da existência humana."⁷

Posto não desconhecemos as limitações do gênio de Maupassant, vemos nele um dos maiores cultores do conto. Ninguém possuiu tão nítida intuição das características do gênero, e tem razão Albert Thibaudet⁸ ao apontar que nunca

⁴ Paul Morand, *Vie de Guy de Maupassant*, Paris, Flammarion, 1942, p. 134.

⁵ Benedetto Croce, *Poesia e non Poesia*, 4.ª ed., Bari, Gius. Laterza, 1946, p. 301.

⁶ S. H. Steinberg, *Cassell's Encyclopaedia of Literature*, London, Cassell, 1953, vol. II, p. 1129.

⁷ Erwin Laaths, *Geschichte der Weltliteratur*, München, Droemersch Verlaganstalt, 1953, pp. 618-619.

⁸ Albert Thibaudet, *Histoire de la Littérature Française*, Rio, American Edit., s.d., vol. II, p. 107.

fez um romance com assunto de conto. Em consequência do ritmo rápido de sua produção, encontram-se-lhe nos volumes contos insignificantes ou não plenamente realizados, situações e assuntos repetidos, narrativas excessivamente arranjadas para um naturalista — mas, com tudo isso, a sua obra contém dúzias de contos esplêndidos, espécimes eternos do gênero, que se revelam melhores a cada releitura, e entre os quais é difícilíssimo operar uma seleção.

Entre outros, W. Somerset Maugham, discípulo dos mais notáveis do conista, procurou dar uma definição da fórmula maupassantiana do conto.⁹ O núcleo deste é, em geral, uma anedota. Com o estritamente necessário de palavras o autor suscita um ambiente, caracteriza às personagens. Arquitetando bem a história, dosando o interesse, desperta no leitor a avidez de saber o desfecho, e o faz, satisfeita a curiosidade, voltar (em pensamento pelo menos) a admirar os pormenores, sempre admiráveis, do desenvolvimento. Apesar de proclamarem-se realista, Maupassant

não copia a vida; arranja-a, dramatiza-a, sem que o leitor, sob o golpe da emoção, dê por isso.

Mais adiante, ao falar em Tchecov, referir-nos-emos à oposição que se costuma estabelecer entre a fórmula maupassantiana e a tchecoviana do conto.¹⁰ H. E. Bates, teórico e cultivador moderno do gênero, lembrou-se de enumerar os pontos em que as duas se parecem: a profunda curiosidade dos autores, sua economia de meios, a simplicidade do vocabulário, a variedade dos tons e das atmosferas, a indiferença dos conistas à moral aceita, a im-

personalidade da narração.¹¹ As histórias de Maupassant podem-se dividir em grupos, conforme o ambiente em que se desenvolvem. Já lembramos os contos "de guerra", "burocráticos" e "aquáticos". Acrescentaremos as cenas da vida dos camponeses normandos, em parte cômicas ou grotescas; as narrativas de caça e pesca, com excelentes evocações da natureza; as histórias "gaulesas", em que se mostra sucessor ora do cínico e alegre Boccaccio¹², ora do apaixonado e trágico Sten-

⁹ W. Somerset Maugham, *Tellers of Tales*, New York, Doran and Company Inc., 1939, p. XVIII.

¹⁰ No vol. V do *Mar de Histórias*, de próxima publicação.

¹¹ H. E. Bates, *The Modern Short Story*, London, Thomas Nelson & Sons Ltd., 1942, pp. 72 e segs.

¹² A respeito deste escritor, v. *Mar de Histórias*, vol. I, p. 196.

dhal¹³. Surprender-nos-ia, na obra desse desesperado incrível, o vultoso número de histórias fantásticas e sobrenaturais, os casos de alucinação, loucura e sadismo, se ignorássemos a terrível herança familiar que o levou à demência. Devemos, por fim, mencionar um fato estranho, observado pelo crítico René Dumesnil¹⁴: a décima parte dos contos, entre eles alguns dos melhores ("O Sr. Parenti", "O Campo das Oliveiras", "A Inútil Beleza"), e um dos seis romances (Pedro e João), focalizam o doloroso problema do filho adúltero abandonado pelo pai, "fruto de breves abraços e que — remorso ou consolação — sobrevive", problema vasculhado de todas as maneiras, quase sempre encarado sob o aspecto trágico. Supõe esse

erudito que tal obsessão deve prender-se a algum fato até agora desconhecido da biografia de Maupassant, algum episódio pungente da sua tempestuosa vida passional.

O mais recente dos biografos de Maupassant, Michael G. Lerner¹⁵, registra (embora sem lhes dar crédito) duas das posições mais divulgadas. Seguindo uma delas, teria tido o escritor com uma de suas numerosas amantes, Joséphine Li-tremann, três filhos, que deixou de legittimar e de criar; conforme outra, seria ele próprio filho ilegítimo — de Flaubert —, o que explicaria o interesse extraordinário que por ele tomou o grande romancista, facilitando-lhe a carreira quanto pôde.¹⁶

DOIS AMIGOS

PARIS ESTAVA bloqueada, faminta e arquejante. Tornavam-se muito raros os pardais nos telhados, e os esgotos despoavam-se. Comia-se o que se encontrava.

¹³ V., sobre Stendhal, *Mar de Histórias*, vol. III, p. 47.

¹⁴ René Dumesnil, *Guy de Maupassant*, Paris, Armand Colin, 1933, p. 179.

¹⁵ Michael G. Lerner, *Maupassant*, London, George Allen and Unwin Ltd., 1975.

¹⁶ Utilizamos os textos seguintes: para o conto "Dois Amigos", *Made-moiselle Fifi*, Paris, Librairie Paul Ollendorff, s.d.; para "As Jóias", *Clair de Lune*, Paris, Librairie Paul Ollendorff, s.d.; e para "Felicidade", *Boule de Suif*, Paris, Ernest Flammarion Editeur, s.d.

Passando tristemente, por uma clara manhã de janeiro, ao longo do bulevar exterior, com as mãos nos bolsos da calça e o ventre vazio, de repente o Sr. Morissot, relojoeiro de profissão e chineleiro nas horas vagas, parou ante um colega, em quem reconheceu um amigo. Era o Sr. Sauvage, um conhecido trazido à beira da água.

Todos os domingos, antes da guerra, Morissot partia ao amanhecer, levando em uma das mãos uma vara de bambu e às costas uma caixa de folha-de-flandres. Tomava o trem de Argenteuil, descia em Colombes, e depois caminhava a pé em direção à ilha Marante. Mal chegava a esse lugar de seus sonhos, punha-se a pescar; pescava até à noite.

Todos os domingos encontrava ali um homenzinho atarracado e jovial, o Sr. Sauvage, merceeiro estabelecido na Rua de Nossa Senhora de Loreto, outro pescador fanático. Não raro passavam os dois a metade do dia lado a lado, com a linha na mão e os pés oscilando acima da corrente; e tomaram-se de amizade.

Em certos dias não trocavam uma palavra. Algumas vezes conversavam; mas entendiam-se admiravelmente sem dizer nada, pois tinham gostos semelhantes e sensações idênticas.

Na primavera, de manhã, pelas dez horas, quando o Sol rejuvenescido fazia flutuar sobre o rio tranqüilo essa pequena barrela que corre com a água, e derramava no dorso dos dois obstinados pescadores um bom calor de estação recente, por vezes Morissot dizia ao seu vizinho: — “Que doçura, hem?” — e o Sr. Sauvage respondia: — “Não conheço nada melhor.” E isto lhes bastava para se compreenderem e se estimarem.

No outono, ao fim do dia, quando o céu, ensangüentado pelo poente, lançava na água imagens de nuvens escarlates, pupurejava o rio inteiro, inflamava o horizonte, tornava rubras como o fogo e dourava, entre os dois amigos, as árvores já tostadas, tremes de um frêmito de inverno, o Sr. Sauvage fitava Morissot, a sorrir, e exclamava: — “Que espetáculo!” E Morissot, maravilhado, respondia, sempre com os olhos no seu flutuador: — “Isto é melhor do que o bulevar, hem?”

Mal se reconheceram, apertaram-se as mãos com energia, muito comovidos de se reencontrarem em circunstâncias tão diversas. O Sr. Sauvage, dando um suspiro, murmurou:

— Acontece cada uma!

Morissot, muito triste, gemeu:

— E que tempo! Hoje é o primeiro dia bonito do ano.

Com efeito, o céu estava inteiramente azul e repleto de luz.

Puseram-se a caminhar um ao lado do outro, meditativos e tristes. Morissot prosseguiu:

— E a pesca, hem? Que boa lembrança!

O Sr. Sauvage perguntou:

— Quando voltaremos a ela?

Entraram num pequeno café e tomaram juntos um absinto; depois, voltaram a passear pelas calçadas.

Súbite, Morissot se deteve:

— Mais um verde, não?

O Sr. Sauvage concordou:

— As suas ordens.

E entraram noutra casa de bebidas.

Ao saírem, achavam-se muito atordoados, transformados como pessoas em jejum cujo ventre está cheio de álcool. O tempo era doce. Uma brisa acariciante fazia-lhes cócegas no rosto.

O Sr. Sauvage, a quem o ar tépido acabava de embebedar, parou:

— E se a gente fosse lá?

— Lá, onde?

— A pesca.

— Mas onde?

— Ora essa! Em nossa ilha. Os postos avançados franceses ficam perto de Colombes. Eu conheço o Coronel Dumoulin; não de nos deixar passar facilmente.

Morissot estremeceu de desejo:

— Muito bem. De acordo.

E separaram-se para apanhar os seus instrumentos.

Uma hora depois, caminhavam juntos no meio da estrada. Alcançaram, afinal, a casa de campo ocupada pelo coronel. Este sorriu do pedido dos dois homens, e anuiu à fantasia deles. Prosseguiram seu caminho, munidos de passaporte.

Não tardou que transpusessem os postos avançados, atravessassem Colombes abandonada, e se vissem à margem dos pequenos vinhais que descem para o Sena. Eram cerca de onze horas.

Em frente, a aldeia de Argenteuil parecia morta. As eminências do Orgemont e do Sannois dominavam toda a região. A grande planície que vai até Nanterre estava deserta, completamente deserta, com suas cerejeiras nuas e suas terras cinzentas.

O Sr. Sauvage, apontando os címos com o dedo, murmurou:

— Os prussianos estão lá no alto!

E uma inquietação paralisava os dois amigos em face daqueleermo.

Os prussianos! Nunca eles tinham avistado nenhum, mas sentiam-nos ali desde meses atrás, ao redor de Paris, arruinando a França, pilhando, chacinando, esfomeando, invisíveis e todos poderosos. E uma espécie de supersticioso terror somava-se ao ódio que tinham a esse povo desconhecido e vitorioso.

— E se encontrássemos alguns deles, hem? — disse Morissot, balbuciante.

O Sr. Sauvage respondeu, deixando transparecer, a despeito das circunstâncias, esse gosto parisiense do gracejo:

— A gente lhes oferecia uma fritada.

Porém hesitavam em expor-se ao campo, intimidados pelo silêncio de todo o horizonte.

Por fim, o Sr. Sauvage decidiu-se:

— Vamos, a caminho! Mas com cautela.

E desceram a um vinhedo, curvados em dois, de rastos, valendo-se de moitas para se resguardarem, olhar inquieto, ouvido atento.

Faltava atravessar uma faixa de terra nua para ganharem a margem do rio. Puseram-se a correr; e, apenas atingiram a ribeira, agacharam-se entre os caniços secos.

Morissot colou o rosto ao chão para escutar se andava gente pelos arredores. Não ouviu nada. Estavam sozinhos, inteiramente sozinhos.

Serenaram-se e começaram a pescar.

Diante deles, a abandonada ilha Marante ocultava-se à ribeira oposta. A casinha do restaurante achava-se fechada, parecia desamparada desde anos.

O Sr. Sauvage pescou a primeira cavala. Morissot apanhou a segunda, e de momento levantavam as linhas com um bichinho prateado a saltitar na extremidade do fio: verdadeira pesca milagrosa.

Introduziram delicadamente os peixes numa rede de malhas muito apertadas, mergulhada a seus pés. E uma alegria deliciosa os penetrava, essa alegria que nos domina ao reencontrarmos no gozo de um prazer amado de que fomos privados por muito tempo.

O bom Sol destilava-lhes o seu calor entre as espáduas; já não ouviam nada, já não pensavam em nada; ignoravam o resto do mundo: pescavam.

De repente, porém, um ruído surdo, que parecia vir de sob a terra, fez tremer o solo. O canhão voltava a troar.

Morissot voltou a cabeça, e avistou acima da ribanceira, além, à esquerda, o grande perfil do Mont-Valérien, que trazia na fronte um penacho branco, um vapor do pó que acabava de cuspir.

E logo um segundo jacto de fumaça partiu do cimo da fortaleza; e alguns instantes depois ribombou nova detonação.

Seguiram-se outras, e a cada instante a montanha golfava a sua exalação de morte, soprava os seus vapores leitosos, que se erguiam com lentidão no céu calmo, formavam acima dela uma nuvem.

O Sr. Sauvage ergueu os ombros:

— Lá continuam eles.

Morissot, que via, com ânsia, submergir-se pouco a pouco a pluma do seu flutuador, foi subitamente assaltado de uma cólera de homem plácido contra aqueles endemoninhados que se batiam assim, e resmungou:

— É preciso ser estúpido para matar desse jeito!

— São piores que animais — observou o Sr. Sauvage.

E Morissot, que acabava de pegar uma mugem:

— E dizer-se que será sempre assim, enquanto houver governos!

O Sr. Sauvage o deteve:

— A República não teria declarado guerra...

Morissot interrompeu-o:

— Com os reis, temos a guerra fora de portas; com a República, temos a guerra dentro de casa.

E pegaram tranqüilamente a discutir, ferindo os problemas políticos com uma razão sadia de homens mansos e limitados, acordos quanto a este ponto: nunca se teria liberdade. E o Mont-Valérien troava sem repouso, demolindo a balanças de artilharia casas francesas, triturando vidas, arrasando seres, aniquilando muitos sonhos, muitas esperadas alegrias, muitas felicidades prometidas, abrindo em corações de esposas, em corações de mães, além, noutras terras, sofrimentos que não mais teriam fim.

— É a vida — declarou o Sr. Sauvage.

— Diga antes que é a morte — replicou Morissot a rir.

Mas estremeçeram de espanto, sentindo claramente que alguém acabava de caminhar, atrás deles; e voltando os olhos, avistaram às suas costas, em pé, quatro homens, quatro homenzarrões armados e barbudos, vestidos de libré como lacaios, e com bonés chatos, mantendo-os em frente na extremidade dos seus fuzis.

As duas linhas escaparam-se-lhes das mãos e começaram a descer o rio.

Em alguns segundos foram eles agarrados, presos, arrebatados, metidos numa barca e transportados à ilha.

E atrás da casa que tinham julgado abandonada avistaram uns vinte soldados alemães.

Uma espécie de gigante peludo, que fumava, a cavalo numa cadeira, um grande cachimbo de porcelana, perguntou-lhes, em excelente francês:

— Então, senhores, fizeram boa pesca?

Aí, um soldado depôs aos pés do oficial a rede cheia de peixes, que tivera o cuidado de trazer. O prussiano sorriu:

— Ah! ah! pelo que vejo, a coisa não ia mal. Mas o caso é outro. Escutem-me e não se perturbem. Para mim os senhores são dois espíões mandados para me espreitarem. Eu os prendo e fuzilo. Os senhores fingiam pescar para melhor dissimular os seus propósitos. Cairam em minhas mãos, tanto pior para os senhores; é a guerra. Mas, como saíram pelos postos avançados, têm decerto uma palavra de ordem para entrar. Digam-me essa palavra de ordem, e eu lhes perdoarei.

Lávidos, um ao lado do outro, com as mãos agitadas por leve tremer nervoso, os dois amigos mantinham-se calados.

O oficial continuou:

— Ninguém o saberá nunca, os senhores voltarão calmamente. O segredo desaparecerá com os senhores. Se recusarem, morrerão, e imediatamente. Escolham.

Eles permaneceram imóveis, sem abrir a boca.

O prussiano, sempre calmo, prosseguiu, apontando para o rio:

— Imaginem que em cinco minutos estarão no fundo daquela água. Em cinco minutos! Os senhores têm parentes, não?

O Mont-Valérien não cessava de atroar.

Os dois pescadores continuavam em pé, e silenciosos. O alemão deu ordens na sua língua. A seguir, mudou de lugar a cadeira, para não ficar muito perto dos prisioneiros; e doze homens se vieram colocar a vinte passos, de fuzil ao pé.

O oficial prosseguiu:

— Dou-lhes um minuto, nem dois segundos mais.

Depois, ergueu-se de supetão, aproximou-se dos dois franceses, segurou Morissot pelo braço, arrastou-o para mais longe, disse-lhe em voz baixa:

— Depressa, a palavra de ordem? Seu companheiro não sabe nada de coisa alguma; eu darei a impressão de ter ficado decidido.

Morissot não respondeu nada.

Então o prussiano arrebatou o Sr. Sauvage e propôs-lhe a mesma coisa.

O Sr. Sauvage não respondeu.

Ficaram de novo os dois lado a lado.

E o oficial entrou a dar voz de comando. Os soldados ergueram as armas.

Então o olhar de Morissot caiu, por acaso, sobre a rede cheia de cavalas, que ficara na grama, a alguns passos dele.

Um raio de sol fazia brilhar o monte de peixes, que ainda se agitavam. Sentiu invadi-lo um desfalecimento. Apesar dos seus esforços, os olhos se lhe encheram de lágrimas. Balbuciou:

— Adeus, Sr. Sauvage.

O Sr. Sauvage respondeu:

— Adeus, Sr. Morissot.

Apertaram-se as mãos, abalados da cabeça aos pés por invencíveis tremores.

O oficial gritou:

— Fogo!

Os doze tiros foram como um só.

O Sr. Sauvage caiu em cheio sobre o nariz. Morissot, mais alto, oscilou, girou e desabou em cima do companheiro, com o rosto para o céu, enquanto de sua túnica, crivada no peito, se escapavam borbotões de sangue.

O alemão deu novas ordens.

Seus homens se dispersaram, e voltaram depois com cordas e pedras, que ataram aos pés dos dois mortos; em seguida, levaram-nos à ribanceira.

O Mont-Valérien não parava de ribombar, toucado, agora, de uma montanha de fumaça.

Dois soldados seguraram Morissot pela cabeça e pelas pernas; dois outros pegaram o Sr. Sauvage de modo idêntico. Os corpos, balançados com força por um instante, foram atirados ao longe, descreveram uma curva, depois mergulharam no rio, a prumo, arrastados pelas cordas.

A água esguichou, borbulhou, estremeceu, acalmou-se por fim, enquanto pequeninas vagas vinham até às margens. Flutuava um pouco de sangue.

O oficial, sempre sereno, disse a meia-voz:

— Agora é a vez dos peixes.

E tornou para casa.

De repente avistou na grama a rede com as cavalas. Apanhou-a, examinou-a, sorriu, gritou:

— Wilhelm!

Acorreu um soldado de avental branco. E o prussiano, atirando-lhe a pesca dos dois fuzilados, ordenou:

— Trate de me fritar quanto antes estes bichinhos, enquanto ainda estão vivos. Será uma delícia.

E voltou a fumar o seu cachimbo.

AS JÓIAS

TENDO ENCONTRADO aquela moça numa festa, em casa do seu subchefe de seção, o Sr. Lantim sentiu o amor envolvê-lo feito uma rede.

Era filha de um coletor de província, que morrera havia alguns anos. Viera depois morar em Paris em companhia da mãe, que frequentava algumas famílias burguesas do seu bairro na esperança de casar a menina. Eram pobres e honrados, quietos e afáveis. A moça parecia o tipo acabado da mulher de bem, a quem o jovem morigerado sonha confiar a vida. Havia na sua beleza modesta a graça de um pudor angélico, e o imperceptível sorriso que lhe pairava sempre nos lábios parecia um reflexo do seu coração.

Era louvada por toda a gente; todos aqueles que a conheciam levavam o tempo a repetir: — “Feliz o que se ligar a esta. Não se poderia encontrar melhor.”

O Sr. Lantim, então primeiro-amanuense do Ministério do Interior, com vencimentos anuais de três mil e quinhentos francos, pediu-a em casamento e a desposou.

Foi inverossimilmente feliz na escolha. Ela dirigia-lhe a casa com uma economia tão hábil que o casal parecia viver no luxo. Não havia atenções, delicadezas, mimalices que ela não tivesse com o marido; e tão grande era a sedução de sua pessoa que, seis anos depois de se haverem encontrado, ele a amava ainda mais do que nos primeiros dias.

Somente duas paixões lhe censurava ele: a do teatro e a das jóias falsas.

Suas amigas (ela conhecia algumas mulheres de modestos funcionários) estavam sempre a lhe arranjar camarotes para as peças em voga, e até para as primeiras representações; e ela arrastava o marido, a gosto ou a contragosto, para essas diversões, que o fatigavam horrosamente após o seu dia de trabalho. Assim,

ele pediu-lhe consentisse em ir ao espetáculo com alguma senhora de suas relações, que a traria de volta. Não foi sem longa relutância que ela cedeu, não lhe parecendo muito certa essa manei-ra de agir. Decidiu-se, afinal, por complacência, com o quê o tornou infinitamente grato.

Ora, esse gosto do teatro não tardou a despertar-lhe a necessidade de se enfeitar. Suas vestes, é verdade, continuavam a ser muito simples, sempre de bom gosto, porém modestas; e sua doce graça, sua graça irresistível, humilde e sorridente, parecia adquirir novo sabor com a simplicidade dos vestidos; ela, no entanto, contraiu o hábito de pendurar nas orelhas dois grossos seixos do Reno que simulavam diamantes, e usava colares de pérolas falsas, braceletes de pechisbeque, pentes ornados de variadas miçangas imitantes a pedras finas.

O marido, a quem chocava um pouco essa paixão da lentejoula, repetia de vez em quando:

— Minha querida, quando a gente não tem meios de adquirir jóias verdadeiras, adorna-se apenas com a sua beleza e a sua graça: são estas, ainda, as jóias mais raras.

Ela, porém, sorria docemente e repetia:

— Que quer você? Isso me agrada. É o meu vício. Bem sei que você tem razão; mas ninguém muda a sua natureza. Eu, por mim, veneraria as jóias!

E fazia rolar entre os dedos os colares de pérolas, especialmente as facetas dos cristais lapidados, repetindo:

— Mas olhe como é bem-feito! Dá para se jurar que é verdadeiro.

Ele sorria:

— Você tem gostos de cigana.

As vezes, pela noite, quando se achavam face a face ao canto da lareira, ela trazia para a mesa onde tomavam o chá a caixa de marroquim em que guardava a “pacotilha”, como lhe chamava o Sr. Lantim; e punha-se a examinar aquelas jóias imitadas com uma atenção ardente, como se saboreasse um gozo secreto e profundo; e teimava em cingir com um colar o pescoço do marido, para rir depois gostosamente, exclamando:

— Como você está engraçado!

E atirava-se-lhe aos braços, beijando-o perdidamente.

Certa noite de inverno, ela voltou da Ópera tremendo de frio. No dia seguinte começou a tossir. Oito dias depois, morria de uma congestão pulmonar.